UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

Quem sou eu? Quem é você?
Será que a gente pode se entender?

**As representações no ensino/aprendizagem do espanhol
como língua estrangeira**

Hélade Scutti Santos

**São Paulo
2005**

*Aos meus pais, por terem me incentivado
sempre a estudar.*

*A todos os meus alunos, já que são eles a
razão de ser deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

A Neide T. Maia González que, além de orientadora dedicada e sempre presente, é amiga fiel das que se leva pela vida afora. É também das melhores professoras que tive na vida e servirá sempre como inspiração e estímulo em minha atuação profissional.

A Maite Celada e Adrián Fanjul por terem acompanhado meu trabalho de forma atenta e generosa e terem me conduzido por percursos teóricos fundamentais. Agradeço também pelas leituras indicadas e pelos livros emprestados.

A Cláudia Lemos pelas aulas inesquecíveis, pelas reflexões tão valiosas e tão prazerosas e por ter me introduzido de forma definitiva nas searas da psicanálise.

Aos colegas Guillermo Loyola e Ana Maria por terem permitido que seus alunos fossem informantes nesta pesquisa.

Aos amigos todos, mas principalmente a Andréa Silva Ponte, Marcio Funcia e Graciela Foglia, que me ouviram pacientemente falar sobre meu trabalho e acompanharam seu desenvolvimento desde o início.

A Julio Groppa Aquino, porque além primo querido, foi aos poucos se tornando um grande amigo e foi sempre exemplo e referência acadêmica.

A Wilson Alves Bezerra pela interlocução valiosa.

A Fernando Stump pela atenção e o interesse com que sempre se dispôs a longas conversas acadêmicas, apesar de nossas pesquisas pertencerem a universos teóricos tão distantes, e por ter vivido comigo uma das fases mais difíceis do processo, a fase da escrita.

Eu quisera ver o mundo

Carlos Drummond de Andrade

Eu quisera ver o mundo
como o vê Sérgio Bernardo:
ver, no mundo, os muitos signos
que vigiam sob as coisas.

Sentir, sob a forma, as formas,
os segredos da matéria,
mais a textura dos sonhos
de que se forma o real.

Ver a vida em plenitude
e em seu mistério mais alto;
decifrar a linha, a sombra,
a mensagem não ouvida
mas que palpita na Terra.
Eu quisera ter os olhos
que assim penetram o arcano
e o tornam (poder da imagem)

um conhecimento humano.

(Carlos Drummond de Andrade. *Amar se aprende amando*. Rio de Janeiro, Record/Altaya, 1987. p. 56-57.)

RESUMO

A partir de uma pesquisa empírica com estudantes de espanhol de diferentes estágios e distintas instituições e modalidades de ensino, este trabalho procura traçar as principais representações que brasileiros, aprendizes de espanhol como língua estrangeira, têm de si mesmos e do outro —neste caso, especificamente espanhóis e argentinos—, bem como da própria língua e da língua que estão estudando —neste caso o espanhol, especialmente nas variedades faladas na Espanha e na Argentina. A partir das respostas dadas aos testes formulados, faz-se uma análise semântico-enunciativa tanto da adjetivação quanto das construções sintático-discursivas mais recorrentes nos enunciados produzidos pelos estudantes. Esta análise se apóia teoricamente sobre os modelos da teoria da enunciação e da análise do discurso e permite, após passar por diferentes níveis, chegar às principais representações e identificar um modo de enunciar marcado por contornos e evasivas, que evita a afirmação direta e taxativa, razão pela qual foi classificado como oblíquo. Por fim, considerando que a linguagem tem para o sujeito uma dimensão social e outra afetiva, dimensões essas que põem em jogo sua identidade/alteridade social e lingüística, procura-se formular hipóteses sobre a relação que há entre as representações e a aprendizagem do espanhol como língua estrangeira. Sendo assim, tanto as materialidades lingüísticas do português e do espanhol postas em contato quanto o imaginário brasileiro sobre cada uma das línguas e sobre seus falantes devem ser responsáveis por certas respostas no encontro com o estrangeiro e na aprendizagem de sua língua.

Palavras-chave: representações, língua espanhola, ensino/aprendizagem de língua estrangeira, identidade sócio-cultural e lingüística, análise do discurso.

ABSTRACT

Based on an empirical research with Spanish students of different levels and different institutions and courses format, this work aims to define the main **representations** that Brazilians, students of Spanish as foreign language, have of themselves and of the other—in this case, specifically Spaniards and Argentinians—, and also of their own language and of the language that they study—in this case Spanish language, specially the varieties spoken in Spain and Argentina. Examining the query answers, the most recurrent adjectives and syntactic-discursive constructions found are analysed on a semantic and enunciative point of view. This analysis is supported by the theory of enunciation and the discourse analysis and allows getting to the main representations and identifying a kind of enunciation in the students' texts full of evasions that avoid straight affirmations. That is the reason to call it oblique enunciation. Moreover, considering that for the subject the language has social and affective dimensions—related to social and linguistic identity/alterity—, some hypothesis about the relationship between representations and learning Spanish as foreign language are formulated. If so, the contact of Spanish and Portuguese linguistic materiality and the Brazilian imaginary about each language and its speakers arouse particular responses in the study of the foreign language and in the encounter with foreigners.

Keywords: representations, Spanish language, foreign language teaching/learning, socio-cultural and linguistic identity, discourse analysis.

RESUMEN

A partir de una investigación empírica con estudiantes de español de diferentes niveles y distintas instituciones y modalidades de enseñanza, este trabajo se propone trazar las principales **representaciones** que los brasileños, aprendices de español como lengua extranjera, tienen de sí mismos y del otro —en este caso, específicamente españoles y argentinos—, como también de la propia lengua y de la lengua que están estudiando —en este caso el español, especialmente en sus variedades habladas en España y en Argentina. A partir de las respuestas obtenidas en los test, se hace un análisis semántico-enunciativo tanto de la adjetivación como de las construcciones sintáctico-discursivas más frecuentes en los enunciados que han producido los estudiantes. Este análisis está apoyado teóricamente sobre los modelos de la teoría de la enunciación y del análisis del discurso y permite, después de haber pasado por diferentes niveles, llegar a las principales representaciones e identificar una forma de enunciar marcada por rodeos y evasivas, que evita la afirmación directa y taxativa; razón por la que se la denominó enunciación oblicua. Por fin, considerando que el lenguaje tiene para el sujeto una dimensión social y otra afectiva, dimensiones estas que ponen en juego su identidad/alteridad social y lingüística, se intenta formular hipótesis sobre la relación que existe entre las representaciones y el aprendizaje de español como lengua extranjera. Así, tanto las materialidades lingüísticas del portugués y del español puestas en contacto como el imaginario brasileño sobre cada una de las lenguas y sobre sus hablantes pueden ser responsables por ciertas respuestas en el encuentro con el extranjero y en el aprendizaje de su lengua.

Palabras clave: representaciones, lengua española, enseñanza/aprendizaje de lengua extranjera, identidad socio-cultural y lingüística, análisis del discurso.

SUMÁRIO

Apresentação	09
As partes do trabalho	15
Capítulo 1 – O experimento: procedimentos	17
Capítulo 2 – A análise	22
1. Os encontros com a língua espanhola	22
1.1. Sobre onde estudar espanhol	22
1.2. Sobre viagens e contatos com o mundo hispânico	29
2. As divisões imaginárias da língua espanhola	32
3. A adjetivação nas imagens de si e do outro	33
3.1. Dos países	35
3.2. Dos povos	38
3.3. Das línguas	60
4. Os meandros da estrutura e do discurso	78
4.1. No plano da sintaxe	85
4.1.1. Adversidade e concessão	86
4.1.2. Modalização	91
4.1.3. Causalidade e explicação	95
4.1.4. Comparação	99
4.2. Ressonâncias discursivas e efeitos de sentido	102
4.3. O olhar do observador	112
Capítulo 3 – Ensaio interpretativo	122
Do amor ao ódio? A antropofagia	122
Identificação e desidentificação	140
Chegando ao fim	142
Referências Bibliográficas	144
Anexos	148

Apresentação

Quando se é, além de pesquisador, também professor ou aluno de cursos de língua estrangeira, acaba-se por colecionar experiências e casos, quase anedóticos e certamente inquietantes, que não cansamos de repetir, recontar e reinterpretar. Relato alguns que podem servir como desencadeadores da discussão que pretendo fazer neste trabalho.

No início do segundo semestre de 2004, por ocasião da minha estréia como professora da UFSCar, perguntei aos alunos do primeiro ano, que tinham feito no vestibular a opção pelo espanhol, o porquê de sua escolha. Um deles, entre outras respostas, afirmava ter escolhido o espanhol e gostar de estudá-lo por ser uma “língua sensual”. Tenha ou não relação com esta predicação —e penso que jamais se poderiam estabelecer relações tão unívocas—, o fato é que sua pronúncia e entonação estão entre as melhores da turma e se aproximam muito às de um falante nativo do espanhol, mais especificamente um falante da região do Rio da Prata.

Outro episódio desconcertante, esta parte da minha experiência como aluna, ocorreu durante um curso em cujas atividades estavam incluídas mini-aulas de aproximadamente 15 minutos, que eram dadas por cada um dos alunos e, posteriormente, comentadas pelo restante da turma. Ao terminar minha apresentação, uma das colegas afirmou que minha forma de falar e conduzir a aula era muito parecida com a de um de seus professores de língua estrangeira, com o qual afirmava ter tido uma experiência muito negativa. Sua reação foi ficando cada vez mais descontrolada, pois começou a me tratar de forma agressiva, a imitar o jeito do professor com o qual tinha tido essa experiência ruim, a falar em espanhol de forma caricata e desenfreada. Embora a professora do curso tentasse restabelecer o controle da discussão, pedindo que passasse ao português para que todos os alunos do curso pudessem entendê-la (havia estudantes de outras línguas estrangeiras que não falavam espanhol), a aluna não a obedecia, até que parou de falar e explodiu num choro nervoso. Teve que se retirar da sala e ser auxiliada por outros colegas da turma.

Há, ainda, uma última situação da qual não sou personagem, mas participo como observadora. Estando num curso de pós-graduação, um dos alunos, que havia

feito a graduação em língua espanhola na USP e tinha sido sempre dos bons alunos do curso, ao se expressar em espanhol diz “bueca” ao invés de *boca*. O estranhamento não foi apenas dos demais presentes, mas dele próprio, que parecia não reconhecer aquela palavra como fazendo parte da sua fala, como tendo saído da sua própria boca. Este tipo de “erros” cometidos por falantes proficientes na língua estrangeira não são infreqüentes e, muitas vezes, se aproximam muito de uma fala “intuitiva”, fruto de contatos iniciais ou superficiais com a língua.

Estas, entre tantas outras histórias de nossa experiência como professores ou alunos de língua estrangeira, deixam entrever que a relação com a linguagem tem uma dimensão que escapa ao controle, à intenção. Daí a dificuldade de descrever a fala, de analisar o discurso, de explicar os processos de aprendizagem de uma língua.

Com a língua materna, temos uma relação naturalizada e, portanto, somos, via de regra, incapazes de explicar por que se diz assim ou assado, isto é, temos dificuldade de nos distanciarmos para explicar o funcionamento da língua, seja no nível semântico, sintático ou discursivo, exceto que façamos dela um objeto de reflexão. Além disso, não temos qualquer memória do processo de aprendizagem da primeira língua e é como se ela sempre tivesse estado lá, como se tivéssemos nascido com ela (REVUZ, 1998: 215). Para os autores que consideram que a relação com a língua materna não é apenas cognitiva, mas que ela nos constitui como sujeitos e é através dela que estabelecemos nossa relação com o mundo, como Pereira de Castro¹ (s/d), a língua materna é “uma experiência única, impossível de ser esquecida, mesmo quando a julgamos perdida; mesmo se não a reconhecemos mais na superfície da fala, mesmo se falamos uma língua estrangeira”. Revuz (ibid.: 217), recordando a dimensão subjetiva da linguagem, afirma que “Muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional”, de modo que, para a autora (REVUZ, ibid.: 215):

“[...] a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância. Pode-se aprender uma língua estrangeira somente porque já se teve acesso à linguagem através de uma outra língua.”

¹ CASTRO, Maria Fausta Pereira de. “Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna”. (no prelo). Cópia fornecida pela autora

Se se entende que a linguagem e, mais especificamente, a língua materna é constitutiva da nossa subjetividade, deve-se pensar que “o encontro com novas línguas e culturas questionará, mobilizará, perturbará” (SERRANI, 2003: 285) a relação com o mundo e com a língua materna. O falante, ao entrar em contato com uma língua estrangeira, deverá colocar em movimento três dimensões: a cognitiva, já que a língua é objeto de conhecimento; a corporal, acionada pelas mudanças na produção sonora; e a “nossa relação com nós mesmos enquanto sujeito-que-se-autoriza-a-falar-em-primeira-pessoa” (REVUZ, *ibid.*: 217). Sendo assim, a língua não pode ser tomada nem somente como objeto de conhecimento e menos ainda como instrumento de comunicação. Para enunciar na língua estrangeira o sujeito terá necessariamente que se inscrever numa “rede de memórias discursivas” através de “processos identificatórios” (SERRANI, 1998), de modo que sua forma de se relacionar com o mundo perpassará outras discursividades.

Mas o que vêm a ser os tais “processos identificatórios” dos quais trata Serrani (1997, 1998, 2003) em vários de seus textos? A **identificação** é um conceito advindo da psicanálise e que está relacionado a “processos estruturantes que ocorrem no Eu (ou Ego, dependendo do autor consultado) através dos quais este internaliza relações com o mundo circundante, dando lugar a matrizes identificatórias” (CHNAIDERMAN, 1998: 48), o que significa que a identificação tem um elo com o social e o cultural e outro com a dimensão afetiva do sujeito. Para Freud (1969: 136), “a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto” e são as sucessivas identificações as responsáveis pelos traços do caráter do sujeito. Mannoni (1994: 196), seguindo pelo mesmo caminho, afirma que “se forma a personalidade mediante as identificações; primeiro, puramente identificações, depois, desidentificação e o que resta no caráter”.

Pode-se dizer que a identificação está dividida em identificação imaginária e identificação simbólica. Na primeira, a relação se estabelece entre o eu e as imagens do mundo, e o eu se identifica com as imagens nas quais se reconhece (SERRANI, 1998: 254). Na segunda, a relação se dá entre o significante e o sujeito do inconsciente (SERRANI, *ibid.*: 255) e a identificação se dá com discursos, modos de dizer, conjuntos de significantes.

Poderia se retornar aqui ao caso do estudante que afirmava estudar espanhol porque é uma língua “sensual”. Teria sua familiaridade e desenvoltura com a

fonética da língua alguma relação com essa predicação? Serviria sua intimidade com os sons da língua estrangeira como indício de processos identificatórios? Embora estas sejam perguntas sem resposta, devido à infinidade de fatores que interagem no processo de aprendizagem da/inscrição na língua estrangeira, pode-se dizer que tanto a identificação imaginária quanto a simbólica deverão ser acionadas no encontro com a segunda língua; pelo menos nos casos em que haja um deslocamento do falante em direção a ela. Sobre esse processo, que vai atuar sobre as bases constitutivas da subjetividade do sujeito, Serrani (ibid.: 257) afirma:

“A complexidade decorre, em parte, do caráter predominantemente contraditório do processo: de um lado é uma experiência mobilizadora em direção ao novo, mas, pelo mesmo movimento, ao serem solicitadas as bases mesmas da estruturação subjetiva e com isso a língua materna, a experiência mobilizadora mais determinante é a que afeta substancialmente as discursividades fundadoras, constitutivas do sujeito.”

Voltemos, então, ao caso da aluna que ficou fortemente afetada emocionalmente pela referência a uma experiência anterior dolorosa. Ao falar em espanhol, se notava que a aluna apresentava várias dificuldades. Não é possível dizer em que medida se podem estabelecer relações estreitas entre sua produção lingüística e essa experiência negativa no processo de aprendizagem, na relação com seu professor, mas certamente essa experiência mobiliza elementos afetivos importantes na relação com a língua, com formas de falar e modos de ensinar que podem agir sobre a fala e a escrita na língua estrangeira.

Se se afirma que a subjetividade do sujeito fica afetada nesse encontro, também as identidades sociais, culturais e lingüísticas serão mobilizadas, questionadas e reconfiguradas, já que o encontro com uma língua estrangeira tem como consequência o necessário encontro com o outro e com sua cultura, além de um particular encontro consigo mesmo, como outro, como visto de fora.

Carmen Backes (2000), em seu *O que é ser brasileiro?*, trata de questões relativas às **representações** e à **identidade** do ponto de vista da psicanálise. A autora (ibid.: 69) afirma que:

“Ao longo da história, as sociedades em geral ocupam-se, de uma forma ou de outra, com a construção de suas próprias representações globais. São idéias-imagens através das quais dão-se uma identidade e também elaboram-se modelos de identificação para seus membros.”

Deste ponto de vista, para Backes (ibid.: 89) a identidade coloca-se como uma “miragem necessária”, o que, do meu ponto de vista, explicita sua relação com

a imagem —ou as imagens— e, por outro lado, evidencia seu caráter idealizado e, de certo modo, ilusório; porém, necessário, já que ajudam a configurar o lastro que une o individual ao social.

No âmbito da antropologia, área do conhecimento que tem como objeto os diversos grupos sociais e suas relações, o conceito de **identidade social** é utilizado para

“(...) pensar, teoricamente, esse processo que pode ser definido como auto-atribuição de uma determinada imagem, maneira de ser ou característica que serve de moldura para a compreensão do mundo e de outros grupos sociais.” (BARBOSA, 1992: 125)

Neste processo de formação de uma identidade social, ganham peso tanto o contraste que se pode estabelecer entre o próprio grupo e os outros —contraste que funciona como cerne da discussão desta pesquisa e que funcionou como elemento desencadeador da produção textual dos estudantes— quanto as influências que este contraste pode sofrer dos mecanismos de poder e dominação ideológica que constituem a dinâmica social, política e econômica em que vivemos. A identidade se torna “(...) ela própria uma ideologia e uma forma de representação coletiva.” (OLIVEIRA, 1976, apud BARBOSA, *ibid.*: 127). Como afirma Barbosa (*ibid.*: 126):

“As identidades sociais são, portanto, construções culturais. Possuem um caráter não substantivo. Isto é, não têm uma contrapartida em entidades sociais reais. São categorias que funcionam como sistema codificador de uma vasta teia de relações. É um sistema de classificação que separa e ordena uma população numa série de categorias que se opõem e complementam. Elas são produzidas pelos diversos discursos que se entrecruzam no interior da sociedade e que lhe conferem um sentido de posição no conjunto do campo discursivo em função do contexto em que tais enunciados são aplicados.”

Como deixa claro o último trecho da citação, a identidade “se constrói na língua e através dela” (RAJAGOPALAN, 1998: 41), o que não permite separar a discussão das línguas e a relação com as línguas das questões identitárias. Daí o interesse que pode ter o estudo das representações sobre o próprio país, o próprio grupo e a própria cultura e sobre a cultura e os grupos sociais dos quais a língua estrangeira que é tomada como objeto de estudo faz parte.

Até o momento, procurei elencar alguns dos fatores que estão relacionados à aprendizagem da língua estrangeira e que funcionam como motivadores da pesquisa que realizei para a elaboração deste trabalho. Eles giram em torno da idéia de que a subjetividade do indivíduo está constituída pela linguagem e que é a linguagem que permite sua relação com o mundo, o que implica dizer que, na

relação com as línguas, pelo menos duas dimensões do sujeito são solicitadas: a **dimensão afetiva** e a **dimensão social**, ambas intimamente relacionadas aos processos de identificação aos quais já se fez referência e à constituição da identidade/alteridade lingüística, social e cultural do indivíduo.

Desse modo se configurou este estudo, que pretende analisar as representações que aprendizes brasileiros de espanhol como língua estrangeira têm do universo social, cultural e lingüístico com o qual estão entrando em contato, em contraste com o imaginário acerca da própria língua, da própria cultura e de si próprios.

É necessário deixar claro que não tenho a intenção de vincular a adjetivação e a predicação veiculadas pelos informantes às características das línguas, dos povos e dos países postos em questão e que o estudo das representações sobre a língua espanhola, seus falantes e os países onde é falada deve ter como contraponto necessário o estudos da auto-representação social, cultural e lingüística do brasileiro. A partir das relações que é possível estabelecer entre as auto-representações, se poderá aprofundar a discussão e entender melhor as representações sobre o outro e a língua estrangeira e ensaiar algumas hipóteses sobre o que orienta a relação com esse outro, cujo lugar está, neste trabalho, ocupado pelos espanhóis e argentinos e pela língua espanhola, ou mais precisamente nas variantes faladas por esses dois povos, tomadas aqui genericamente.

A título de exemplo, podemos voltar ao caso do estudante de pós que disse “bueca” por *boca*. A ditongação, presente na forma que irrompeu na fala desse aluno, faz parte de uma representação da língua espanhola que encontra motivação na própria materialidade lingüística, mas que pode acabar se projetando sobre lugares inusitados. No falante proficiente, com histórico de longo e intenso contato com a língua, se pressupõe que o imaginário já deveria estar reorganizado, constituído por outras imagens e que o próprio conhecimento da forma “correta” impediria que aparecesse a outra. Contudo, parece que as idéias-imagens —para fazer uso de um termo de Backes (ibid.)— têm um caráter inercial e, embora convivam com outras, possivelmente contraditórias e conflitantes, permanecem de algum modo e podem fazer irromper formas inesperadas, e até bizarras.

As partes do trabalho

Expus brevemente alguns dos mecanismos acionados na aprendizagem de uma língua estrangeira, e que têm participação central na escolha do objeto de pesquisa deste trabalho e na metodologia de análise. Passo, então, ao resumo do trajeto que o leitor fará a partir de agora.

No primeiro capítulo farei uma descrição dos procedimentos adotados na coleta de dados para a formação do corpus, assim como descreverei o perfil dos informantes e as características das instituições a que estavam vinculados. Justificarei, também, as opções feitas e algumas mudanças de percurso.

O Capítulo 2 é o mais longo deles, pois é nele que desenvolverei as análises do corpus. Inicialmente me deterei sobre as perguntas mais gerais feitas no início do questionário e que oferecem vários indícios para as análises que aparecem na seqüência. Posteriormente, tratarei da adjetivação utilizada pelos informantes para caracterizar argentinos, espanhóis e brasileiros, o português falado no Brasil, e as formas do espanhol faladas na Espanha e na Argentina. Passarei, então, a uma análise enunciativa do corpus, na qual explicitarei e analisarei as formas mais recorrentes, tanto no nível da sintaxe como no nível da enunciação e do discurso. Tratarei, em seguida, dos efeitos de sentido que ecoam das famílias parafrásticas que puderam ser compostas a partir de caracterizações e de processos enunciativos recorrentes. E, para encerrar esta etapa, analisarei as posições de sujeito mais freqüentes na enunciação, sobretudo nos enunciados sobre os brasileiros e o português falado no Brasil.

Finalmente, no capítulo 3, procurarei estabelecer relações entre as representações mais recorrentes, identificadas e analisadas no capítulo 2, e ensaiarei alguns caminhos interpretativos que podem ajudar a pensar o tipo de relação que o brasileiro estabelece com o outro, com a língua estrangeira e, em particular, com a língua espanhola.

Não há, neste trabalho, uma parte dedicada exclusivamente à exposição dos pressupostos teóricos e da metodologia que orienta as análises. Os aspectos teóricos serão detalhados ao longo do trabalho, de acordo com as exigências de cada um dos níveis de análise pelos que pretendo passar. Acredito que, desta

forma, o leitor poderá acompanhar melhor o percurso feito, do que se tivesse optado por expor inicialmente toda a teoria.

Capítulo 1

O experimento: procedimentos

Para levar a cabo esta proposta de pesquisa, elaborei questionários que deveriam ser respondidos por alunos que estavam iniciando o curso de espanhol e também por aqueles que estavam terminando o último estágio, de modo que, além de trabalhar sobre as já referidas representações, poderia verificar o impacto sobre as mesmas do ensino formal da língua em distintas instituições.

Foi elaborada uma primeira versão do questionário², que constava de três partes: na primeira foram incluídas perguntas de caráter mais genérico de contato com a língua espanhola e com hispano-falantes; na segunda parte os informantes deviam marcar, de uma lista de adjetivos apresentada, aqueles que acreditassem melhor caracterizar os falantes de espanhol, a língua espanhola, os espanhóis, a Espanha, o espanhol falado na Espanha, os argentinos, a Argentina, o espanhol falado na Argentina, os brasileiros, o Brasil e o português falado no Brasil; já na última parte deviam expressar livremente sua opinião sobre os espanhóis, os argentinos, os brasileiros, o espanhol falado na Espanha, o espanhol falado na Argentina e o português falado no Brasil³. Esta primeira versão foi respondida por alunos dos níveis Básico 1 e Superior 2 de um curso livre de espanhol do (doravante CL) e por alunos dos níveis Básico 1 e Aperfeiçoamento de um curso de extensão de uma universidade pública (doravante CE); somando um total de 51 informantes. Foi feita uma tabulação dos dados, sobretudo das respostas à segunda parte do questionário.

Após uma primeira análise das respostas obtidas, cheguei à conclusão de que a segunda parte induzia muito as respostas dos alunos, já que os adjetivos

² Em anexo, está reproduzida cada uma das versões do questionário.

³ É importante esclarecer que a escolha de analisar as imagens sobre a Argentina e a Espanha não está fundamentada sobre a idéia de que estes países são mais importantes que outros países hispânicos ou que o espanhol da Argentina ou o espanhol da Espanha sejam melhores do que os de outras regiões ou países, mas está baseada no fato de que estes são os dois países e as duas variedades lingüísticas que aparecem com maior evidência para os estudantes, algo que já havíamos detectado em pesquisas prévias a este projeto e que, de certa forma, o motivou. Também é possível detectá-la nas respostas dos estudantes às últimas versões do questionário, nas quais deviam responder que variedades da língua primeiro lhes vêm à cabeça quando pensam na língua espanhola. 25 de um total de 32 estudantes que responderam esta pergunta do questionário mencionaram a variante espanhola e a argentina.

Não desprezo o fato de que dentro de cada um dos países também há grande variação lingüística, o que torna as generalizações “espanhol da Espanha” e “espanhol da Argentina” pouco precisas do ponto de vista da sociolingüística, por exemplo; no entanto, para o tipo de estudo que realizo, a generalização é fundamental, pois é constitutiva da forma como se constroem os estereótipos e as imagens sobre este “outro” da língua espanhola. A generalização está no imaginário dos alunos e é com ele que estou trabalhando.

havia sido previamente selecionados, o que poderia interferir nas respostas mais livres que deviam dar na terceira parte. Além disso, a tabulação dos dados levou-me a pensar que uma análise quantitativa não seria de grande valia para o tipo de trabalho e de reflexão que pretendo fazer. Sendo assim, foi feita uma versão mais resumida, que excluía a segunda parte e que continha pequenos ajustes de redação para evitar ambigüidades. O questionário⁴ ficou, então, reduzido à primeira e à terceira partes e foi respondido por 8 alunos do primeiro ano de espanhol do curso de Letras de uma universidade particular (doravante UP).

Mais recentemente, com o objetivo de ampliar o leque de informantes e de contextos institucionais em que era feita a pesquisa, decidi solicitar a participação dos estudantes do primeiro e do quarto anos do curso de Letras de uma universidade pública federal (doravante UF). O questionário foi respondido por 16 estudantes do primeiro ano que cursavam o segundo semestre da disciplina de Língua Espanhola e por outros 16 estudantes que cursavam o quarto ano do curso. No entanto, esta última coleta de dados foi realizada de modo distinto das anteriores. Foi elaborada uma terceira versão do questionário⁵, em que foi alterada a ordem em que apareciam os temas sobre os quais deviam se manifestar; agora iniciando pelos brasileiros, ao invés de começar pelos espanhóis, e intercalando povos e variedades lingüísticas. O objetivo desta alteração foi o de verificar se a ordem poderia exercer algum tipo de influência nas respostas; sendo assim, metade dos estudantes respondeu a versão 2 e a outra metade a versão 3 do questionário. Os informantes não foram avisados sobre esta diferença.

A existência de diferentes versões do questionário e de diferentes procedimentos na coleta dos dados advém de uma tentativa de aperfeiçoar o processo, de adaptá-lo melhor aos objetivos da pesquisa e, também, de dar conta de hipóteses que foram sendo formuladas com o avanço das pesquisas e que não se apresentavam inicialmente.

Ao final da coleta de dados, dispunha de 91 informantes, pertencentes a instituições com perfis bem diferentes e realizando tipos de cursos também diferentes. Esta variedade tem como objetivo verificar se as representações sofrem influência das instituições às quais os estudantes estão vinculados e se há

⁴ Também está reproduzida em anexo.

⁵ Também em anexo.

coincidência ou não quando se trata de estudantes de grupos sociais e faixas etárias diferentes. Embora no questionário não estivessem incluídas perguntas que permitissem aferir estes últimos dados, é possível discorrer brevemente sobre as características mais gerais de cada uma das instituições, dos seus cursos e também do perfil dos alunos que os freqüentam.

O CL é um curso oferecido por uma instituição vinculada a um órgão público da Espanha que gere as políticas educativas e científicas do estado espanhol no Brasil. Sendo assim, os seus cursos estão vinculados institucionalmente ao governo espanhol, muito embora o seu quadro de professores esteja formado por pessoas de diferentes nacionalidades. Seus cursos estão destinados basicamente a adultos e o público que compõe o seu alunado é formado por profissionais de diversas áreas, em sua maioria funcionários de empresas privadas ou estudantes universitários, com alto nível de escolaridade e de classe média e classe média alta. A maioria deles menciona a necessidade ou a importância profissional do espanhol como razão para ter iniciado seus estudos. Muitos deles moram nas imediações da escola, que está situada num bairro de classe média alta da cidade de São Paulo.

O CE, como já foi dito, é também um curso livre, extracurricular, vinculado a uma universidade pública. O seu corpo docente está constituído por especialistas, na sua maioria bacharéis em língua espanhola. É um curso que tem como público principal os professores da rede pública de ensino e pessoas da terceira idade, já que tanto para um grupo quanto para o outro são oferecidos descontos de 50% nos valores cobrados, da mesma forma que para os alunos da habilitação em espanhol, que muitas vezes o fazem como reforço. Para estes últimos também sorteiam-se semestralmente 12 bolsas integrais. A comunidade universitária como um todo também ajuda a compor o alunado; além de que todos têm automática bolsa de 10%. Os alunos são também adultos, com idades bem variadas, embora haja uma presença mais marcante dos maiores de 60 anos, entre eles vários professores aposentados da rede pública de ensino. Em geral são alunos de classe média e de poder aquisitivo mais baixo que os alunos do CL. Afirmam, em sua maioria, fazer o curso de espanhol por razões pessoais (viagens, ocupar o tempo livre, ampliar conhecimentos) e familiares (descendentes de espanhóis, casados com hispânicos etc.). Está menos presente a pressão e a necessidade profissional.

Os outros dois grupos de informantes são alunos universitários do curso de Letras, ou seja, estão em processo de formação para serem professores de espanhol ou realizarem atividades profissionais com o idioma. O primeiro realiza sua formação em uma faculdade particular da zona leste da capital; bastante antiga (tem mais de trinta anos de existência), ainda que não seja muito conhecida. O curso de Letras Português/Inglês foi reconhecido pelo MEC em 1976, mas apenas recentemente, talvez em consequência do *boom* que sofreu o espanhol na década de 90, abriu-se o curso de Português/Espanhol, que ainda não foi reconhecido pelo MEC. Atualmente o curso conta com um grupo pequeno de alunos e, até o início de 2004, corria riscos de ser extinto. Embora tenha passado por uma reestruturação curricular recente, que reduziu o tempo de curso de 4 para 3 anos, contava, no momento em que as pesquisas foram realizadas, com a possibilidade de que os alunos cursassem os dois idiomas no primeiro ano e, a partir do segundo, optassem por inglês ou espanhol. Com a reestruturação do currículo e a redução do tempo do curso, a opção deve ser feita no momento do vestibular e, no caso de haver um número reduzido de matrículas, a faculdade opta por abrir apenas o curso de inglês para reduzir os custos com o pagamento do salário de professores. Os alunos são, em geral, adultos que realizam outras atividades profissionais, em sua maioria atividades que não exigem formação de nível superior. Portanto, fogem do padrão etário dos alunos universitários e são de classe média e classe média baixa.

A UF é uma instituição pública de ensino que completou 35 anos de existência e que abriga cursos de graduação e pós-graduação em diversas áreas do conhecimento. O curso de Letras, dos últimos a serem criados, existe desde 1996. Nele ingressam 40 estudantes por ano, sendo 20 para a licenciatura em inglês e 20 para a licenciatura em espanhol. Os alunos são, em sua maioria, de diversas cidades do interior de São Paulo e mais jovens, em média, que os alunos da UP. Os alunos do primeiro ano terminaram recentemente o ensino médio e, em geral, não têm outras atividades profissionais. Vários dos alunos do quarto ano já trabalham, a maioria deles como professor. Não pude aferir se há predominância de classe social. Acredito que deve haver maior variação que nos casos anteriores. É importante dizer que o processo de escolha da língua estrangeira é feito no vestibular e que muitos dos alunos do espanhol afirmaram ter tido como primeira opção o inglês e como segunda opção o espanhol.

Como se pode observar, o corpus é bastante heterogêneo, tendo contado, para a sua formação, com estudantes de faixas etárias e grupos sociais diferentes, de instituições bem diferentes e realizando tipos de cursos também diferentes. A intenção de ampliar ao máximo o caráter das instituições e o tipo de informantes da pesquisa é a de poder analisar em que medida há um imaginário comum, ou se suas características variam de acordo com a instituição, o tipo de alunos ou de curso que oferece. Acredito que não se possam estabelecer relações unívocas de causa e efeito considerando apenas as informações que foram apresentadas nesta seção, mas são dados que contribuem com a análise, já que ajudam a compor o lugar do qual falam estes informantes.

Capítulo 2

A análise

1. Os encontros com a língua espanhola

Passemos, assim, à análise do corpus propriamente dito. As perguntas da primeira parte do questionário procuravam verificar que tipo de experiência anterior os estudantes tinham tido com a língua espanhola e com seus falantes. Também lhes foi perguntado que país escolheriam para estudar espanhol e por quê. Nas duas últimas versões do questionário, foi incluída uma pergunta que procurava verificar como a língua espanhola está imaginariamente dividida e, dentro desta divisão, quais são os seus segmentos mais presentes. A exposição e os comentários dos resultados serão separados por instituição e, dentro de cada instituição, por estágio de curso dos alunos.

1.1. Sobre onde estudar espanhol

No CL, 10 alunos do nível Básico 1 e 17 do nível Superior 2 participaram da pesquisa. Quando perguntados sobre o lugar que escolheriam para estudar espanhol, do total de informantes, apenas 01 aluno do Superior 2 manifestou interesse de estudar no México, enquanto os outros 26 disseram que iriam à Espanha. Os argumentos utilizados foram: **o gosto pelo país, sua beleza, a curiosidade de conhecê-lo, o fato de ser um país europeu, o contato prévio com espanhóis no ambiente de trabalho**. Entre os mais recorrentes, sobretudo para os alunos do Superior 2 (7 menções), aparece a **bagagem ou riqueza cultural** desse país, tal como se observa no enunciado: “sua **cultura muito rica** me encanta” (grifo meu).

Aparecem ainda argumentos de caráter lingüístico que transcrevo a seguir. No grupo do Básico 1 apareceram as seguintes justificativas para ir estudar na Espanha: “**origem da língua**”, “**espanhol ‘original’**”, “melhor lugar para aprender a língua” e “para me livrar do argentino” (grifos meus). Este último enunciado chamou minha atenção pelo fato de o informante ter mencionado uma visita à Argentina e

seu contato prévio com os argentinos e tê-los qualificado de forma positiva. As justificativas dos alunos do Superior 2 são as seguintes: “gosto do jeito que eles falam”, “**berço da língua**”, “**espanhol puro**”, “**espanhol mais claro, correto** de se falar” (grifos meus).

Pode-se identificar, nesses primeiros enunciados, uma série de representações que podem ser condensadas em um **pré-construído** que vai se repetir, com igual ou menor força, nas respostas dos demais informantes e também nos enunciados da segunda parte do questionário: **língua original** $\Rightarrow^6$ **língua pura e língua correta**. De um dos enunciados do Superior 2 pode-se citar o seguinte trecho: “se fosse para um país da América do Sul, aprenderia o espanhol desse país, com as gírias locais e, para mim, isso não é tão interessante”. Parte-se, neste enunciado, do pressuposto de que o espanhol da Espanha está livre de gírias e expressões locais, o que, além das características de “pureza” e “correção” já citadas, lhe atribui um estatuto de **universalidade**.

Do CE, colaboraram com a pesquisa 10 alunos do Básico 1 e 14 do curso de *Perfeccionamiento*, somando 24 informantes. Todos os alunos do Básico 1 mencionaram a Espanha como país que escolheriam para estudar espanhol; um estudante citou também o Chile e um outro mencionou o Chile, o Uruguai, a Venezuela e a Argentina. Nos dois casos em que apareceram outros países, a Espanha ocupava o primeiro lugar da lista, como no seguinte enunciado: “Espanha, Chile, Uruguai, Venezuela, e/ou **até mesmo** Argentina” (grifo meu). Observa-se que a Argentina, além de aparecer no último lugar da lista, aparece introduzida por um “até mesmo” que não só a coloca numa posição pouco privilegiada no rol de escolhas possíveis, como parece manifestar um movimento de retirá-la de um lugar de exclusão e trazê-la a um lugar de possibilidade. Pode-se dizer, então, que ela ocupava, inicialmente e naturalmente —ou melhor, naturalizadamente—, o lugar da rejeição, da escolha não possível. Não é de pouca importância destacar que este mesmo informante diz, em uma questão anterior, que sua mãe é argentina.

Entre os alunos do *Perfeccionamiento*, aparecem 12 menções à Espanha, sendo uma delas acompanhada do México, outra de Cuba e uma terceira de “algum país da América do Sul”. Há dois estudantes que não citam a Espanha; um deles

⁶ Aproprio-me do símbolo matemático $\Rightarrow$, que significa **implica** ou **se... então**, para representar o que identifico como um pré-construído. Sendo assim, **se** se toma a língua ou uma variedade da língua como **original**, **então** ela é vista como **pura e correta**.

escolhe o México e o outro a Argentina. Sendo assim, embora a maioria (21 de 24) tenha mencionado a Espanha como país onde gostariam de estudar espanhol, o número de possibilidades aumentou bastante em relação aos alunos do CL; o que pode estar relacionado ao peso institucional que a Espanha tem para este curso, como já mencionei anteriormente.

Entre as justificativas apresentadas pelos alunos do Básico 1 do CE estão: **experiência anterior positiva, atração ou gosto pelo país, pela sua beleza, por ser um país europeu, por motivos familiares, por razões culturais, históricas e turísticas**. Não aparece nenhuma menção direta à língua ou à variedade lingüística, mas parece-me relevante mencionar a justificativa do estudante cujo enunciado transcrevi logo acima e que menciona uma lista de países onde gostaria de estudar: “Espanha, pelo **valor cultural, histórico e turístico**. Chile, Uruguai, Venezuela, Argentina, **pelo valor comercial** dos que já fazem parte do Mercosul (Argentina, Uruguai, Chile como associado) e dos que poderão vir a fazer parte. Também pelas suas importâncias culturais e turísticas” (grifos meus).

Há uma divisão entre o **universo do prazer e do intelecto**, no qual estaria incluída a Espanha, preferencialmente, e o **universo da utilidade, do trabalho e da economia**, no qual se incluíam os países do Mercosul⁷. Todos os países mencionados poderiam pertencer também ao primeiro universo de coisas, já que a importância cultural, turística ou histórica dos países hispano-americanos não é menor que a da Espanha, como o informante lembra, já ao final do enunciado; e a Espanha também se encaixaria no segundo, já que há diversas empresas espanholas no Brasil. Porém, os países estão mais fortemente associados a determinadas representações nos discursos que circulam nos meios de comunicação, que são proferidos pelos empresários e governantes e que são veiculados pelas mais variadas formas de marketing. Os lugares que ocupam os países mencionados e que estão apenas esboçados aqui voltarão a aparecer quando se analisem as respostas à segunda parte do questionário e serão, então, tratados de forma mais detalhada.

⁷ Cada uma das variedades lingüísticas parece ocupar uma função diferente, o que faz recordar o **modelo tetralingüístico** de Deleuze e Guattari (1977) ao qual Celada (2002) faz referência. Neste modelo, para um mesmo grupo, as diferentes funções da linguagem podem ser exercidas por diferentes línguas: a primeira é a “**vernáculo**, materna ou territorial”; a segunda é a “**veicular**, urbana, estatal ou mesmo mundial”, “de troca comercial”; a terceira é a **referencial**, “língua do sentido e da cultura, língua da inteligência”; e a quarta é a **mítica**, língua “espiritual ou religiosa” (CELADA: ibid.: 27). Seguindo as divisões deste modelo, diria que o espanhol falado na Espanha ficou mais associado à imagem da língua referencial, enquanto o espanhol falado nos países do Mercosul exerceria o papel da língua veicular.

Para finalizar com as justificativas apresentadas pelos alunos do Básico 1 do CE, mencionaria a que apareceu para a escolha de ir estudar espanhol no Chile: “porque parece um **povo caloroso**” (grifo meu). Não havia no questionário nenhum elemento que indicasse que esta caracterização era proveniente de uma experiência anterior, já que o informante só mencionou ter estado na Argentina e não mencionou os chilenos como falantes nativos do espanhol com os quais já tivera contato anteriormente. Outro fato que destacaria nesta resposta é que, mesmo a Espanha tendo sido escolhida pela maioria dos informantes, nenhum deles justificou a escolha mencionando características do seu povo. As razões da escolha estão sempre vinculadas ao país ou à variedade lingüística.

Para os alunos do *Perfeccionamiento* que escolheram a Espanha, as motivações não fugiram muito das apresentadas pelos alunos do Básico 1: **familiar, contatos anteriores, riqueza cultural, estrutura oferecida**. Três estudantes apresentaram justificativas relacionadas à questão lingüística: “gosto mais do modo como falam”, “gosto do espanhol da Espanha e não do hispano-americano”, “pra começar do começo”. Um dos informantes que afirma que escolheria “a Espanha ou algum país da América do Sul”, se justifica dizendo que iria para a Espanha para “saber o **espanhol sem interferências**” e para a América do Sul “para saber como falam os vizinhos do meu país e **comparar** com o espanhol da Espanha” (grifos meus). Novamente estamos diante da imagem **espanhol da Espanha ⇒ espanhol sem interferências**.

Entre os alunos do CE, como se pode observar, é menos recorrente a imagem do **espanhol puro** ou do **espanhol original**, contudo, o enunciado em que aparece “começar do começo” parece ser a chave que ajuda a abrir duas portas que nos levam a um mesmo lugar: o da **origem**. E por que tipo de imagens estará povoado este lugar? O tema não é simples, certamente, o que poderia fazer com que caísse na tentação de trancar as portas e jogar as chaves fora. Não, vou tão somente deixá-las fechadas por enquanto, mas as chaves já estão bem guardadas para que se possa voltar a abri-las mais tarde, com a possibilidade de olhar a questão mais atentamente.

Nas respostas dadas pelos 8 estudantes do primeiro ano de Letras da UP aparecem 7 menções à Espanha e 1 ao Brasil mesmo, não tendo sido citado nenhum dos países hispano-americanos. As justificativas foram: **para conhecer**

outro povo, pela beleza, pela cultura, pelo país. Em muitas das justificativas apareciam referências a aspectos lingüísticos: “apesar das regiões terem dialetos diferentes, é o **berço da língua**”, “acredito que na Espanha se fala o **espanhol original**”, “aprenderia o **espanhol puro**”, “porque é o **país de origem**”, “Porque eles [os espanhóis] são os **verdadeiros criadores da língua**, já nos outros países colonizados a **pronúncia está misturada com outras línguas e acaba sendo um espanhol diferente**” (grifos meus). Aqui a idéia de **origem** também aparece vinculada tanto ao país quanto ao idioma, e o que está na origem aparece como algo imaculado, superior, privilegiado e desejado.

Acredito que vale a pena mencionar que, diferente dos alunos do Básico 1 do CL e do CE, que já haviam tido de 1 a 2 meses de aula, na UP os questionários foram aplicados no primeiro dia do curso, quando fui apresentada ao grupo como sua professora de espanhol. Além disso, à exceção de uma aluna que é de família chilena, nenhum dos estudantes tivera um contato mais efetivo com a língua espanhola.

Na UF o questionário foi respondido por 16 alunos do primeiro ano de Letras e outros 16 do quarto ano, tendo participado um total de 32 estudantes. Os alunos do primeiro ano estavam mais ou menos na metade do segundo semestre do curso, sendo assim, já tinham algum contato prévio com o idioma. Com relação ao país onde estudariam espanhol, 10 estudantes mencionaram a Espanha, sendo que dois citaram também a Argentina, 3 escolheram somente a Argentina, houve uma menção ao México e uma à Costa Rica. Para justificar a escolha da Espanha, a **cultura** e a **história** foram bastante citadas e houve também várias justificativas que levavam em conta aspectos lingüísticos: “aprender a variação lingüística de lá”, “para entrar em contato com a variante que é diferente dos falantes hispano-americanos”, “gosto de sua variante de como dizem ‘z’, é diferente dos hispano-americanos e gosto, acho bonito”, “aprecio a variante espanhola”, “a variação lingüística espanhola me atrai”, “porque é onde nasceu o espanhol”. Observa-se que, ainda que as justificativas lingüísticas tenham sido freqüentes, há apenas uma menção à Espanha como o local de **nascimento do idioma**, mas este fato não está claramente relacionado a outras características da língua. As justificativas lingüísticas estão relacionadas ao **gosto**, ao **apreço**, ou têm um caráter de **curiosidade acadêmica**: entrar em contato com uma das variantes da língua que estão estudando.

No grupo de alunos do quarto ano, 13 disseram que iriam à Espanha para estudar o idioma, sendo que um disse que iria também à Argentina e outro disse que iria também ao Peru. Entre os que escolheram a Espanha, houve um que foi mais específico e disse que iria a Madri ou Salamanca. Dos demais, um aluno comentou que iria à Argentina, outro afirmou que iria ao Chile e ao Peru e um terceiro disse que iria ao Chile.

As justificativas para a opção pela Espanha foram mais variadas que as dos estudantes das demais instituições. Embora estivessem também vinculadas a **questões culturais**, à **possibilidade de conhecer o país** ou ao fato de a **Espanha ser um país europeu**, parece que as construções dos enunciados colocavam menos a Espanha no centro do mundo hispânico. Cito alguns exemplos: “para conhecer o país, além de praticar a língua, apesar de me identificar melhor com o sotaque latino-americano”, “porque já conheço um pouco a Hispano-américa e me encantaria conhecer outra cultura”, “por ter familiares que ainda vivem lá”. Quando as justificativas estavam mais relacionadas a aspectos lingüísticos, o **eurocentrismo**, muito presente no ensino de línguas e nos estudos da Lingüística Aplicada (PENNYCOOK, 1998: 29), sobretudo nos cursos que se orientam pelo enfoque comunicativo ou que adotam materiais didáticos produzidos na Espanha, apareceu com mais força: “por ser o país onde **o espanhol** (Castilla) **se originou**”, “me dá a impressão de ser o **espanhol ‘padrão’**, mesmo sabendo da riqueza das variações”, “acho mais bonito o sotaque europeu” (grifos meus). Ao justificar a escolha por outros dos países citados, também apareceram motivações de interesse pela história e pela cultura: “por causa da história e da cultura peruana e chilena”.

Pode-se dizer que, entre os alunos da UF, houve uma maior variedade na escolha dos países e justificativas mais variadas, nas quais a presença do eurocentrismo e da valorização da variante espanhola não foi tão marcante; embora tenha estado presente também, como se pôde observar na transcrição de alguns dos enunciados. Para mim, esta diferença pode ter recebido influência de alguns fatores. Um deles é o fato de os alunos serem submetidos a uma formação acadêmica na qual se procura fazer uma reflexão lingüística mais explícita e recorrente. E pode-se dizer que, de certo modo, os alunos do primeiro ano também estão sob esta influência, pois já tinham estudado por quase um ano; não só a língua espanhola, mas tinham feito também outros cursos de lingüística e de língua.

Deve-se considerar que estes alunos convivem intensamente com um discurso político de esquerda que circula nas universidades públicas e que, de certo modo, se contrapõe ao discurso ideológico oficial⁸. Cito como exemplo a justificativa de um dos informantes que escolheu o Chile para realizar seus estudos da língua espanhola: “porque o Paulo Freire escreveu grande parte da pedagogia do oprimido no Chile”. Um último elemento de influência que me parece presente é o fato de que estes estudantes já tinham tido um ou dois meses de aula comigo no momento em que responderam o questionário e tinham mais elementos para inferir quais seriam as minhas expectativas com relação às suas respostas. Dos demais grupos de informantes apenas alguns dos alunos do *Perfeccionamiento* do CE já haviam sido meus alunos. Embora os estudantes não tivessem que se identificar nos questionários e nem seriam avaliados pelas respostas dadas, sua intenção pode ter sido a de construir um discurso que, segundo suas projeções e antecipações, pudesse ser valorizado e aprovado pela sua professora de espanhol. Não acredito que este movimento tenha ficado ausente nos demais casos e tratarei mais detidamente da questão das antecipações quando analisar as respostas à parte dissertativa do questionário.

Em resumo, de um total de 91 informantes, a Espanha foi escolhida como país para estudar o espanhol por 78 deles, o que representa uma porcentagem de quase 86%.

Em vários casos, o espanhol falado nesse país aparece, como já mencionei anteriormente, como a **língua original, pura, ideal, livre de adulterações**. Embora não haja manifestações explícitas de desprezo pelos demais países hispânicos e por suas variantes lingüísticas, estas são colocadas, muitas vezes, como um elemento de comparação, uma espécie de complementação e de curiosidade. Só é possível estudar “os espanhóis” que foram “modificados”, “alterados” quando se está no porto seguro do conhecimento da língua “original”, “perfeita” e “lógica”. Nessas falas está presente a idéia de que todos esses “espanhóis” constituem verdadeiros “desvios” em relação a um padrão, que seria aquele que conforma a base e garante uma espécie de unidade essencial em torno da qual aparecem as variações, acidentais. Cabe lembrar que essa foi (em alguns casos é) uma idéia bastante forte numa

⁸ Não tenciono entrar no mérito de se há ou não uma oposição entre eles, se ela é apenas aparente ao não. Quero destacar que enquanto um valoriza mais os aspectos econômicos e financeiros, o outro coloca em destaque as questões sociais, a necessidade de se opor ao poderio econômico, etc. Estas posturas e o ideário a elas relacionado, tido tradicionalmente como de direita e esquerda, respectivamente, deixarão suas marcas na enunciação.

determinada etapa dos estudos lingüísticos e marcou profundamente o discurso sobre a "unidade na variedade" a respeito da língua espanhola, sobretudo quando o que estava em pauta era o temor de fragmentação.

1.2. Sobre viagens e contatos com o mundo hispânico

Outras perguntas que constavam da primeira parte do questionário diziam respeito a visitas a algum país hispânico e contatos com falantes nativos de língua espanhola. Entre os alunos do CL, apenas 3 dos 10 informantes do Básico 1 nunca tinham estado em um país hispânico e 2 deles afirmaram nunca ter tido contatos prévios com falantes nativos. No que se refere aos contatos com a língua espanhola ocorridos antes de começar a estudá-la, foram mencionados principalmente os profissionais e os ocorridos em viagens. Os resultados foram muito semelhantes no Superior 2. Dos 17 que responderam o questionário, 3 nunca tinham estado em nenhum dos países hispânicos e todos já tinham tido contatos com falantes nativos do espanhol. Os contatos com a língua, anteriores ao seu estudo, foram mais variados. A maioria dos informantes, quando comenta a impressão que lhes causou a visita a países hispânicos e o contato com seus falantes, a caracteriza de forma positiva, destacando a **receptividade**, a **simpatia**, a **educação** e a **cultura**.

As respostas a estas perguntas ajudam a confirmar o que já se havia comentado ao traçar o perfil das diferentes instituições e do tipo de público que as frequenta: o estudo da língua está muito motivado pela necessidade profissional. O fato de a grande maioria dos estudantes já ter visitado países hispânicos, além de compor uma visão do outro e da sua língua marcada também pela experiência, oferece elementos sobre o poder aquisitivo e a classe social dos estudantes.

Entre os alunos do Básico 1 do CE, a metade (5 de 10) nunca tinham estado em nenhum país hispânico e apenas 1 nunca havia tido contato com falantes nativos do espanhol. Dos outros 9, 4 já tinham tido contato com pessoas da família, 1 com vizinhos e 1 com amigos. As impressões causadas por esse contato foram qualificadas de forma mais variada. O informante que menciona o contato com vizinhos, afirma que "são um pouco confusos". Outro deles separa suas impressões da seguinte forma: "argentinos – mal educados – e espanhóis – bem educados".

Num terceiro questionário, se qualifica a impressão como “boa, apesar da pouca paciência para nos entender”.

Entre os alunos do curso de *Perfeccionamiento* do CE, apenas 2, do total de 14, nunca haviam ido a nenhum país hispânico e, entre os demais, na maioria dos casos, se fez menção a vários países. Todos os alunos disseram já ter tido contato com falantes nativos de língua espanhola. Também aparecem várias impressões positivas desse contato, contudo, há duas delas que penso que se destacam. No primeiro caso se comenta a impressão causada pelo contato com uruguaios e argentinos: “como se pronunciassem **palavras mágicas**, como de **invocação**” (grifos meus). Neste enunciado a língua estrangeira aparece quase como um instrumento divino⁹. Um outro informante, ao comentar o contato com argentinos, uruguaios e chilenos, afirma que “são pessoas como nós, com alegrias, problemas...”. Destaco este enunciado porque ele manifesta um ponto de vista que difere do da maioria, que é o de tomar o outro não mais como membro de uma coletividade, mas como sujeito, com características que o igualam a qualquer outra pessoa —o que fica expresso no “como nós”— e o individualizam, o tornam único, pois as alegrias e os problemas de cada um são diferentes e resultantes de uma experiência irreproduzível.

Nas respostas ao contato que tinham tido com a língua antes de começar a estudá-la, os alunos do Básico 1 e também os do *Perfeccionamiento*, fazem mais menções ao contato familiar, em viagens e através de leituras, cinema e televisão. Do total de 24 informantes, apenas 4 mencionaram o contato profissional. Essas respostas, de alguma forma, corroboram a informação de que a maioria do público do CE está formada por alunos que vão estudar o espanhol por razões pessoais ou familiares e, com menos frequência, por motivações profissionais.

Entre os 8 informantes da UP, 7 nunca tinham visitado nenhum país hispânico e o contato com falantes nativos foi inexistente ou muito superficial (um deles diz que escutou uma conversa de hispânicos na praia, outro atendeu um telefonema no trabalho, um terceiro conversou com um argentino por alguns minutos), como já foi mencionado anteriormente. Cito algumas das impressões tidas nestes efêmeros contatos: “fiquei apavorada”, “fiquei admirada”, “gostei muito do som”, “é uma língua

⁹ Poderia se dizer que, neste caso, a língua espanhola é representada como a **língua mítica** do modelo tetralingüístico de Deleuze e Guattari, que expus brevemente em nota anterior.

mais complicada do que parece a princípio”. Nota-se que as reações estão mais motivadas pela afetividade, como aparece nos três primeiros enunciados, do que por uma reação racional, mais presente no último enunciado. No caso dos alunos deste grupo, as experiências prévias com a língua, além dos contatos superficiais que se acaba de mencionar, haviam sido praticamente inexistentes e se restringiam basicamente ao cinema e à televisão; à exceção da estudante que é descendente de chilenos. A meu ver, isto se deve basicamente ao baixo poder aquisitivo da maioria dos estudantes.

Dos alunos do primeiro ano do curso de Letras da UF, somente 3 dos 16 tinham visitado países de língua espanhola; todos eles países do cone sul. No entanto, 11 já tinham tido contato com falantes nativos de espanhol. Dos alunos do quarto ano, 4 de 16 já tinham ido a um ou mais países hispânicos, mas todos eles já tinham tido contato com falantes nativos de língua espanhola.

A maioria destes contatos se deve ao fato de que a UF mantém convênios de intercambio com a Espanha e com muitos dos países hispano-americanos, o que permite a relação com falantes nativos de espanhol de diferentes países e regiões. Contudo, destaque-se que estes contatos são mantidos no Brasil, num ambiente em que os intercambistas são os estrangeiros; o que difere muito de uma situação de viagem profissional ou turística, em que são os estudantes brasileiros que se encontram em um ambiente estrangeiro. O contato com o estrangeiro é sempre assimétrico, e o lugar que se ocupa nessa assimetria depende de quem teve que empreender viagem e se encontra em terras estrangeiras.

Parece-me relevante comentar que 7 dos alunos do primeiro ano já tinham estudado espanhol antes de entrar na universidade, o que pode ser consequência da incorporação cada vez mais freqüente da língua espanhola no currículo do ensino fundamental e do ensino médio, tanto em escolas particulares quanto em escolas públicas. Esta informação também nos ajuda a verificar que, nestes casos, há uma experiência prévia com o ensino formal da língua, já que ela não se restringe ao período do curso universitário. Certamente, este contato anterior deve ter características diferentes daquele do curso de Letras.

2. As divisões imaginárias da língua espanhola

Para finalizar a exposição dos dados obtidos nesta primeira parte do questionário, menciono as respostas a uma pergunta que não fazia parte da primeira versão e que, portanto, só foi respondida pelos alunos da UP e da UF. Perguntava-se sobre as primeiras variantes da língua espanhola que lhes vinham à cabeça quando pensavam na variedade lingüística e nos diferentes sotaques. O objetivo desta questão era verificar que tipo de divisão se faz imaginariamente da língua e que parte ou partes dela estão mais presentes. A maioria dos alunos da UP não respondeu a pergunta e as três respostas dadas foram as seguintes: 2 informantes mencionaram o espanhol da Espanha e o espanhol da América e 1 citou o espanhol da Espanha e o espanhol da Argentina. Dos estudantes do primeiro ano da UF, 11 citaram a variante espanhola e a argentina (ou simplesmente Espanha e Argentina) e 2 mencionaram a Espanha e a América hispânica. Entre os alunos do quarto ano, as respostas foram as seguintes: 13 citaram a variante espanhola e a argentina, 1 citou Madri (Europa) e Argentina (América), 1 citou o espanhol falado no Chile e 1 citou a variante castelhana.

Como se pode observar, a maioria dos informantes divide imaginariamente a língua espanhola de acordo com a divisão política dos países e tem como principais referências a variedade falada na Espanha e a variedade falada na Argentina. Também se observa uma divisão marcante entre espanhol peninsular e espanhol americano. As menções a Madri e à variante castelhana também chamam a atenção e podem estar motivadas pelo contato com os materiais didáticos produzidos na Espanha, nos quais esta variante ocupa um lugar de prestígio e acaba sendo tomada como o espanhol padrão, o espanhol que pode ser entendido por todos.

Por fim, gostaria de destacar que as respostas a esta pergunta justificam, em grande medida, esta pesquisa e a escolha de estudar as representações sobre esses dois recortes da língua e também sobre esses dois países. São, como se pode observar, os que estão mais presentes na relação e no imaginário que circunda a língua espanhola para o estudante brasileiro da região de São Paulo e que, por isso, podem exercer uma influência importante e ajudar a compreender o processo de ensino/aprendizagem da mesma.

3. A adjetivação nas imagens de si e do outro

Os enunciados das respostas à parte descritiva do questionário foram transcritos e divididos por temas para facilitar sua análise¹⁰. Já a parte II da primeira versão do questionário, que incluía listas de adjetivos, dos quais os informantes deviam escolher os que, para eles, melhor caracterizavam cada um dos temas propostos, não será descrita em detalhe, mas se fará referência apenas aos adjetivos que foram selecionados com maior frequência, para que se possa compará-los com a adjetivação que aparece nos enunciados da parte dissertativa.

Nesta primeira etapa, a análise se concentrará principalmente na adjetivação utilizada pelos informantes para a caracterização e se procurará estabelecer redes associativas entre as diversas caracterizações, de modo a poder chegar às representações mais recorrentes. Para tanto, se procurará associar semanticamente adjetivos e separá-los em categorias. A categorização será feita de acordo com os termos da **categoria tímica**¹¹, que coloca os objetos, seres, eventos dentro de uma cadeia axiológica, isto é, de valores. Sua denominação é motivada pela palavra “*timia* (cf. grego *thymos*, ‘disposição afetiva fundamental’) e é “empregada para classificar o conjunto das categorias sêmicas de um universo semântico” (GREIMAS & COURTÉS: 1979: 462). A categoria tímica está dividida em **euforia**, que serve para valorizar positivamente; **disforia**, que institui valores negativos, e **aforia**, que é o termo neutro da categoria.

Também serão analisados os adjetivos que pertencem a campos semânticos diferentes ou opostos. Isto não significa tão somente agrupar sinônimos e polarizar antônimos, pois embora não se excluam as definições que os adjetivos têm nos dicionários —muito pelo contrário, serão de grande valia para corroborar as associações e as análises—, o que deverá orientar o processo associativo são as inserções dos adjetivos nas construções discursivas dos enunciados e uma busca de **repetições** ou **processos parafrásticos** nos quais estejam inseridos. Toma-se aqui o conceito de paráfrase de Serrani (1993: 47), que afirma que “há paráfrase quando podemos estabelecer entre as unidades envolvidas uma ressonância – interdiscursiva– de significação, que tende a construir a realidade (imaginária) de um

¹⁰ A transcrição completa dos enunciados também é reproduzida em anexo.

¹¹ A categoria tímica pertence ao âmbito teórico da Semiótica e, embora as análises aqui feitas não tomem seus conceitos e métodos como eixo, não pude obter dentro do paradigma da Análise do Discurso uma terminologia satisfatória e preferi não fazer uso dos adjetivos **positivo** e **negativo**, que reproduziam os valores do senso comum e podiam reforçar estereótipos.

sentido”. Em resumo, serão considerados tanto os variados discursos nos quais estes adjetivos estão presentes, bem como os efeitos de sentido que ecoam destes discursos, além das repetições a que estão submetidas as adjetivações para esboçar as representações imaginárias que ajudam a construir nossa identidade cultural e lingüística.

Quando se diz que as análises da parte dissertativa que se farão no presente trabalho estão apoiadas sobre as relações semânticas e sintáticas dadas pelas construções enunciativas, torna-se relevante esclarecer que conceito de enunciação está orientando esta discussão. Toma-se **enunciação** tal e como a define Eduardo Guimarães (2004: 212), isto é, um acontecimento configurado sócio-historicamente. Para o autor, determinam o processo enunciativo a língua, o sujeito e a temporalidade; no entanto, a enunciação é tratada como um funcionamento da língua não submetido a uma centralidade do sujeito (GUIMARÃES, 2002: 11), o que significa dizer que o sujeito “se constitui pelo funcionamento da língua” (id., ibid.: 11) e a temporalidade não se organiza a partir do sujeito, a partir do momento em que o locutor enuncia, mas é o próprio acontecimento que temporaliza e “o sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento” (id., ibid.: 12). Ainda segundo Guimarães (ibid.: 12)

“A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro.”

Em outras palavras, o acontecimento que caracteriza a enunciação só pode significar a partir da temporalidade que instaura, já que ele projeta seu sentido nessa “latência de futuro”, sempre a partir do recorte de um passado formado por enunciações (GUIMARÃES, 2004: 213). Além disso, sendo a enunciação uma prática política e não individual (id., ibid.: 217), sempre se fala a partir de um lugar social e é o lugar do qual fala o locutor que deve ser considerado na análise e não suas características como indivíduo ou ser do mundo empírico. Neste sentido, se tomará o conjunto dos informantes desta pesquisa como **falantes** do português do Brasil e estudantes de espanhol como língua estrangeira que discorrem sobre a língua materna e a estrangeira e as características de povos e países relacionados a essas línguas. É o embate político entre línguas e identidades que, além de determinar os lugares sociais e políticos a partir dos que se fala, está também no

centro da discussão e da discursividade a ser analisada. A **cena enunciativa**, que “se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas lingüísticas” (GUIMARÃES, 2002: 23), é, neste caso, marcada pela discussão das identidades lingüístico culturais em resposta a um questionário de pesquisa encaminhado pela professora de língua espanhola. Parece pertinente reforçar, embora já se tenham descrito as condições de realização da coleta de dados, como o modo de realização da pesquisa conforma uma dada cena enunciativa e deixará marcas no discurso que se pretende analisar.

Não se ignora que o sujeito é dotado de intenções e pretende concretizar essa intencionalidade dirigindo seu dizer, contudo “lo que se significa es diferente de las intenciones” (GUIMARÃES, 2004: 216), isto é, o sentido está dado não só pelo que pretende dizer o sujeito, mas pelo modo como seu enunciado se inscreve numa rede enunciativa. É essa rede enunciativa e os sentidos que ela autoriza que se pretende identificar e analisar.

3.1. Dos países

*Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza*

*Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!*

Em primeiro lugar, refiro-me à caracterização dos países —Brasil, Espanha e Argentina—, que está presente somente na parte II do questionário.

Para caracterizar o Brasil, os adjetivos mais selecionados foram, nesta ordem: **alegre, bonito, atraente, desorganizado, subdesenvolvido, rico e exuberante**. Nota-se que os adjetivos qualificam diferentes aspectos do país: o povo, a natureza, a cultura e a organização social, política e econômica. Os primeiros aspectos aparecem qualificados por adjetivos elogiosos, valorizadores ou **eufóricos**: alegre, bonito, atraente, rico e exuberante; enquanto os dois adjetivos de caráter mais crítico, ou **disfórico**, se referem às instituições e ao funcionamento social e político: desorganizado, e ao aspecto econômico: subdesenvolvido.

Note-se que, entre os adjetivos mais selecionados, pelo menos três deles poderiam referir-se à natureza: bonito, rico e exuberante. A valorização da natureza e das paisagens, que também aparece no trecho do hino nacional que selecionei como epígrafe a esta seção, está muito presente no imaginário nacional. De acordo com Marilena Chauí (2000), a **sagração da natureza** é um dos elementos do mito fundador do Brasil, e pode ser condensado na correspondência entre o Brasil e o paraíso terrestre. Esta imagem data da época do descobrimento e está presente já na carta de Pero Vaz de Caminha, mas encontra ecos até os dias de hoje na valorização das belezas naturais e das dimensões do país. Para corroborar sua tese, Chauí (ibid.: 62) cita o fato de a bandeira brasileira ser composta por quatro cores que simbolizam elementos da natureza: “é o Brasil-jardim, o Brasil-paraíso”.

Parece-me relevante mencionar pelo menos dois desdobramentos da representação do Brasil como paraíso terrestre, ambos citados pela autora (ibid.: 62). O primeiro deles é que este mito carrega consigo a idéia de retorno à origem, de volta a um estado original de perfeição. Note-se que volta a aparecer a associação entre origem e perfeição, à qual já havia feito referência em 1.1. O segundo diz respeito à relação entre a imagem do mundo físico e do povo que o habita. Cito:

“Nesse estado de natureza paradisíaco em que nos encontramos, há apenas nós —pacíficos e ordeiros— e Deus, que, olhando por nós, nos deu o melhor de Sua obra e nos dá o melhor de Sua vontade.” (CHAUÍ, ibid.: 63)

Backes (2000: 135) também trata do mito do paraíso terrestre e afirma que este “divide espaço com o mito do bom selvagem”. Observe-se que a representação do Brasil como paraíso terrestre e a sagração da natureza estão relacionadas às representações sobre o povo que habita estas terras supostamente paradisíacas. Retomarei esta associação quando trate das representações sobre os povos.

A adjetivação da Espanha é composta por: **bonita, atraente, alegre, rica, desenvolvida e exuberante**. Os adjetivos não diferem muito em relação aos que foram atribuídos ao Brasil. A diferença está em que, neste caso, aparece o adjetivo **desenvolvida** para caracterizar o funcionamento social e político e, sobretudo, o econômico. Sobre os demais aspectos, a adjetivação coincide com a selecionada para caracterizar o Brasil. No entanto, acredito que aqui a exuberância não está relacionada à natureza, mas sim à grandiosidade dos monumentos históricos. Seria uma exuberância monumental e histórica e não mais natural, representação que

entra em sintonia com a valorização da cultura e da história que aparecia na seção anterior como justificativa para escolher a Espanha como país de estudo da língua. Também a riqueza está mais relacionada, no caso da Espanha ao aspecto econômico e também ao aspecto cultural e histórico. É menos provável que o adjetivo **rica** esteja associado à riqueza natural, como no caso do Brasil.

À Argentina foram atribuídas as seguintes características: **bonita, atraente, subdesenvolvida, desorganizada, triste, alegre, séria**. Novamente há diversas coincidências nos adjetivos mais selecionados e, como o Brasil, a Argentina é caracterizada pelo **subdesenvolvimento** e a **desorganização**. Nestas imagens, observa-se a presença da divisão econômica tradicional: **primeiro mundo x terceiro mundo**; o que também pode se traduzir, no caso dos países tratados aqui, por: **Europa rica x América Latina pobre**. Estas divisões e classificações circulam pelo chamado senso comum e constituem verdadeiros estereótipos sobre esses países.

Porém, chamam a atenção dois adjetivos que aparecem na caracterização da Argentina e que estão ausentes quando se trata do Brasil e a Espanha: **triste** e **séria**. O primeiro deles chama a atenção, pois, juntamente com ele, entre os mais selecionados, está presente também um de seus antônimos: **alegre**. A presença desta contradição na representação da Argentina não constitui um fato isolado. Mais adiante, na análise dos enunciados da parte dissertativa, se observará que muitas das representações estão marcadas pela contradição. Sobre o adjetivo **séria**, há dois valores aos quais pode ser associado e que também poderão ser melhor esclarecidos e explorados na análise dos enunciados. O primeiro é o fato de ser um dos antônimos de **alegre**¹², o que o vincula a **triste**, e o segundo é sua associação semântica com **correto, honesto, sincero, rigoroso, pontual, diligente, dedicado**, etc.

Os adjetivos soltos só ganham sentido se relacionados às demais partes do questionário, onde aparecem inseridos em contextos enunciativos. É a partir destas associações que faço as interpretações anteriores, e que deverão ficar mais claras conforme se avance na análise.

¹² Em *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva

Por fim, vale a pena mencionar que a atribuição de adjetivos foi muito maior ao Brasil (276 adjetivos selecionados no total) e à Espanha (257) que à Argentina (180), como se os estudantes tivessem evitado caracterizá-la.

3.2. Dos povos

— *Che, ¿les decimos que somos argentinos?*
— *No, que se jodan.*

Na segunda parte, os adjetivos mais selecionados para qualificar os espanhóis foram: **conservadores, autoritários, alegres, simpáticos e francos**. Embora na parte dissertativa a caracterização se torne mais complexa, não foge muito dos adjetivos mais selecionados na segunda parte; mesmo nas versões 2 e 3 do questionário, nas quais a parte de seleção de adjetivos não estava incluída. Observa-se que nas manifestações mais livres, os espanhóis aparecem, na maioria dos enunciados, caracterizados como um povo **orgulhoso de seu passado, sua história, que valorizam sua terra, sua língua, seus costumes, suas tradições**. Não por acaso, portanto, o adjetivo **conservadores** é o mais selecionado na segunda parte e aparece também nos enunciados da parte dissertativa. Se se toma a definição desse termo no dicionário¹³, tem-se:

“o que conserva; o que preserva de alteração, deterioração ou extinção; aquele que defende idéias, valores e costumes ultrapassados e/ou que é contrário a qualquer alteração da situação que se atravessa, do que é tradicional ou da ordem estabelecida; aquele que propugna pelo autoritarismo e é favorável à tradição, seja monárquica, eclesiástica ou liberalista nas suas formas burguesa e oligárquica, demonstrando hostilidade a inovações na moral e nas instituições.”

Assim, pode-se dizer que **conservador** condensa uma série de imagens, ora eufóricas ora disfóricas, de vinculação dos espanhóis com **a preservação e valorização do passado, da tradição e do que é próprio**, que aparece no peso e no valor que se atribui à cultura, à língua e à história espanhola:

- Povo dono de uma **rica cultura**. (CE)
- São os espanhóis um povo que tem uma **história grandiosa**, nas Américas. (CE)
- Um povo muito sério e **cheio de histórias do passado**, em guerras. (UP)
- Penso em um povo forte, com **tradições fortes** e com uma **história cheia de encantos**. (UF)

¹³ Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Editora Objetiva

- Têm uma **cultura mais rica** e uma **variedade lingüística mais requintada**”, “uma **cultura magnífica**. (UF)

O conservadorismo e a forte relação com a tradição aparecem também na seguinte adjetivação, de caráter mais disfórico que a anterior: **religiosos, nacionalistas, fechados, preconceituosos, machistas, autoritários**. Note-se que **autoritários** aparece também entre os mais selecionados na parte II. A vinculação dessa representação com seus vieses mais depreciativos aparece mais insistentemente nos enunciados dos alunos do CE e da UF.

Ainda que com muito menos peso, os espanhóis aparecem também como **modernos** e **desenvolvidos**, em alguns casos como um povo capaz de conjugar o **tradicional** e o **moderno**, como em:

- Povo culto, com bagagem cultural, que **busca o melhor equilíbrio entre o seu passado e a nova situação político-econômica** do mercado europeu. (CL)
- **Às vezes conservadores no aspecto familiar mas em outras áreas procurando sempre a modernidade**. (CL)
- São pessoas alegres, trabalhadoras, **conservam suas tradições, ao mesmo tempo são cultas e modernas**. (CE)

Note-se que o adjetivo **culto**, que aparece com freqüência, tanto se vincula à idéia do antigo e tradicional quanto à idéia da modernidade, do novo; o que se pode observar nos enunciados que acabam de ser citados e também nos dois seguintes:

- **Cultos**, dão muito valor aos hábitos e costumes. (CL)
- É um povo hoje muito **culto**. (CE)

A caracterização dos espanhóis como **modernos** apareceu mais entre os alunos do CL e do CE; ela não estava presente nos enunciados dos estudantes da UP e da UF. Isto se deve, possivelmente, ao fato de que a **Espanha tradicional** está mais cristalizada no imaginário que a **Espanha moderna**, que começa a se fixar mais recentemente, sobretudo e primeiramente no mundo dos negócios.

No que se refere mais ao âmbito das relações com o outro, convivem representações que poderiam ser classificadas como opostas ou contrárias, como no caso de **tradicional** e **moderno**, ou, pelo menos, como contraditórias. Chamo de contrárias aquelas características que, em princípio, não parecem poder conviver ou referir-se a um mesmo objeto, e de contraditórias, as que apontam em sentidos

diferentes e, portanto, se repelem mutuamente em menor grau. Por um lado, os espanhóis são caracterizados como: **simpáticos, corteses, receptivos, atenciosos, e comunicativos**, e por outro, são vistos como: **diretos, objetivos, francos, duros, rudes, formais, nervosos, bravos, briguentos**; caracterização que também não se distancia muito dos adjetivos mais selecionados na parte II. Na esfera das relações, pode-se dizer que os adjetivos do primeiro grupo estão relacionados a uma **atitude acolhedora**, enquanto os do segundo expressam maior **distanciamento, afastamento**, ou até **rejeição**.

Apontaria, ainda, para outra contradição na caracterização: são vistos como **alegres e festeiros**, mas também aparecem caracterizados como **trabalhadores, sérios, disciplinados**. Destaco as oposições e as contradições, pois elas serão novamente abordadas, como já foi dito, quando se analisarem a construção lingüística e a discursividade dos enunciados.

Com relação aos argentinos, na parte II, os adjetivos mais recorrentes são: **arrogantes, briguentos, cultos, conservadores, antipáticos, preconceituosos e autoritários**. Chama a atenção tanto o fato de que a maioria dos adjetivos escolhidos tenha um caráter mais depreciativo ou disfórico, quanto o de que o número de vezes que o adjetivo **arrogante** foi selecionado (40 vezes de um total de 51 questionários da primeira versão respondidos) seja muito superior a todos os outros.

Na análise das opiniões da parte dissertativa, destaco, inicialmente, que há uma diferença significativa entre a construção enunciativa e a adjetivação feita pelos estudantes dos níveis básicos e os dos níveis mais avançados do CL e do CE. Entre os primeiros, prevalecem as frases curtas e/ou unidas por uma conjunção aditiva e uma caracterização mais plana –o que também ocorreu nas opiniões sobre os espanhóis. Nestes enunciados, prevalecem os seguintes adjetivos: **arrogantes, rudes, grossos, antipáticos, cultos, preconceituosos e desonestos**. Quase todos os enunciados e a adjetivação que neles aparece têm um caráter mais disfórico. Nos enunciados dos grupos mais avançados do CL e do CE, dos alunos da UP e dos alunos do primeiro e do quarto ano da UF, aparecem enunciados mais longos e variados. Os direcionamentos variam de um enunciado para o outro e variam também dentro de um mesmo enunciado, que pode atribuir características mais eufóricas ou mais disfóricas, ou mesmo não apontar numa direção nem na

outra, o que configuraria uma caracterização **afórica**. Esta diferença pode ser efeito de algum trabalho de desconstrução ou reconfiguração, durante o curso, de uma representação inicial mais plana e mais calcada nos estereótipos do senso comum.

Como no caso dos espanhóis, a adjetivação não se afasta muito da que foi selecionada com mais frequência na parte II. Nos enunciados também a **arrogância** foi das características mais mencionadas no total dos informantes; contudo, há que se dizer que ela apareceu com menos frequência entre os alunos da UP e da UF. Podem-se apresentar duas razões para esta diferença: a primeira está relacionada ao próprio procedimento da pesquisa e se refere ao fato de que os alunos destas duas instituições responderam apenas as versões 2 e 3 do questionário, das quais não constava a parte de seleção dos adjetivos que melhor caracterizassem cada tema. Como já disse na descrição dos procedimentos de coleta de dados, um dos motivos da exclusão dessa seção do questionário foi sua possível influência na construção dos enunciados da parte dissertativa. A segunda razão pode estar mais relacionada ao tipo de público que frequenta cada instituição e até mesmo ao tipo de projeções imaginárias que cada um deles faz em relação ao próprio dizer. A projeção poderia ser a de que alunos universitários, em princípio, deveriam apresentar um ponto de vista e desenvolver um discurso menos “preconceituoso” e menos marcado pelos estereótipos do senso comum. Contudo, há que se dizer que, embora não apareçam tantas referências à **arrogância** entre os estudantes universitários, foi recorrente nos enunciados dos alunos da UF a referência à **rivalidade com os brasileiros**. Detalhemos, então, cada uma delas, para que se possam estabelecer pontos de encontro e de distanciamento.

Note-se, primeiramente, que não apenas o adjetivo **arrogante** foi mencionado, mas também outros que estão próximos à idéia de **arrogância**. São eles: **orgulhoso**, **prepotente**, **convencido**, **metido**, **presunçoso**, **esnobe**, **folgado** e **espaçoso**. Ainda que se saiba que o significado desses adjetivos não corresponde exatamente ao de arrogante, há uma proximidade semântica que me permite agrupá-los. A atribuição frequente desta característica aos argentinos não surpreende, já que este estereótipo circula em várias instâncias do senso comum; entre elas a das piadas, como a que aparece na epígrafe a esta seção. Mas vejamos se há outras associações semânticas possíveis, além das mais evidentes que já

foram listadas. No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*¹⁴, **arrogância** se define como:

“Ato ou efeito de arrogar(-se), de atribuir a si direito, poder ou privilégio; qualidade ou caráter de quem, por suposta superioridade moral, social, intelectual ou de comportamento, assume atitude prepotente ou de desprezo com relação aos outros; orgulho ostensivo, altivez; atitude desrespeitosa e ofensiva em atos ou palavras; insolência, atrevimento, ousadia.”

E no *Novo Aurélio*¹⁵ como:

“Orgulho que se manifesta por atitudes altivas e desdenhosas; soberba; insolência, atrevimento.”

Em resumo, a arrogância é a atitude de desprezo, que pode chegar a ser desrespeitosa, desdenhosa e ofensiva, de quem se acredita superior ao outro. Sendo assim, atribuir ao outro esta característica pressupõe não apenas o reconhecimento no outro de um comportamento de “suposta superioridade”, mas também interpretar ou sentir sua atitude como de desprezo, desrespeito ou ofensa, ou seja, uma conseqüente sensação de ser por ela inferiorizado; o que explica que em alguns desses enunciados afluam manifestações de vingança, de prazer por ver o outro em condições em que a sua arrogância fica esvaziada de sentido, isto é, em condições de inferioridade, dificuldade ou fragilidade. Como se poderá observar, os valores e os sentidos aqui atribuídos ao termo estão muito presentes nos caminhos enunciativos que as manifestações dos estudantes seguem, quando aparecem referências à arrogância:

- São arrogantes. **Estão pagando o preço agora.** (CL)
- Povo convencido, grosso e rude. **Gosta de contar vantagem encima de todos.** (CL)
- De início parecem um pouco arrogantes (talvez pela maneira que se expressam). (CL)
- Parece que **não se situavam na América Latina e cultuavam uma Europa que em realidade não existia** e parece que hoje pagam por essa arrogância. (CL)
- Existe preconceito por parte dos brasileiros contra os argentinos por sua arrogância, **por acharem que são superiores ao restante da América Latina.** (CL)
- Não gosto, acho que eles são folgados, espaçosos, principalmente quando vêm visitar o Brasil. **Se sentem diferentes na América do Sul, pensam que são superiores a qualquer outro país.** (CL)

¹⁴ *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva

¹⁵ *Novo Aurélio*: dicionário eletrônico. Editora Nova Fronteira

- São arrogantes, antipáticos, **julgam ser os europeus da América do Sul**. (CE)
- Arrogantes pois **durante muito tempo pertenceram ao país mais rico e desenvolvido da América do Sul**. (CE)
- Convencidos, odiosos **no contato com o estrangeiro**, mas muito amistosos entre eles. (UF)
- São convencidos, presunçosos, **os donos da verdade. Pensam ser 'os melhores', uma raça superior**. (UF)

Nos vários exemplos citados, a arrogância está relacionada à “suposta superioridade”, já que são recorrentes construções em que aparecem os termos “superior/es”, “os melhores”, “diferentes” introduzidos pelos seguintes verbos e locuções verbais modalizadoras: “pensam ser”, “pensam que são”, “se sentem”, “por acharem que são”. Apenas em um dos casos esta superioridade é vista como real: “durante muito tempo pertenceram ao país mais rico e desenvolvido da América do Sul”; em todos os demais ela não é reconhecida como efetiva e, na maior parte dos casos está vinculada a uma hierarquia política e econômica dos países. Assim sendo, a atribuição da arrogância como característica dos argentinos tem relação com um lugar de hegemonia política e econômica que, supostamente, ocupam, acreditam ou pretendem ocupar entre os países da América Latina.

Neste momento, vale a pena retomar pelo menos um dos adjetivos freqüentes na caracterização dos espanhóis e comparar a representação que aparecia com relação aos espanhóis à que aparece para os argentinos. Nas opiniões sobre os espanhóis, foi freqüente o aparecimento do adjetivo “orgulhoso” e também do substantivo da mesma família. Observe-se inicialmente como a definição de **orgulho** está relacionada semanticamente à de arrogância. No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, as acepções são as seguintes:

“Sentimento de prazer, de grande satisfação sobre algo que é visto como alto, honrável, creditável de valor e honra; dignidade pessoal, altivez; atitude moral ou psíquica que afasta o indivíduo de práticas desonestas ou desonrosas; sentimento egoísta, admiração pelo próprio mérito, excesso de amor-próprio; arrogância, soberba, imodéstia; atitude prepotente ou de desprezo com relação aos outros; vaidade, insolência.”

E no *Novo Aurélio* está definido como:

“Sentimento de dignidade pessoal; brio, altivez; conceito elevado ou exagerado de si próprio; amor-próprio demasiado; soberba.”

Além da proximidade nas definições, também a sinonímia ajuda a justificar a relação que aqui se estabelece. No *Dicionário de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa* também **orgulho** e **arrogância** e **orgulhoso** e **arrogante** aparecem como sinônimos. Como se pode observar, a idéia de desprezo em relação aos outros, de soberba, de vaidade, de excesso de amor-próprio e, inclusive, de arrogância estão presentes nas definições e a relação de sinonímia entre eles está registrada; contudo, nos enunciados dos estudantes “orgulho” e “orgulhoso” não parecem ter um caráter pejorativo –chegando a ser até valorizado—, o que me leva a afirmar que, nos enunciados, o sentido de “orgulho” está mais próximo das primeiras acepções e se afasta bastante da idéia de “arrogância”. Nota-se que o sentido de “orgulho” e “orgulhoso” está, em geral, associado à **valorização do que é próprio** e aos adjetivos **conservadores** e **tradicionais**, que foram analisados anteriormente. Observe-se de que forma esta associação está presente na construção enunciativa:

- O **orgulho de serem espanhóis**, isso é o que mais chama atenção. (CL)
- São extremamente **orgulhosos, tradicionalistas, amantes de sua terra**. (CL)
- Povo hospitaleiro que tem **orgulho de sua história e de seu país** e procura cultivar esse orgulho. (CL)
- Às vezes são impacientes com os estrangeiros mas, sobretudo, **são orgulhosos de seu país**. (CE)
- É um povo leal, acolhedor, alegre e **muito orgulhosos de suas tradições**. (CE)
- **Admiro muito a tradição e o orgulho que eles têm por tudo que faz parte da sua cultura**, que é muito rica. (CE)
- Eles gostam muito e **têm orgulho de sua língua**. (UF)
- Sons mais fechados, tom mais baixo, vocabulário mais arcaico, **maior orgulho pela língua**. (UF)

Em todos os enunciados o “orgulho” e “ser orgulhosos” está relacionado à tradição, ao país, à cultura e à língua, ou seja, ao que é próprio, como dizia logo acima.

Desse modo, na adjetivação de espanhóis e argentinos os sentidos de **orgulho** e **arrogância** se distanciam nos valores que cada um dos adjetivos toma no discurso. E esses valores são, como já se pôde verificar, os de que o orgulho é valorizado e a arrogância é desvalorizada.

Para Ducrot (2004) o sentido de uma palavra está impregnado dos valores que lhe confere a relação com outras palavras e estas relações devem ser olhadas no plano discursivo. Sendo assim, a valorização faz parte do sentido de **orgulho** ou **orgulhoso** quando se observa a discursividade da caracterização dos espanhóis, assim como a desvalorização ou o tom pejorativo está incorporado ao sentido de **arrogante**, **arrogância**, ou dos adjetivos relacionados a ela.

Mas para que se cumpra o percurso de uma análise enunciativa do sentido, ou seja, de uma descrição semântica na qual não intervenham elementos extralingüísticos (DUCROT, *ibid.*: 363), se fará uso dos mecanismos propostos pela Teoria dos Blocos Semânticos desenvolvida por Oswald Ducrot e Marion Carel, segundo a qual “el sentido de una entidad lingüística no es nada más que un conjunto de discursos que esa entidad evoca” (DUCROT, *ibid.*: 364). Para tanto, se consideram como elementos básicos dois tipos de discurso: os encadeamentos denominados **normativos**, que são os que se constroem com portanto, e os encadeamentos **transgressores**, que se constroem com entretanto. Estes encadeamentos permitem descrever semanticamente as palavras já que compõem um conjunto de “**virtualidades discursivas**” às quais a palavra está submetida (DUCROT, *ibid.*: 369-370). Provenimos, então, com **orgulhoso** e **arrogante**. Imaginemos os seguintes enunciados:

(a) Pedro é arrogante portanto se acha o melhor aluno da turma.

(b) Pedro é orgulhoso portanto se acha o melhor aluno da turma.

Como se pode observar, a relação de causa-conseqüência expressa pela conjunção portanto se aplica perfeitamente ao primeiro enunciado, mas fica comprometida quando se trata do segundo. Ainda que o segundo enunciado não seja impossível, a relação entre o “orgulho de Pedro” e “se achar o melhor aluno da turma” não é evidente, e só seria compreensível num contexto discursivo que a justificasse. Comparemos ainda outros dois enunciados:

(c) Tirou as notas mais altas da turma portanto ficou arrogante.

(d) Tirou as notas mais altas da turma portanto ficou orgulhoso.

Com estes dois enunciados ocorre o processo inverso, já que “tirar boas notas”, por si só, não mantém uma relação de causa-conseqüência com a arrogância, embora esta relação seja possível e não infreqüente. No entanto, esta

relação é mais imediata quando se trata do “sentimento de orgulho”. Além disso, o sentimento de arrogância, neste caso, é condenável, enquanto o de orgulho é, não só aceitável, como louvável.

Assim, pode-se dizer que, embora o campo semântico ao qual pertencem estas palavras seja o mesmo, há diferenças no sentido que autorizam com maior facilidade os enunciados (a) e (d) e que fazem com que o enunciados (b) cause estranheza, se não estiver inserido num contexto discursivo que o justifique, e o (c) suscite questionamentos, ou até indignação. Mas de que modo se pode relacionar os enunciados acima com a caracterização de argentinos e espanhóis que se tratava de interpretar?

Acredito que esses enunciados nos permitem dizer que, ao aceitar a superioridade não como suposta e indevida, mas como real ou justificável, diminui a possibilidade de que o outro seja visto como arrogante. A **arrogância** estaria, portanto, relacionada a uma **superioridade aparente**, como no caso do aluno que se acha o melhor da turma, mas não o é de fato. Já a atribuição de um sentimento de orgulho poderia aparecer, com maior frequência, quando há “reais motivos” —ou pelo menos que se tomam como reais— para manifestar admiração pelo que é próprio, para envaidecer-se, para ser imodesto; como no caso de tirar boas notas.

Essa pode ser uma das razões que justifica a presença freqüente do adjetivo **orgulhosos** quando se trata de qualificar os espanhóis e **arrogantes**, ou outros adjetivos do mesmo campo semântico, quando se trata de caracterizar os argentinos. Aos primeiros, devido ao lugar de prestígio cultural, social e econômico que ocupam no imaginário da maior parte dos nossos informantes, se permite que assumam atitudes de superioridade, afinal de contas são vistos como “superiores”; no entanto, os segundos não têm este direito, já que, aos olhos de uma parte importante dos informantes, e também nas imagens que circulam no universo do chiste, na imprensa e nos comentários do senso comum, esta é uma suposta superioridade, é um lugar usurpado e não ocupado por direito.

Recorde-se que na caracterização dos espanhóis aparecem construções do tipo “ter orgulho” ou “ser orgulhosos” de seu país, sua história, suas tradições, sua língua e de serem espanhóis, e a atribuição de uma superioridade ou grandiosidade a esses aspectos já aparecia na primeira parte do questionário, nas justificativas para a escolha de ir estudar espanhol na Espanha: riqueza cultural e histórica, pelo

fato de ser um país europeu, por ser o berço da língua. Estas justificativas somadas à adjetivação mais selecionada na segunda parte para caracterizar a Espanha comprovam que esta é tida como um país superior, mais desenvolvido, mais rico, mais antigo, etc. Tomem-se como exemplos dois enunciados nos quais essa superioridade, além de reconhecida, é explicada:

- Estão muitos anos a frente de nós brasileiros pelo fato de terem maior poder aquisitivo e existirem há mais anos. (CL)
- Europa, um mundo desenvolvido diferente do que conhecemos. (UF)

Com relação à Argentina, já se havia mencionado que os vários adjetivos aparentados à arrogância estavam relacionados a uma questão de hegemonia na América Latina, a um suposto desejo de ser melhores que o restante dos países da América Latina, de ser como os europeus. E este desejo entra em conflito com o que se enxerga como a realidade argentina, que é, de acordo com os adjetivos mais selecionados na parte II para caracterizar o país: desorganizada e subdesenvolvida. Os mesmos adjetivos que se selecionaram para caracterizar o Brasil. Desse modo, embora os informantes coloquem Brasil e Argentina em pé de igualdade, melhor dizendo, igualmente subdesenvolvidos, atribuem aos argentinos uma auto-imagem e uma imagem de seu país que é melhor ou superior a essa, o que, conseqüentemente, é qualificado como uma atitude arrogante, prepotente, presunçosa, etc.

Mas talvez se possa explorar ainda mais o sentido de arrogante. Em alguns dicionários, sobretudo os mais antigos, como é o caso do *Nôvo Dicionário Brasileiro Ilustrado*¹⁶, além dos sentidos já citados, arrogante significa também

“brioso, corajoso, intrépido, valente. Airoso, galhardo, majestoso.”

Também o *Dicionário de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa*¹⁷ registra entre os sinônimos de arrogante

“corajoso, brioso, audaz, valente, intrépido, airoso, gentil, galhardo, majestoso, altaneiro.”

Na etimologia, por exemplo, tanto o substantivo quanto o adjetivo vêm de *adrogáre*, que significa “interrogar, adotar, perfilhar, unir”, e de *adrògo* ou *arrògo*,as,

¹⁶ PRADO E SILVA, Adalberto (Org.) *Nôvo Dicionário Brasileiro Ilustrado*. Edições Melhoramentos, 1961?

¹⁷ FERNANDES, Francisco. *Dicionário de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa*. 41ª ed. Revista e ampliada por Celso Pedro Luft. São Paulo: Globo, 2002.

que quer dizer “interrogar, adotar, unir, associar, atribuir, dar, conceder”¹⁸. Nota-se que, na etimologia, os verbos que descrevem o significado da palavra são verbos relacionados a uma **tomada de posição, postura ou atitude**, o que também pode ajudar a compreender que arrogância, com o passar do tempo, tenha assumido, por um lado, o sentido de **soberba, orgulho, presunção** e, por outro, o de **coragem, valentia, audácia**; tendo este último caído em desuso mais recentemente. Contudo, embora estes últimos significados não sejam freqüentes no uso recente, seus ecos não deixam de aparecer no discurso.

Observe-se que, para opinar sobre os argentinos, aparece com freqüência a seguinte caracterização: **peessoas trabalhadoras, que lutam pelos seus direitos e pelo que acreditam, politizadas, cultas, civilizadas, orgulhosas de seu país, nacionalistas**. Além disso, ressalta-se em vários enunciados a **capacidade de organização, de mobilização e de luta** dos argentinos:

- Pessoas de difícil acesso e rudes, porém, **batalhadores, sabem contestar e brigar quando necessário**. (CL)
- São extremamente nacionalistas. Dá a impressão que, **quando se unem, conseguem atingir qualquer objetivo**. Por isso, **passam a imagem de arrogantes, devido à forte personalidade**. (CL)
- Aparentam arrogância, mas **lutam** para fazer da Argentina um país culto e democrático. (CE)
- Pessoas de ‘sangue-quente’, **sabem o que querem e são muito esforçados**. (UF)
- Gosto da maneira como eles agem, por exemplo, **protestando contra algo que não acham certo para seu país**. (UF)
- Um pouco duro, um povo muito autoritário, mas com um **nível de organização fantástico e de mobilização fora de série**. (UF)

Este último exemplo explicita uma das possíveis associações entre a arrogância e a **força, o poder de mobilização** ou a **luta pelos direitos**, o que está bastante de acordo com o sentido de arrogante como corajoso, valente e audaz.

Recordo que os primeiros questionários, respondidos pelos alunos do CL e do CE, foram aplicados logo após a crise argentina. Neste período, a imagem do país estava fortemente afetada pelas drásticas consequências políticas, sociais e econômicas dos acontecimentos e também pela reação da população que saiu às

¹⁸ *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva

ruas em manifestações como os conhecidos “panelaços”, além de realizar piquetes e saques, tão divulgados pela imprensa. Os efeitos da quebra-deira, da desvalorização da moeda e das reações da população se deixam ver tanto nos enunciados citados logo acima, como naqueles citados como exemplo da presença da arrogância como característica atribuída freqüentemente aos argentinos.

Mais adiante voltarei a tratar da atribuição da arrogância como marca do caráter do argentino, já que suas motivações guardam relação com as representações que temos sobre nós mesmos.

Sobre os adjetivos que caracterizam a relação com o outro, aparecem com mais freqüência os que provocam afastamento, tais como: **briguentos, deprimidos, reservados, de pouca brincadeira, fechados, mal humorados, frios, sérios, agressivos, antipáticos, grossos**. O adjetivo briguento, segundo da lista dos mais escolhidos na parte II, aparece também relacionado a vários dos enunciados da parte dissertativa; cito alguns deles:

- **Muito esquentados (briguentos e mal educados)**. (UP)
- **Pessoas de ‘sangue quente’**, sabem o que querem e são muito esforçados, falam com sutaque (sic) e muito alto. (UF)
- Muitas vezes observo no futebol que os argentinos são **pessoas agressivas**. (UF)

Note-se que vários destes adjetivos também permitem estabelecer pontos de aproximação semântica com arrogante, pois a valentia e a coragem pressupõem tomar posturas firmes, entrar em conflito e até ser briguento e agressivo.

Também aparece uma adjetivação que expressa maior aproximação, embora ela seja menos variada e insistente e esteja mais presente entre os alunos da UF: **carinhosos, cativantes, receptivos, simpáticos, gentis, calorosos, comunicativos**.

Outra caracterização que chama a atenção está relacionada a uma atitude de desconfiança, da qual são exemplos: **desonestos, não inspiram confiança, gostam de nos enganar**. As menções ao futebol aparecem muito, principalmente entre os informantes da UF, e é quando se trata delas que se notam as manifestações mais claras sobre a **rivalidade**. A tão conhecida e comentada rivalidade entre Brasil e Argentina no futebol vai certamente estar relacionada à parte da adjetivação que se usa para caracterizar os argentinos e, a meu ver, a sua

caracterização como **briguentos** e **desonestos** está diretamente relacionada à disputa futebolística. Os argentinos são tidos, na gíria do futebol, como catimbeiros e também como malandros. Ou seja, além de provocadores, dentro do estereótipo, se diz que são capazes de tudo para ganhar, principalmente do Brasil.

Contudo, não apenas ao futebol está relacionada a rivalidade. Ainda que não apareça explicitamente, já comentei que a disputa pela hegemonia política e econômica pode ser um dos motivadores da atribuição recorrente da arrogância como característica aos argentinos e, assim, pode-se afirmar que, também neste espaço, a rivalidade está presente, mesmo que não haja uma vinculação lexical que ajude a sustentá-la. A ausência de uma vinculação lexical pode ser consequência de que não se chega a assumir a disputa pela hegemonia político-econômica, o que a desloca completamente para o campo esportivo, onde pode ser mais facilmente assumida. Mas basta que lembremos da forma como o discurso jornalístico trata as relações comerciais e as decisões econômicas do outro país, para que este cenário seja incluído também no campo da rivalidade.

Como se pode observar, a coincidência entre a caracterização que aparece a partir dos adjetivos mais selecionados na parte II não encontra uma correspondência tão fiel na parte dissertativa, como ocorria no caso dos espanhóis. Pode haver diversas razões para esta diferença: uma delas é o direcionamento que há na parte II, em que o rol de escolhas possíveis está limitado pelos adjetivos de que dispõem, um direcionamento que não existe na produção dos enunciados, em que as opiniões são livremente construídas. A outra razão poderia ser o fato de que na parte II não é preciso mostrar-se muito: um caráter mais impessoal e distante permite que o informante se esconda atrás de adjetivos soltos, previamente selecionados. Não é, no entanto, desprovido de significado o fato de que, entre uma série de possibilidades, tenham predominado as que tendam para uma caracterização mais depreciativa, ou disfórica. Já na elaboração escrita de um texto dissertativo, é preciso manifestar uma opinião, construí-la, elaborá-la, o que exige estar mais em evidência, ser mais individual, estar menos misturado a adjetivos aleatórios. É nesse tipo de manifestação ou de expressão que a ilusão do sujeito de controlar o seu discurso fica mais evidente. Daí surge uma necessidade e uma tentativa de não soar preconceituoso, parcial e opta-se por manifestações mais variadas e “equilibradas”.

Sobre a maior coincidência entre a caracterização proveniente da seleção de adjetivos e a caracterização presente nos enunciados no caso dos espanhóis e a maior discrepância ao se tratar dos argentinos, é possível que as representações sobre os espanhóis estejam mais cristalizadas e provoquem menos conflito e constrangimento que as referentes aos argentinos. O contato com estes últimos tem se intensificado nos últimos anos e deve estar passando por reformulações e rearranjos.

Passemos então à análise das auto-representações. Para caracterizar os brasileiros, os adjetivos selecionados na segunda parte foram, principalmente: **simpáticos, alegres, criativos, afetivos, acolhedores, pacíficos e receptivos**. Na terceira parte, destaca-se a insistência com que aparecem e o número de adjetivos referentes à relação do brasileiro com o outro: **amáveis, receptivos, cordiais, acolhedores, simpáticos, hospitaleiros, agradáveis, amigáveis, tolerantes, afetivos, afáveis, carinhos, doces, solidários, solícitos, comunicativos**; alguns deles também presentes entre os adjetivos mais selecionados na parte II, como se pode observar. Todos eles apontam no sentido de ressaltar uma **atitude aberta e receptiva** em relação ao outro e, também, ao novo, ao diferente. A atribuição de uma atitude aberta e acolhedora em relação ao outro, ao visitante e ao estrangeiro aparece em enunciados tais como:

- **Melhores anfitriões.** (CL)
- São **receptivos, gostam de mostrar as belezas naturais, a música e a cultura para outras pessoas do mundo.** (CL)
- Alegres, criativos, que **sabem receber as pessoas.** (CL)
- São **receptivos aos estrangeiros** e à sua cultura. (UF)
- Pessoas que **adoram estrangeiros e que fazem de tudo para que estes se sintam bem no Brasil.** (UF)
- **Um povo tonto, que acolhe os estrangeiros, lhes dá trabalho,** mas quando um brasileiro chega lá fora, não encontra a mesma recepção. (UF)

Há também, embora em menor número, enunciados em que a receptividade e a abertura aparecem mais associadas às idéias ou às formas de pensar e atuar e às línguas estrangeiras:

- **Aparentemente temos a mente aberta e somos muito tolerantes com as diferenças**, mas isso é aparência, a maioria dos brasileiros é bastante conservadora. (CL)
- **São abertos às mais variadas influências**, sendo às vezes até ingênuos e deixando-se levar por idéias e modismos. (CE)
- São **receptivos** aos estrangeiros e **à sua cultura**. (UF)
- Amigáveis, sempre prontos a ajudar e **muito interessados em outros costumes**. **Não é um povo fechado**. (UF)
- **Desejo de ser falante de várias línguas**, como inglês, espanhol, francês, por causa de necessidades do mercado. (UF)
- Alegres, brincalhões e **esforçam-se para aprender outras línguas para falar com os outros falantes suas línguas** (francês, italiano, espanhol, inglês). (UF)

Como demonstram alguns dos enunciados, nem sempre a receptividade é apreciada, ainda que na maior parte dos casos ela seja qualificada como uma característica positiva ou elogiável.

Destacam-se também outros adjetivos que procuram caracterizar o espírito do brasileiro e que estão relacionados aos que foram listados acima: **alegres, vibrantes, espontâneos, carismáticos, brincalhões, otimistas, extrovertidos, festeiros, bons, sensíveis, ingênuos, infantilizados**. Se unimos a primeira caracterização com a segunda, nota-se que a maioria dos adjetivos está relacionada à manifestação de **afeto** e **alegria**, o que, por um lado, são características do universo infantil e, por outro, do âmbito das festas, da diversão, dos momentos de celebração, descontração; o que se materializa na presença dos adjetivos “**infantilizados**” e “**festivos**”. Sobre o primeiro, há outras manifestações que estão relacionadas à ausência de maldade, à ingenuidade, à não responsabilidade com o que é sério, com o que faz parte do mundo adulto, à dependência de outros, à ausência de possibilidade ou de capacidade de, como se costuma dizer, tomar as rédeas da situação:

- São **boas pessoas**, porém **a má distribuição de renda torna as pessoas** muito diferentes do que poderiam ser. (CL)
- São abertos às mais variadas influências, sendo, às vezes, até **ingênuos** e **deixando-se levar por idéias e modismos**. (CE)
- É um povo bastante sofrido e **carente de governos adequados**. (CE)

- Um **povo bom, alegre**, criativo que foi e ainda está sendo **espoliado politicamente** e por isso tentando desenvolver-se à custa de muita luta. (CE)
- A maioria ignorante e **por causa dos políticos** que dizem que o povo tem direito a tudo, **ficam parados a espera de que o governo lhes dê tudo que precisam**, preguiçosos, acomodados. (CE)
- **Boas pessoas**, mas **um pouco desorganizados** e **com um coração imenso**, acima de qualquer coisa. (UF)
- Os brasileiros são dedicados ao que fazem de melhor e **um pouco desinteressados por problemas muito sérios**. (UF)

Nestes enunciados, o brasileiro aparece caracterizado como **bom** e também como **não responsável** pela situação de sofrimento, miséria e carência em que se encontra. Essa não responsabilidade se traduz ora por desorganização ou desinteresse, ora por ser vítima de um agente externo: os governantes, a má distribuição de renda etc. Observe-se que nenhum dos enunciados citados, ou nos demais em que se caracteriza o brasileiro, aparece a irresponsabilidade como característica. O que, sim, aparece é uma ausência de ação ou de atitude, já que o brasileiro ocupa o lugar da vítima, daquele que recebe a ação, neste caso, arbitrária, danosa ou opressora; como no seguinte enunciado:

- Penso no **povo oprimido** e em sua emancipação. (UF)

Esta ausência de ação ou atitude aparece em outros adjetivos também freqüentes nos enunciados: **acomodados, conformados, preguiçosos, submissos, passivos, pacíficos, humildes, sonhadores, esperançosos, adaptáveis, tolerantes**. Todos eles, independente de assumirem um matiz mais depreciativo ou mais elogioso, denotam que se ocupa o lugar de quem recebe uma ação. Assim, pode-se afirmar que a **passividade** constitui um traço importante nas representações sobre o brasileiro e que não está distante da que se havia relacionado a um **caráter aberto**. Vejamos o sentido de **receptivo**, por exemplo. No *Novo Aurélio* aparecem dois significados para o adjetivo:

“1. que recebe ou é capaz de receber (especialmente estímulos ou impressões físicas ou psíquicas), 2. que tem para com outrem comportamento compreensivo e acolhedor”.

A segunda acepção estaria mais relacionada aos adjetivos que tinham sido elencados mais acima, já a primeira expressa melhor a posição passiva, de quem recebe ou sofre uma ação.

No *Dicionário de sinônimos e antônimos de Língua Portuguesa* a relação entre receptividade e passividade é explicitada pela sinonímia. São três os sinônimos de receptivo: passivo, impressionável, acolhedor.

Outro adjetivo, muito valorizado pelo senso comum nacional, e que também traz a ausência de movimento ou ação no seu sentido, é **esperançoso**. Pois além do sentido de confiante, esperançoso tem, na sua morfologia, a idéia da espera, da inação característica de quem espera que uma solução ou caminho venham de um terceiro, de um fator externo.

Observe-se que, como já se havia mencionado, esse traço atribuído ao caráter do brasileiro pode aparecer em adjetivos que assumem um sentido mais valorizado, eufórico ou um sentido mais depreciativo, disfórico. A existência de duas faces para uma mesma moeda, ou a atribuição de valores opostos para um traço comum permite que se associem os seguintes pares de adjetivos: **pacífico-passivo, tolerantes-acomodados, esperançosos-preguiçosos, humildes-submissos**. Há, ainda, casos em que os valores opostos podem estar presentes no mesmo adjetivo, dependendo do lugar a partir do qual é interpretado, como no caso da **receptividade**.

Recordo aqui as reflexões de Marilena Chauí (2000) e Carmen Backes (2000), ambas publicadas por ocasião dos 500 anos, e às quais já fiz referência na seção anterior. Backes, quando trata do mito do índio como o bom-selvagem, afirma que o adjetivo **bom**, que também apareceu para caracterizar o brasileiro nos enunciados do corpus, está relacionado a “manso” e “fácil de ser dominado” (BACKES, *ibid.* 134) e que a imagem do índio está formada por estas três características principais: primitivo, **inocente/infantil** e corajoso/altivo (*id.*, *ibid.* 135). Note-se que inocente e infantil também são adjetivos presentes na caracterização do brasileiro e, embora, manso não apareça na adjetivação, está associado semanticamente com adjetivos tais como: submisso e pacífico; estes sim presentes nos enunciados. Já Chauí (*ibid.*: 63) relacionava, no trecho citado na seção anterior, a sagração da natureza à presença de um povo **pacífico** e **ordeiro**. Mais adiante, ao tratar da sagração do governante como outro dos elementos de nosso mito fundador, a autora (*ibid.*: 91) afirma:

“(...) somos uma formação social que desenvolve ações com força suficiente para bloquear o trabalho dos conflitos e das contradições sociais, econômicas e políticas, uma vez que conflitos e contradições negam a imagem de boa sociedade indivisa, pacífica e ordeira.”

Não só se pode encontrar correspondências entre a adjetivação presente nos enunciados e os adjetivos usados pelas autoras, quanto estabelecer elos de ligação entre as representações às quais se fez referência até o momento e os **mecanismos para bloquear o conflito**. Isto é, as representações que temos de nós mesmos estariam então inseridas nesses mecanismos que procuram manter a imagem pacífica, ordeira e apagar o conflito, ou as características a ele associadas, da imagem do povo brasileiro.

Embora a inação esteja presente em boa parte da adjetivação, contraditoriamente, aparecem também adjetivos e caracterizações que indicam **ação**:

- São **muito batalhadores** e esperançosos. (CL)
- Mostram bondade, **força de vontade** e solidariedade, mas ao mesmo tempo querem levar vantagem em tudo, são individualistas e preguiçosos (=acomodados). É um povo contraditório. (CL)
- Um povo bom, alegre, criativo que foi e ainda está sendo espoliado politicamente e por isso **tentando desenvolver-se a custa de muita luta**. (CE)
- A **força de vontade** e a maneira que consegue driblar as dificuldades. (UP)
- Um povo muito carismático, acolhedor. Porém muito conformados, acomodados. Mas têm **força de vontade**, são bastante otimistas. (UF)
- **Povo batalhador** que **não desiste fácil** dos seus objetivos. (UF)

A contradição está presente nos próprios enunciados, algumas vezes escondida atrás de uma conjunção aditiva, outras, mais explicitada por uma adversativa, chegando inclusive a ser nomeada pelo informante que caracteriza os brasileiros como um “povo contraditório”.

Neste momento, animo-me a dizer que esta ação que aparece aqui como característica dos brasileiros não é exatamente igual à que aparecia para caracterizar espanhóis e argentinos. E me animaria, ainda, a afirmar que a convivência entre passivo e ativo está permeada pelo tão conhecido e nomeado **jeitinho**. Vejamos alguns enunciados:

- **Adaptável.** O brasileiro consegue viver sob quaisquer circunstâncias. (CL)
- Alegres porém **acomodados**. Sempre que há uma regra existe aquele '**jeitinho**' para burlar essa regra. (CL)
- Mostram bondade, **força de vontade** e solidariedade, mas ao mesmo tempo **querem levar vantagem em tudo, são individualistas e preguiçosos (=acomodados)**. (CL)
- Sempre dão um **jeitinho para conseguir o que querem**" (CE), "**malandros e oportunistas**. (CE)
- A **força de vontade** e a maneira que consegue **driblar as dificuldades**. (UP)
- Um povo feliz, que **sempre dá um jeito pra tudo**. (UF)
- Sempre que penso em brasileiros, penso nos seus '**jeitinhos**' de **conseguir as coisas**. **Povo batalhador que não desiste fácil** dos seus objetivos. (UF)

O jeitinho, o jeito, a adaptação aparecem relacionados enunciativamente tanto à acomodação, à ausência de ação, quanto à força de vontade, ao que permite sair da dificuldade, conseguir, não desistir. Assim, pode-se dizer que o jeitinho está no centro da **contradição entre ação e inação** que se apontava acima e, a meu ver, é ele que move, em muitos casos, atribuições de valores diversos ou opostos a determinadas características.

Aprofundemos-nos um pouco mais, assim, na ética do jeitinho e, por conseguinte, nos vários sentidos que podem ser a ele atribuídos. No *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, jeitinho aparece definido como

"Maneira hábil, esperta, astuciosa de conseguir algo, especialmente, algo que à maioria das pessoas se afigura como particularmente difícil; jeitinho brasileiro."

A esperteza e a astúcia, que caracterizam a ação do jeitinho, podem ser tanto interpretadas como inteligência, rapidez, quanto como habilidade de dissimular e usar artifícios enganadores, malandragem, malícia, e ambos os sentidos estão presentes nos enunciados transcritos logo acima.

Como define Roberto DaMatta (1992: sem p.)¹⁹,

"o 'jeitinho' se constitui num modo obrigatório de resolver aquelas situações nas quais uma pessoa se depara com um 'não pode' de uma lei ou autoridade e –passando por baixo da negativa sem contestar, agredir ou recusar a lei, obtém aquilo que desejava, ficando assim 'mais igual' do que os outros".

¹⁹ No prefácio ao livro: BARBOSA, Livia. (1992) *Jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Campus.

Nas suas pesquisas, Livia Barbosa (1992: 32) define o jeitinho da seguinte forma, após resumir as definições dadas por seus informantes:

“o jeitinho é sempre uma forma ‘especial’ de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma **solução criativa** para alguma emergência, seja sob a forma de burla a alguma regra ou norma preestabelecida, seja sob a forma de conciliação, esperteza ou habilidade.” (grifo meu)

E juntamente com o termo jeitinho aparecem outros que se referem a uma atitude semelhante. É o caso de **jeito**, que está incluído na expressão **dar um jeito**, de uso corrente no português brasileiro, e que tem o sentido de encontrar uma saída, um caminho, uma solução para conseguir alguma coisa. Poderíamos citar outras palavras, expressões ou frases feitas do português do Brasil que estão relacionadas ao jeitinho: quebra-galho, jogo de cintura, pra tudo tem um jeito, só a morte não tem jeito ou mais vale jeito que força. Os provérbios “pra tudo tem um jeito” e “só a morte não tem jeito”, além da dose de otimismo, indicam que sempre há uma solução ou um caminho e insinuam, ainda que não afirmem, que o caminho pode ser o que burla uma regra, trapaceia, engana, etc. O último deles sugere uma outra forma de ação que não se dá pela força, pelo embate ou pelo confronto, que estaria mais próxima do modo como caracterizam a forma de atuar dos argentinos, sobretudo no que concerne aos problemas sociais, à crise, às ações coletivas. Pode-se dizer que ela se associa ao **enfrentamento**. Já o jeito ou o jeitinho caracterizam uma ação indireta, um atalho, um desvio, um **drible**. Ou como aparece em um dos enunciados transcritos mais acima: “**driblar** as dificuldades”, ao invés de **enfrentar** as dificuldades (grifos meus). O jeitinho e o drible também poderiam estar associados, assim, aos mecanismos para bloquear o conflito dos quais tratei logo acima.

Driblar é um verbo que vem do vocabulário do esporte, mas que ganha duas acepções figuradas no uso mais cotidiano da língua. No *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*,

“Tentar enganar, iludir, evitar ou ultrapassar (alguém); esquivar-se de (alguém ou algo), não se deixar abater por; evitar.”

Assim, driblar é um verbo que bem descreve o tipo de ação que caracteriza o jeitinho, pois, para mim, ela é mais passar pelo lado, fazer uma curva, desviar do que “passar por baixo”, como diz Roberto DaMatta no trecho citado.

Vejamos como esse autor (ibid.: sem p.) compara o jeitinho que, supostamente, caracteriza o modo de ação e de relação do brasileiro, ao que caracterizaria o modo de ação de outros povos que, a partir das construções enunciativas dos informantes, aqui se decidiu chamar de **enfrentamento**:

“Assim, se o ‘jeitinho’ pode ser lido como algo vergonhoso, próximo do favor e da corrupção, ele não exclui a possibilidade de ser também tomado como prova da nossa malandra engenhosidade social e política, como um dado tão positivo quanto o carnaval e o futebol como elemento constitutivo de nossa identidade. Nesse sentido, seríamos diferentes dos suíços, ingleses e norte-americanos, não porque passamos a todo momento por baixo das leis, mas porque temos **a imaginação** de malandramente **driblar** as normas brasileiras e humanamente por meio do ‘jeitinho’ que não as contesta ou fere abertamente. Fazemos o que queremos e evitamos o conflito aberto com a lei.” (grifos meus)

Sem entrar no mérito de se, de fato, o jeitinho é uma marca do nosso modo de atuar frente a um modo de ação de enfrentamento, que seria a marca de outras culturas, destacaria, por um lado, a relação que aparece no trecho citado entre o jeitinho e a imaginação ou a criatividade e, por outro, o valor afetivo que ele pode ter. Com relação à aproximação entre jeitinho e **criatividade**, ela aparece também em Barbosa (ibid.), como se assinalou acima, na forma de **jeitinho = solução criativa**. Vale lembrar que **criativo** é dos adjetivos mais selecionados na parte II pelos informantes e também aparece em vários dos enunciados da parte dissertativa para caracterizar o brasileiro.

Sobre o valor afetivo e humano que o jeitinho pode assumir na cultura brasileira, volto ao grande número de adjetivos listados que expressavam uma relação afetiva com o outro, de acolhimento, de receptividade. Segundo Barbosa (ibid.: 43):

“Essa postura está alicerçada em uma visão de mundo em que a ênfase da sociedade é colocada nas relações que se estabelecem entre as pessoas, mais do que em qualquer outra. Isso torna o Brasil um país em que todos querem ser pessoas e não indivíduos.”

Desse modo, na ética do jeitinho, o pedido deve ser feito sempre num tom simpático e cordial, expressando necessidade e humildade, e de forma que se estabeleça certa familiaridade ou intimidade entre os interlocutores. A técnica será sempre a de envolver o interlocutor emocionalmente e apresentar o problema colocando a pessoa que pede o favor na posição de vítima de uma situação sobre a qual não tem responsabilidade ou poder. Para a concessão do jeitinho é fundamental não esquecer que jamais se deve usar um tom arrogante ou autoritário

(BARBOSA, *ibid.*: 38-42). Note-se que a ética do jeitinho apresenta vários pontos de encontro com a adjetivação que aparece para caracterizar os brasileiros, o que significa que ela constitui um traço importante da identidade nacional e das representações que temos de nós mesmos.

Também aparece sob várias formas, sobretudo e de maneira insistente entre os estudantes da UF, uma caracterização que ressalta a diversidade cultural e racial do povo brasileiro:

- Povo muito **variado**. (CE)
- Um povo **miscigenado culturalmente e de etnias**. (UP)
- O povo brasileiro é formado por **diferentes etnias, culturas**. É uma **grande miscelânea**. (UF)
- **Todos os tipos de raça do mundo** reunidos em um só país. (UF)
- O povo bastante **diversificado em todos os seus aspectos: lingüístico, cultural e religioso**. (UF)
- **Miscigenação, multi-racial, políglotas** na sua própria língua. (UF)

A imagem é a de um povo plural, de origem variada e, portanto, constituído por diferentes etnias, culturas e línguas. Esta adjetivação entra em relação com a que aparecia para caracterizar a Espanha, os espanhóis ou a língua espanhola. Enquanto com relação a estes últimos estavam associados os adjetivos original, puro, milenar, com relação aos brasileiros é ressaltada a mistura, a miscigenação, a diversidade. Observe-se o seguinte enunciado:

- São um **povo em formação. Não se pode falar de brasileiros de forma geral**. Há uma diferença enorme entre as várias regiões e classes sociais. (CE)

Vê-se que essa multiplicidade constitui uma ausência de unidade, uma divisão interna que a construção do enunciado sugere que é característica de um processo de formação, o que pode indicar que, quando esta etapa tenha sido superada, se alcançará uma unidade. Backes (2000: 53) afirma que no Brasil, não existe uma pressão “em favor da uniformização da sociedade, como na Europa. Mas talvez se pudesse pensar o quanto o brasileiro vê-se às voltas com suposta demanda européia de uniformização”. Note-se que a miscigenação e a diversidade não aparecem caracterizadas como algo negativo, mas poderiam ser tomadas, pelo menos, como uma questão. Segundo a autora (*ibid.*) a miscigenação e a democracia racial constituem um dos mitos fundadores do Brasil, o que viria preencher a falta de

identidade étnica. Acrescentaria que as representações do Brasil e dos brasileiros como um país e um povo formado pela miscigenação e caracterizado pela diversidade e pela democracia racial também estão relacionadas à caracterização de povo receptivo e acolhedor que já mencionei anteriormente. O Brasil seria um país onde tudo cabe, onde a diferença não é aberrante ou agressiva, e o brasileiro seria o povo que é tolerante, e até entusiasmado, com a diferença, com o que é externo, com o estrangeiro e sua língua. Não à toa que o racismo, que certamente existe embora esta imagem faça parecer que não, é raramente explícito e encontrou em nossa sociedade várias formas veladas e dissimuladas de se manifestar.

Gostaria de salientar, por fim, que o brasileiro também aparece caracterizado como **inculto, ignorante e desorganizado** e, muito embora esta não seja uma adjetivação tão freqüente quanto as já citadas, torna-se relevante, pois está relacionada à caracterização do Brasil como país desorganizado e se opõe à caracterização tanto dos espanhóis quanto dos argentinos, que são vistos como cultos.

Será necessário analisar em detalhe a relação que há entre a caracterização de cada um dos povos, porém, este ainda não é o momento de fazê-lo.

3.3. Das línguas

*Du reste, toute parole étant idée, le temps d'un langage universel viendra ! [...]. Cette langue sera de l'âme pour l'âme, résumant tout, parfums, sons, couleurs [...]*²⁰

A respeito das imagens sobre as línguas —o espanhol e o português—, os resultados são os seguintes. Na parte II a língua espanhola apareceu caracterizada principalmente pelos adjetivos: **familiar, agradável, bonita, forte, rápida, compreensível, importante**. Já ao espanhol falado na Espanha foram atribuídos os adjetivos: **rápido, sonoro, forte, agradável, compreensível e bonito**, na segunda parte. Na terceira, apareceu com freqüência uma adjetivação afetiva da língua, motivada por uma relação sensorial que, em geral, ressaltava a **beleza** e as **sensações relacionadas à sonoridade: lindo, bonito, gostoso, suave, melódico,**

²⁰ Rimbaud, Carta a Paul Demery, 15 de maio de 1871. Citação retirada de ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita*. Bauru, EDUSC, 2001. p. 17.

melodioso, sonoro, agradável, ameno, sensual, rápido, calmo, aberto, fechado, forte. Veja-se que a maior parte dos adjetivos tem um caráter eufórico. A adjetivação de caráter sensorial apareceu com mais frequência entre os informantes do CL e do CE.

Apareceram também adjetivos que estão relacionados ao lugar de prestígio que a variante da Espanha ocupa em relação a outras variedades da língua: **original, correto, rico, perfeito, bem falado, mais universal, clássico, melhor forma.** Os primeiros adjetivos, que estiveram mais presentes entre os alunos do CL, retomam a representação do espanhol falado na Espanha como a variante lingüística **original**, da qual as outras são derivadas. Já se havia dito que o fato de ser tomada como a variedade que dá origem às demais lhe confere outras características, tais como correção, perfeição, universalidade, riqueza:

- É a melhor forma, já que é o **país de origem**. (UP)
- Visto como **modelo do espanhol**. (UF)
- Antes quando eu escutava o espanhol da Argentina, por exemplo, achava que estava errado, que **o certo era o da Espanha**. (UF)
- Me dá a impressão de ser **o mais ‘correto’**, mesmo sabendo que é bem complexa essa definição. **Acho que pelo motivo de se dar origem em *Castilla*, na Espanha.** (UF)

Veja-se que a idéia da origem aparece, em alguns enunciados, relacionada à valorização e à correção que se atribui a essa variante, de forma a que ocupe o lugar de modelo.

Neste momento já se pode explorar um pouco mais o significado da idéia de **origem**, que havia sido deixado de lado na parte 1.1. Em seu *A busca da língua perfeita*²¹, Umberto Eco (2001: 17) afirma que a tentativa de remediar a “confusão das línguas” representada pelo mito babélico, “perpassa a história de todas as culturas”. Tanto é assim que no mito da Torre de Babel a separação das línguas é vista como castigo divino de conseqüências trágicas. Certamente não se ignora que o espanhol falado na Espanha não é a língua universal e perfeita, no entanto, o fato de ser tomada como a língua que precede e dá origem às demais formas da língua espanhola, a torna mais próxima da língua original e mítica que se busca

²¹ Do original em italiano: *La ricerca de la lingua perfetta nella cultura europea*. 1993.

imaginariamente, além de lhe conferir um caráter de perfeição e pureza que o contato com outras línguas ou variedades lingüísticas desfaz.

Também faz parte desse imaginário a idéia de que, assim como a língua universal anterior à maldição babélica, o “espanhol original” também permitirá a comunicação e a compreensão de um número maior de falantes. O tema não se esgota, pois o lugar que o espanhol ou o espanhol falado na Espanha ocupa no imaginário não está descolado do lugar que a língua materna, o português brasileiro, vai ocupar, de modo que só se poderá avançar nesta discussão quando se tratar das representações sobre o português falado no Brasil.

A idéia de origem pode não ser a única que torna o espanhol da Espanha prestigiado frente a outras variedades lingüísticas. Como afirma um dos estudantes,

- Um espanhol que todos querem falar, um espanhol que é valorizado, **por ser falado na Europa**. (UF)

O prestígio também está dado por fatores externos à língua, que estão, portanto, relacionados ao poder político e econômico que a Espanha tem e que acaba por interferir nas representações sobre a língua e suas variedades. Estas estão muito relacionadas ao lugar que os países ocupam na hierarquia política e econômica.

Outra adjetivação freqüente para o espanhol da Espanha foi: **culto, formal, conservador, pomposo, elegante e requintado**. Note-se que estes adjetivos guardam relação tanto com a imagem de espanhol original e, portanto, antigo, quanto com as representações que se tinha do povo espanhol e da Espanha. A primeira está presente de forma mais explícita nos enunciados em que esta variante é comparada ao português de Portugal e ao inglês britânico, que ocupam posições semelhantes:

- Como o inglês da Inglaterra. (CL)
- Algo **mais conservador** assim como o português de Portugal. (UF)
- Tenho a impressão que é **mais formal** como o inglês britânico se comparado ao americano. (UF)

É uma adjetivação que está relacionada à admiração pela língua, mas que, ao mesmo tempo, a torna mais distante, menos acessível:

- Parece que é uma língua **mais distante** do que a língua falada pelos povos dos países vizinhos. (UF)
- Bonito, porém diferente e **menos caloroso** que o espanhol de países vizinhos. (UF)
- Parece **mais difícil** que o falado na América Latina. (CE)

Apesar de ter afirmado que a imagem de língua original está relacionada à pureza e, assim, à ausência de influências de outras variedades ou línguas, também se reconhece a presença de variedade no espanhol falado na Espanha:

- Complicado, pois os **acentos fonéticos variam muito nas distintas regiões**. (CL)
- Sonoro e sensual, é uma delícia ouvir as **diferenças de língua em cada região**. (CL)
- Torre de Babel, se fala **diferentes dialetos no mesmo país**, alguns incompreensíveis. (CL)
- Compreensível, que **tem influência de outras línguas espanholas** (vasco, catalão) que o torna mais interessante. (CL)
- Rápido, forte e **muito diferente de uma região para a outra**. (CL)
- Possui **peculiaridades**. (CL)
- **Grandes diferenças regionais** como no Brasil. (CE)
- Dentro da Espanha existem variações do espanhol. (UF)
- **Um espanhol muito diversificado, com várias variantes diferentes**. (UF)

O tema das diferenças regionais foi muito mais freqüente nos enunciados dos estudantes do CL, assumindo, em alguns casos, um caráter apreciativo, no sentido de valorizar a diferença, a variação regional e a influência de outras línguas, tomadas como elemento de enriquecimento. Arrisco-me a dizer que a ênfase nas diferenças internas da Espanha tem influência do discurso didático-pedagógico, oriundo tanto dos diversos manuais e materiais didáticos, quanto das aulas introdutórias dadas por nós, professores, com o intuito de tratar e legitimar a diversidade cultural.

Não esteve ausente uma adjetivação que fazia referência à facilidade/dificuldade do idioma: **fácil, fácil de entender, claro, compreensível, bem compreendido, complicado, mais difícil**. Nesta adjetivação se fez referência tanto à língua ou à variedade falada na Espanha de forma isolada, quanto a uma

comparação em relação a outras variedades da língua espanhola. Da primeira se tratará mais adiante, já sobre a segunda apareceram os seguintes enunciados:

- Parece **mais difícil** que o falado na América Latina. (CE)
- Na minha opinião é **mais difícil** de entender porque há palavras com significado diferente. (UP)
- Para mim é um pouco **mais difícil** de compreender. (UF)
- Para mim, parece um pouco **mais fácil** de entender. (UF)
- Prefiro o espanhol falado na Argentina, porém o espanhol da Espanha parece um pouco **mais fácil** de compreender. (UF)
- É **mais fácil** de se compreender que o da Argentina. (UF)
- Acho **mais fácil** e gostoso falar com o sotaque espanhol. (UF)

Neste caso, observam-se tanto manifestações num sentido quanto no outro, o que reforça a idéia de que ser **fácil** ou **difícil** não está relacionado a características objetivas da língua, mas tem relação com experiências anteriores e com lugares de prestígio ou valor que cada uma das variedades ocupa. Porém, o que de fato chama a atenção nestes enunciados, assim como em outros transcritos logo acima, é a presença recorrente de construções comparativas, sobretudo entre os alunos da UF. Estas comparações não se restringem ao âmbito da maior facilidade ou dificuldade, mas estão presentes quando se referem a outros atributos da língua ou também à relação de gosto, impressões, sensações. A comparação constante entre variedades, sotaques e formas da língua denota que não são tomadas como a mesma coisa, que se atribuem diferenças e que estas diferenças fazem com que as formas de falar, os falares, ocupem lugares ou posições distintas no imaginário.

Quanto ao espanhol da Argentina, os adjetivos selecionados na parte II foram: **rápido, compreensível, forte, agradável, sonoro, feio e seco**. Nas manifestações da parte dissertativa, a adjetivação teve uma variação grande nas diferentes instituições. No CL a caracterização assumiu matizes mais depreciativos em grande parte dos adjetivos: **rápido, muito duro, muito enrolado, incompreensível, feio, rude, péssimo, horrível, sonoridade estranha, estridente, sonoro, seco, forte, imponente, pesado, fechado, sensual, antipático, arrogante, prepotente, diferente, interessante, forçado, cantado**. Uma parte desta adjetivação está relacionada ao fato de que a variedade argentina, entre uma parte importante dos informantes, ocupa um lugar de menor prestígio quando comparada ao espanhol

falado na Espanha, que é muitas vezes tomado como base para a caracterização ou para uma comparação:

- Sonoridade estranha depois que se aprende o espanhol da Espanha. (CL)
- **Derivado** da Espanha com muitas particularidades. (CL)
- Mais difícil que o espanhol da Espanha, mais incompreensível e não tão bonito. (CL)
- Não tão encantador como o da Espanha, me parece um pouco mais seco, porém ainda assim sonoro e sensual. (CL)

Uma das razões pelas quais se observa nos estudantes do CL um movimento enunciativo e uma caracterização que colocam o espanhol falado na Espanha como a base de comparação —o que, muitas vezes, pode provocar uma reação de rejeição ou depreciação do espanhol falado na Argentina— pode ser a vinculação desta instituição com o governo espanhol, por um lado, e, por outro, o reflexo dos materiais didáticos com que estão familiarizados, em sua maioria produzidos na Espanha. Não se pode desconsiderar também o público que busca a instituição, que muitas vezes já a busca por ter uma afinidade com essa cultura ou com esse país.

Em alguns casos, o adjetivo, por si só, já traz no seu significado um valor comparativo. É o caso dos quatro últimos adjetivos listados acima: diferente, interessante, forçado, cantado. O adjetivo **diferente** pressupõe uma comparação, um elemento a partir do qual se possa dizer que um segundo elemento é igual ou diferente. Ao analisar os enunciados de estudantes das demais instituições, também é possível encontrar comparações nas quais o espanhol argentino é caracterizado como diferente:

- Acredito que haja uma mistura de outras línguas e por isso seja **um pouco diferente** do espanhol falado na Espanha. (UP)
- **Diferente** marcado por **pronúncias diferentes**. (UF)
- Penso que apesar de ser uma variante do espanhol da Espanha, parece ser **uma língua totalmente diferente** e, como eu disse acima, mais próxima da nossa. (UF)
- É **distinto** do espanhol da Espanha porque possui outras variantes e influências. (UF)

Embora o elemento de comparação não esteja presente em todos os enunciados, a comparação explícita com o espanhol da Espanha em alguns casos, somada ao fato de que, em diversos enunciados, o espanhol argentino é tomado

como **derivado** do espanhol da Espanha coloca este último no lugar da referência inicial a partir da qual se caracterizam as demais formas da língua. Pode-se dizer, ainda, que a presença marcante do adjetivo **diferente** não está somente autorizada pela comparação do espanhol argentino com a variedade espanhola. Em alguns enunciados nota-se que a variedade argentina parece ser tomada como a mais diferente delas, a que teria características mais particulares:

- **Muita diferença do espanhol dos outros países latino-americanos** e da Espanha. (CL)
- Percebi que a variante do argentino era **bem diferente da dos cubanos, chilenos**, que em geral tinham as mesmas palavras e pronúncias. (UF)
- Mesmo a Argentina estando situada na América Latina, ainda assim, **o seu espanhol é diferente em relação aos outros países do mesmo continente**. (UF)
- Variante **carregada de particularidades** (sotaques, voseo...) que parecem torná-la complexa para o estudante. (UF).

De modo menos evidente, mas também identificável, **interessante**, **forçado** e **cantado** também trazem a necessidade de que haja um elemento de comparação a partir do qual se atribuem estas características. Pense-se que interessante é muito utilizado com o valor de curioso e intrigante, características que podem ser atribuídas a algo novo, desconhecido, misterioso e até, no limite, exótico, que provoca curiosidade. Já forçado e cantado são adjetivos que podem aparecer muito, principalmente no senso comum, para caracterizar variedades, sotaques e falares da nossa língua materna, pois também são adjetivos que pressupõem um estranhamento em relação a algo familiar e conhecido. Ninguém diria “eu falo cantado” ou “o sotaque da minha região é forçado”. É uma característica de um sotaque outro, de uma variedade outra e que freqüentemente serve para adjetivar as variedades e os falares da língua que têm menos prestígio lingüístico. Sendo assim, nota-se que é em relação a uma forma da língua supostamente mais conhecida ou mais prestigiada que se pode caracterizar o espanhol falado na Argentina com os adjetivos forçado ou cantado.

Há outros enunciados em que não apenas aparecem **espanhol da Espanha = espanhol original** e **espanhol da Argentina = espanhol derivado**, mas o processo de alteração ou transformação ao qual a forma derivada está submetida

aparece qualificado, isto é, em vários enunciados, se explicitam os atributos que caracterizariam uma forma derivada da língua:

- Derivado da Espanha com **muitas particularidades**. (CL)
- A partir do original, mas com **características próprias**. (UP)
- Variante **carregada de particularidades** (sotaques, voseo,...) que parecem torná-la complexa para o estudante. (UF)
- Acho que também **sofre variações** na pronúncia e oralidade. (UP)
- Possui **grandes variações**. (UF)
- Adaptado a novas circunstâncias, sofreu **influência de outras línguas**. (CL)
- Acredito que haja **alguma mistura de outras línguas** e por isso seja um pouco diferente do espanhol falado na Espanha. (UP)
- Mais **interferências de extranjeirismos** (sic). (UF)
- Cheio de **gírias e manias locais**. Não dá pra entender. (CL)
- Mais fácil de ser assimilado. Utilizam **muitas gírias**. (UF)
- Uma variante do espanhol da Espanha mais fácil (pronúncia) e com **mais gírias**. (UF)
- Tenho a impressão de que seja um espanhol **mais livre**. (UF)
- Um pouco **mais ‘popular’** como havia dito (UF)

Como se pode observar, ressaltam-se as **peculiaridades**, quando essa variante é comparada à “forma original”; a **variação**, o que lhe confere um caráter dinâmico, de mudança contínua; a **influência de outras línguas**; a **existência de gírias**, o que, juntamente com a caracterização de “mais popular” e “mais livre”, traz a idéia de que a variedade argentina é mais coloquial, está mais próxima de uma **língua da oralidade** que de uma língua da escrita. Essa caracterização, por um lado distancia o espanhol da Argentina do espanhol da Espanha e, por outro, o aproxima do português brasileiro. Note-se como, neste enunciado, citado logo acima, se aproximam línguas diferentes e se distanciam variedades da mesma língua:

- Penso que apesar de ser uma variante do espanhol da Espanha, parece ser uma língua **totalmente diferente** e, como eu disse acima, **mais próxima da nossa**. (UF)

Reorganiza-se, inclusive, a divisão tradicional entre língua espanhola e língua portuguesa, pois a variante argentina é tomada como uma “língua totalmente diferente”. Desse modo, pode-se afirmar que, no imaginário, as semelhanças e diferenças entre as línguas que se sentem ou se projetam e as divisões que delas

acarretam, muitas vezes se sobrepõem à divisão convencional, reorganizando-se de acordo com as representações que se tem delas e não pela idéia de sistema, de gramática ou de organização discursiva, que marcariam uma separação pautada por uma análise lingüística. Mais adiante, quando tratar das representações sobre o português brasileiro, ficará mais clara a aproximação entre português brasileiro e espanhol argentino a que me refiro.

Estas características que, em diversos casos, haviam provocado um direcionamento enunciativo de desvalorização do espanhol da Argentina nos enunciados do CL, encontram, na maior parte dos casos, um movimento inverso nos enunciados dos informantes da UF. A aproximação entre espanhol da Argentina e português do Brasil, assim como a proximidade geográfica e a maior facilidade de contato, parecem criar com esta variedade lingüística uma maior **intimidade**, ou até um efeito de **identificação**. Isto aparece tanto no relato de experiências e contatos prévios, como em caracterizações como:

- Mais acessível devido à proximidade geográfica. (UF)

Em alguns casos, essa valorização da variante argentina é explicitada como algo aprendido:

- Outra variação lingüística (as aulas de lingüística ajudaram bastante, **em outro tempo diria que é inferior!!!**). (UF)
- Um espanhol que 'caracteriza' os argentinos e que tem um sotaque muito bonito, que **aprendi a valorizar**. (UF)

Há também uma invasão das representações sobre os argentinos no imaginário da língua e vice-versa, como no caso do aparecimento de adjetivos que, em princípio, não poderiam ser atribuídos à língua, pois são relativos ao caráter de pessoas ou são utilizados para qualificar objetos de outra natureza: **arrogante, prepotente, rude, antipático e estridente**. Pareceria muito mais lógico atribuir os quatro primeiros a pessoas e o último à voz de alguém, por exemplo; já que a língua sozinha não pode conter essas características. Há aí, parece-me, um interessante processo metonímico, em que as propriedades do ser deslizam e se transmitem para a língua.

Sobre a projeção no sentido inverso, cito os enunciados de um dos informantes, sendo o primeiro sobre o espanhol da Espanha e o segundo sobre o espanhol da Argentina:

- É gostoso de ouvir e isso **influi na aparência das pessoas**. (CL)
- Não gosto pois parece que **a pessoa está sempre querendo se impor ou é mal educada**. (CL)

Sobre os argentinos, faz a seguinte observação:

- De início parecem um pouco arrogantes (talvez pela maneira que se expressam), mas depois são carinhosos e cativantes. Porém **a ‘língua’ influi muito na aparência**. (CL)

Mais adiante voltarei a tratar dos efeitos que o encontro com outra discursividade ou outras formas de enunciar pode ter sobre as representações do outro ou da língua estrangeira.

Outra das representações, presente tanto nos dados numéricos quanto nos enunciados dos estudantes, refere-se à **semelhança entre o espanhol e o português**, além de várias manifestações de **facilidade e de compreensão** com relação ao espanhol. Nos dados da segunda parte do questionário, entre os adjetivos selecionados com maior frequência, apareceu **familiar**, em primeiro lugar (36 vezes), para caracterizar a língua espanhola, e **compreensível**, como atributo da língua espanhola, do espanhol falado na Espanha e do espanhol falado na Argentina.

Sobre o português falado no Brasil, o adjetivo **difícil** ficou entre os mais selecionados (27 vezes), na frente de **compreensível** (26 vezes). Na parte dissertativa aparecem também várias vezes os adjetivos **fácil** e **compreensível**.

Em manifestações sobre o espanhol da Espanha, cito:

- Acho legal, é uma **língua fácil para nós brasileiros**, temos que apoiar a sua difusão no globo. (CL)
- Me agrada o sotaque, a **semelhança com a língua portuguesa falada no Brasil**. (UF)

Sobre o espanhol falado na Argentina:

- É rápido mas depois de um tempo é fácil de entender. (CL)

- É agradável aos ouvidos e **fácil de ser entendido por qualquer brasileiro**. (CE)

A aprendizagem do espanhol seria, então, desnecessária ou muito fácil, pelo menos no que se refere à compreensão. Persiste, como fica evidente no fragmento citado, o que Celada (2002: 31) considera uma relação historicamente constituída:

“Durante muito tempo ela [a língua espanhola] ocupou o lugar de uma língua que, por ser ‘muito próxima’ do português, era **fácil**, sendo **seu estudo não necessário**. Nesse sentido, o imaginário através do qual o brasileiro se relacionou com essa língua pode ser representado por meio da seguinte seqüência: ‘espanhol-língua parecida-língua fácil’.” (grifos meus).

Observa-se que a língua espanhola não deixou de ocupar esse lugar; a representação de **língua parecida, língua fácil ou língua à qual qualquer brasileiro tem acesso** continua presente, mesmo entre aqueles que não só afirmam que é preciso estudar espanhol, mas o fazem de fato.

Contudo, a suposta semelhança entre o português e o espanhol nem sempre foi associada a uma facilidade na aprendizagem:

- Possuem uma **certa dificuldade** para aprender a língua espanhola, ou melhor, o espanhol, **pois é muito parecido** com o português. (UF)

Para contextualizar melhor o aparecimento deste enunciado, é preciso dizer que foi escrito por um dos alunos do quarto ano do curso de Letras da UF, grupo com o qual vinha realizando discussões teóricas sobre aquisição/aprendizagem de espanhol como língua estrangeira, entre as quais estava a questão da atribuída proximidade e/ou semelhança entre o espanhol e o português. Na aula em que o tema foi mais claramente abordado, perguntei ao grupo sobre quais eram as imagens que tinham sobre semelhança/diferença entre os dois idiomas e facilidade/dificuldade na aprendizagem do espanhol. Após várias manifestações, sobre as quais procurei não interferir, estabeleceu-se certo consenso no grupo de que, ao iniciar o estudo da língua espanhola, acreditavam que era **parecida e fácil**, mas que, após alguns anos de experiência de estudo, passaram a vê-la como **parecida e difícil** ou, até, **parecida, portanto, difícil**. Essa relação de causa-conseqüência que aparecia na sala de aula, retorna no enunciado transcrito acima, com a união das duas características pelo conectivo **pois**. Nas discussões feitas em sala de aula, que podem ter originado o enunciado citado, havia forte resistência a considerar o espanhol uma língua diferente do português, isto é, a inércia da idéia

de semelhança era muito maior do que a da facilidade, prontamente questionada e substituída pelo seu oposto.

Em suas discussões sobre como o imaginário de “competência espontânea” vai sendo refeito de modo a elaborar um “hiato” entre os dois idiomas, Celada (ibid.) afirma que é o “real da língua espanhola” que vai desestruturando esse imaginário. Contudo, ele parece persistir na imagem do espanhol como língua parecida e se alterar por completo na passagem de língua fácil para língua difícil. Uma reestruturação dessa natureza nas representações sobre a língua espanhola certamente está relacionada ao fato de que “o espanhol é uma língua singularmente estrangeira para o brasileiro” (CELADA, ibid.: 187), o que significa dizer,

“no que diz respeito, em nosso caso, ao processo de aprendizado formal da língua espanhola por parte do brasileiro, que será justamente ‘de onde não se esperava’, da mais absoluta ‘proximidade’ (dessa língua parecida), que provirá uma alteridade que surpreende pela procedência” (CELADA, ibid.: 186)

Isto é, o aprendizado do espanhol é sempre desconcertante, pois jamais se poderá dizer onde a diferença está. Ela parece estar sempre escondida atrás das semelhanças e surgirá sempre de forma inesperada e, muitas vezes, embaraçosa. A resistência da idéia da semelhança, além da proximidade histórica e, pelo menos, lexical —ainda que também isto seja ilusório—, se explicaria, então, pela dificuldade de localizar, prever e dominar as tão sentidas e vividas diferenças, mas que ficam sempre restritas à surpresa e ao mal-estar, mas dificilmente podem ser identificadas e reconhecidas.

Ao ter que escolher entre os adjetivos propostos na segunda parte do questionário, aqueles que melhor traduziam as características da língua portuguesa, os que aparecem com mais frequência são: **agradável, bonita, rica, difícil, compreensível e familiar**. Na parte dissertativa, se sobressai o fato de o português falado no Brasil ser caracterizado como **difícil**:

- Muito **difícil para aprender**. (CL)
- Língua **difícil com muitas regras e particularidades**. (CL)
- Uma língua riquíssima, porém **difícil no seu aprendizado**. (CL)
- Língua de difícil entendimento quando não se conhece, adjetivos e conjugações verbais **difíceis para uma pessoa estrangeira entender**. (CL)
- É **cheio de regras ortográficas**. É muito difícil. (CE)
- Língua difícil porém rica e culta (CE)

- Língua difícil para quem não é falante, mas muito rica. (CE)
- **Confuso até para os brasileiros**, que se salvam apelando para gírias e empréstimos da língua americana do norte. (CE)
- **Uma língua com muitas regras e normas**. Considerada uma das mais difíceis por muitas pessoas. (UF)
- Uma língua de variedade e que além de ser **muito difícil (norma culta)** é muito diferente do português de Portugal. (UF)
- Acho uma língua oral maravilhosa, rica e com muitas possibilidades lingüísticas, porém **o português escrito é muito complicado**. Pelo menos aquele que a sociedade gostaria e gosta de ouvir e ler. (UF)

Note-se que a dificuldade, seja na adjetivação (**rica e culta**), seja nos comentários relacionados ao **excesso de regras** e à **dificuldade no aprendizado**, está relacionada ao português escrito, à chamada norma culta; já que é ela que deve ser submetida a um aprendizado formal, na escola e são as aulas de língua portuguesa da escola, onde se aprendiam regras e normas, que pareciam difíceis, porque alheias ao português da fala. Assim, a dificuldade atribuída à língua materna está apoiada sobre “essa relação de não-continuidade entre escrita e oralidade” (CELADA, *ibid.*: 206) e que faz com que se possa estabelecer a seguinte relação: **língua escrita = língua estrangeira**.

Em um dos enunciados, as influências de outra língua aparecem como um fator que facilita a relação com a própria língua. Isto é, os empréstimos e as influências do inglês são mais familiares do que a forma culta da língua portuguesa, a ponto de transformar a língua materna em uma língua menos confusa e mais acessível. Como a língua escrita ou a norma culta constituem um espaço do qual a maioria dos brasileiros está excluída, ela ocupa o lugar imaginário de uma língua estrangeira: **português culto = língua estrangeira**, incorporando seus atributos: língua **difícil**, **desconhecida**, **alheia**. Tanto é assim que, nos enunciados, a dificuldade aparece relacionada ao aprendizado e ao aprendizado pelo estrangeiro. No entanto, se a língua escrita, a da gramática normativa, é tratada como alheia, como estrangeira, os estrangeiros que devem se submeter ao seu difícil aprendizado somos nós mesmos. Sendo assim, na relação com essa porção da nossa língua materna, com o português escrito, pode-se dizer que: **brasileiros = estrangeiros**. Mais adiante, se tratará de outros aspectos da enunciação que colocam o brasileiro ocupando o lugar do estrangeiro.

Mas também aparecem com insistência nos enunciados caracterizações que se referem mais propriamente à **fala**, à **língua oral**. Em geral, nessa caracterização aparece a variedade de formas, sotaques, as diferenças regionais e uma adjetivação que se contrapõe à sistematicidade dada pela norma e pela regra. Para distinguir os enunciados que se referiam mais propriamente ao português da oralidade, foram selecionados os que explicitam a caracterização em relação ao português oral ou à língua falada, o que se pode notar no uso recorrente do verbo falar, das referências ao sotaque, que também só pode ser detectado na fala, e da adjetivação referente à sonoridade: melódico, sonoro, mal-falado. Vejamos, então, a seguir, as representações mais relevantes sobre a língua oral. Observem-se os seguintes enunciados:

- Muito **mal falado pela população**. (CL)
- A **linguagem do povo** torna a língua pobre, porém ela é bonita e sonora. (CL)
- Eu diria ‘os portugueses’ do Brasil. Há de tudo, mas prevalece o **português macarrônico**, de palavras quase impronunciáveis. Saindo dos grandes centros, e mesmo **em sua periferia, fala-se muito mal o português**. (CE)
- Estou certo de que o **português popular**, tão distante do culto, revela o abismo social de um **país cheio de miseráveis**. (CE)
- **Mal-falado**, mal estudado e mal interpretado e mal usado. **As pessoas** não se interessam pela nossa língua materna. (UF)

Nestes enunciados, a caracterização do português coloquial, da oralidade, é de uma língua **mal-falada**, na qual se violam as regras e o uso “correto” da língua. É comum, como se pode observar, que recaia sobre as pessoas, o povo, a população, a periferia ou os miseráveis a responsabilidade pelo mal-falar, pelo empobrecimento da língua, pelo uso de “palavras quase impronunciáveis”. Isto é, a língua mal-falada é sempre de outro.

Outro traço que caracteriza o português da oralidade é a permeabilidade à influência de outras línguas, à incorporação de palavras:

- Também **influenciado por outras línguas**. Em função disto se tornou mais **belo, sonoro e criativo**. Novas palavras e com **mais palavras** que o português de Portugal. (CL)
- Infelizmente quem deveria preservar a forma culta da língua, não o faz, **abusando de anglicismos e espanholismos**. (CL)

- Confuso até para os brasileiros, que se salvam apelando para gírias e **empréstimos da língua americana do norte**. (CE)
- Tem **palavras de diferentes línguas incorporadas ao vocabulário**, tornando-o mais **rico**. (UF)
- **Assimilamos muitas palavras do inglês**, percebi esta influência principalmente depois que visitei Portugal. (UF)

Note-se que essa permeabilidade é aparece como um fator de enriquecimento da língua e ora como um fator de violação da forma culta da língua.

A **variedade de formas** foi uma das características mais mencionadas nos enunciados, sobretudo entre os alunos da UF:

- É **muito rico e cheio de diferenças** dependendo da região do país. (CL)
- Parece-me que os **sotaques brasileiros são mais variados**, devido à imensidão do país. (CL)
- Existem as mudanças, as variações de acordo com cada região, nível social e econômico. (UP)
- Nossa, **que mistura**, cada estado, cada cidade, cada 'tribo' **fala de um jeito**. Difícil entender todo mundo. (UF)
- É bem diferente do português de Portugal. Há **muitas variedades e muitos sotaques**. (UF)
- Uma **salada mista**, com **muitas variações temporárias e diversas variações regionais**. (UF)
- Embora seja **muito fracionado, muito variado**, considero uma língua única que se sobressai até do português de Portugal. (UF)
- Uma língua **extremamente heterogênea** e de facilidade funcional (comunicativa), apesar das variações. (UF)
- As **variedades são enormes** e infelizmente encaradas muitas vezes com preconceito em nosso país. (UF)
- **'Multifacetado'**. Parece uma **junção de vários idiomas**. A **variedade lingüística é tão grande** que é possível que algum sulista não entenda um nortista. (UF)

Além do grande número de enunciados que mencionam a variedade lingüística, ela aparece como um traço super-dimensionado, o que se evidencia pelo uso de formas aumentativas tais como: muito, enorme ou extremamente. Esse tipo de hipérbole aparece também no último enunciado, no qual a variedade é comparada à "junção de vários idiomas". Mais adiante se retomará a questão da

variação, associada à fragmentação e como um elemento de mal-estar em relação à língua.

Por fim, cito enunciados nos quais se evidencia uma oposição entre o português da oralidade e o português da escrita, oposição esta que pode estar apoiada sobre a distinção entre o português do Brasil e o português de Portugal; este último, mais identificado ou identificável com a língua culta, da escrita:

- Interessante, **mais descontraído que o de Portugal**. (CL)
- Língua **fácil, cheia de gírias** e palavras abreviadas. **Gostoso de falar e ouvir**. (CL)
- **Bem diferente do de Portugal**, e totalmente **aperfeiçoado** (UP)
- É um português **muito diferente do de Portugal**, dos outros países que falam português. É um português mais **‘melódico’**. Mais **informal**, digamos. (UF)
- Acho uma **língua oral maravilhosa, rica** e com muitas possibilidades lingüísticas. (UF)
- É o português de Portugal **falado com o ‘jeitinho brasileiro’**. (UF)

Aparece, nessas manifestações, uma adjetivação que, por um lado, expõe um **relaxamento da língua oral**, que se oporia à rigidez da norma culta e, por outro, um distanciamento do português de Portugal. Tal relaxamento aparece principalmente nos adjetivos: descontraído, gostoso, fácil e informal.

A diferença e a separação entre o português brasileiro e o português de Portugal estão presentes em muitos dos enunciados, chegando a ser explicitada a necessidade de considerá-los como idiomas diferentes:

- Deveria ser o **‘brasileiro’** do Brasil, pois na realidade nosso idioma não é português. (UF).

No que se refere à relação entre o português brasileiro e o português de Portugal, nota-se uma tensão permanente, já que, de um lado, há um marcado reconhecimento da diferença, mas de outro há, “apesar dos séculos de mudança e diferenciação mútua (GUIMARÃES e ORLANDI, 1996: 12), uma afirmação da unidade no âmbito da gramatização e das políticas de unidade lingüística. Uma tensão que resulta do fato de termos como língua nacional uma língua herdada e imposta pelo processo de colonização e que, sendo primeiramente a língua de outro, passa, por imposição, a ser nossa.

Observe-se que os atributos utilizados para caracterizar o português brasileiro coincidem bastante com os que podiam ser identificados na caracterização do espanhol falado na Argentina, podendo-se aproximar em vários aspectos a caracterização dessas duas variedades, assim como há coincidências entre a caracterização do espanhol falado na Espanha e a do português culto. Em um dos enunciados estas aproximações se explicitam:

- O português do Brasil, hoje, é muito diferente do português de Portugal, **é o mesmo que ocorre** entre o espanhol falado na Argentina e na Espanha, **apesar de ser o mesmo idioma, há muitas diferenças**. (UF)

A análise da caracterização do português brasileiro deixa entrever que na enunciação já se evidencia uma fratura no imaginário sobre a língua materna que coloca de um lado o português da norma culta, das regras, da dificuldade e de outro o português da fala, da variedade, da multiplicidade, das influências, da facilidade. Como aparece em um dos enunciados:

- Existe uma diferença muito grande entre o português brasileiro oral e o português das gramáticas. (UF)

Essa fratura opõe e sobrepõe várias facetas de uma mesma língua: **português culto x português coloquial, português escrito x português oral, português das gramáticas x português falado, português de Portugal x português brasileiro, português difícil x português fácil, português bem-falado x português mal-falado, português cheio de regras x português cheio de gírias e estrangeirismos, português formal x português informal**, etc.

Assim sendo, parece plausível afirmar que somos sujeitos-falantes também fraturados, obrigados a lidar com as distâncias entre o **português** do “**gostoso falar**” (CELADA, *ibid.*: 209), mas o do **mal falar** e o **português** do “**falar difícil / difícilimo escrever**” (*id.*, *ibid.*: 209), mas do **bem falar**. Essas oposições já apareceram em vários dos enunciados, contudo, percebe-se que não se pode dizer que com relação ao português escrito e culto a enunciação aponte num sentido mais apreciativo, enquanto no que se refere ao português coloquial, da fala, ecoem avaliações depreciativas. Há enorme ambigüidade nos valores que a adjetivação tem. Se, de um lado, se pode citar a manifestação de uma aluna do CE que se assume como professora de português,

- Ela [a língua portuguesa] é um ‘**ser**’ **que está ficando doente** e o remédio certo para a cura ainda não foi encontrado,

cujo discurso caminha para a preservação da regra, da norma culta; de outro, aparecem enunciados tais como,

- Há muitas variedades e muitos sotaques. O legal é saber que não há o português falado errado nem o falado feio. (UF)
- Acho a língua oral maravilhosa, rica e com muitas possibilidades lingüísticas, porém o português escrito é muito complicado. (UF),

que valorizam a variedade, as possibilidades ao invés da fixação da forma “correta” imposta pela regra.

Com relação à cisão **português culto/português coloquial**, gostaria de mencionar também o trabalho de Glauce Lara (2001)²², que obtém os seguintes resultados ao analisar o discurso de estudantes universitários sobre a língua portuguesa: a autora identifica uma oposição clara entre o **português culto**, “associado a valores positivos e a temas como beleza, riqueza, correção e formalidade”, embora também seja associado a algo distante e difícil, e o **português popular** que se mostra, “ao contrário, errado, feio, vulgar, desordenado e destituído de prestígio social”, ainda que esteja mais próximo do falante (LARA, 2001: 38). Desse modo, a autora associa o primeiro às categorias de **identidade** e **distância** e o segundo às categorias de **alteridade** e **proximidade**. Embora as características encontradas na pesquisa de Glauce Lara também tenham aparecido em muitos dos enunciados aqui analisados, procurei demonstrar que o imaginário associado ao português brasileiro está formado por movimentos afetivos e ideológicos, muitas vezes ambíguos e contraditórios, que não permitem identificar uma única valoração em relação a cada um deles. O que, sim, parece ser compatível com a enunciação que aparece no corpus desta pesquisa são as categorias às quais a autora associa o português culto e o português coloquial.

Esta convivência entre **identidade/alteridade**, **distância/proximidade** deverá deixar suas marcas no aprendizado e na relação com a língua espanhola, já que, como se pode observar, o espanhol falado na Espanha estaria, no imaginário, mais próximo do português culto da escritura, enquanto o espanhol da Argentina se

²² O artigo que cito é, segundo a autora, uma versão resumida de parte do Capítulo V de sua tese de doutorado, intitulada *A imagem da língua portuguesa no discurso de sujeitos escolarizados e não escolarizados* (USP, 1999)

aproximaria mais ao português coloquial, da oralidade. Podem se reproduzir, de certa forma, com a língua espanhola as categorias de representação que Lara (ibid.) utiliza para a língua portuguesa.

Mas ainda não é o momento de aprofundar esta questão, pois, ao haver analisado a adjetivação dos enunciados, é hora de olhar mais de perto como estão construídos, que estruturas compõem sua discursividade.

4. Os meandros da estrutura e do discurso

***Meandro** (sentido figurado): aquilo que procede por vias sinuosas; volteio, desvio; emaranhamento, complexidade²³*

Deter-se sobre a discursividade e analisá-la obriga a deslocar a atenção do léxico, da palavra, para concentrar-se nas vias sinuosas, nos caminhos tortuosos, e muitas vezes surpreendentes, pelos quais os termos, os adjetivos se associam, se encontram e desencontram, se enfrentam para formar imbricadas, emaranhadas e complexas redes de sentido; pelo menos mais complexas do que um primeiro olhar pode identificar.

Ao observar a transcrição dos enunciados, nota-se que as construções **adversativas**, **concessivas**, **causais** e **explicativas** são muito freqüentes, tanto nas frases em que os estudantes expõem suas opiniões e impressões sobre a língua quanto, e principalmente, naquelas em que se manifestam com relação aos argentinos, espanhóis e brasileiros. Duas perguntas surgem dessa observação: por que a recorrência deste tipo de construções e que efeitos de sentido criam. Para interpretar estas construções, pareceu-me fundamental recorrer à Teoria da Argumentação, aos estudos na área da enunciação e também à Análise do Discurso. Pareceu-me importante, ainda, percorrer diferentes níveis e perspectivas de análise, de modo a poder relacionar as construções argumentativas à adjetivação mais recorrente tratada no capítulo anterior. Também foi de grande relevância a consulta a gramáticas do espanhol e do português, com o objetivo de ver como, tanto de um ponto de vista mais normativo quanto descritivo, se trata a questão das construções adversativas e concessivas. Iniciemos por elas.

²³ Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

Matte Bon (1999: 211), no capítulo em que trata da concessão e das frases adversativas, faz as seguintes afirmações sobre as **orações concessivas** e **adversativas** e sobre a diferença entre elas:

“Los enunciados con oraciones concesivas y aquellos que incluyen una oración adversativa son enunciados en los que el hablante menciona dos elementos de información que contrastan fuertemente entre ellos —hasta tal punto que, según el hablante, *uno de los dos no debería ser posible a la luz de lo expresado por el otro*. [...]

En los enunciados con oración concesiva, el enunciador menciona el *elemento A* sólo de paso, ya que su atención se concentra esencialmente en el *elemento B*, sobre el que quiere informar. [...] Se trata pues de enunciados en los que el hablante pone de manifiesto la inutilidad del *elemento A* para impedir el *elemento B*, su fracaso o su impotencia ante el *elemento B*. [...]

Por el contrario, en los enunciados con oración adversativa, el enunciador presenta los dos elementos como informaciones que tienen el mismo peso.”

Ao recorrer a uma gramática do português, vemos que há pouca diferença com relação à descrição do papel das conjunções adversativas ou concessivas. Sobre as primeiras, diz Bechara (2000: 321) que “enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas”, e sobre as segundas, que são concessivas “quando iniciam oração que exprime que um obstáculo —real ou suposto— não impedirá ou modificará a declaração da oração principal” (id., ibid.: 327). No mesmo sentido vai a afirmação de Alarcos Llorach (1995: 373) de que

“Las oraciones degradadas con sentido *concesivo* expresan una objeción o dificultad para lo dicho en la otra oración, sin que ello impida su cumplimiento.”

Mario Perini (2000:145), com o objetivo de descrever o comportamento sintático do que denomina **coordenadores**, sendo uma parte deles de valor adversativo e consecutivo, ressalta que não podem coordenar mais de dois elementos, como no caso de *mas*; o que faz pensar que a relação que estes conectores estabelecem só pode se dar entre estes dois elementos. Moura Neves (2000: 775) justifica, para o caso do *mas* —e acredito poder aplicar-se também a outros conectores adversativos— a impossibilidade de coordenar mais de dois segmentos:

“*MAS* marca uma relação de **desigualdade** entre os segmentos coordenados e, por essa característica, não há recursividade na construção com *MAS*, que fica, pois, restrita a dois segmentos” (grifo meu)

E mais adiante a autora explica um pouco melhor o significado de “relação de desigualdade”, dizendo que

“o *MAS* evidencia exterioridade entre os dois segmentos coordenados e, a partir daí, coloca o segundo segmento como de algum modo diferente do primeiro, especificando-se essa desigualdade conforme as condições contextuais” (Id., *ibid.*: 756).

Na seqüência, Moura Neves (*ibid.*) faz uma análise do valor semântico do *mas*, procurando classificar e nomear o tipo de desigualdade que se observa entre os dois elementos em cada um dos casos. A classificação fica dividida entre dois valores principais: **contraposição** e **eliminação**.

Nas definições elencadas até o momento e nos vários termos utilizados para designar o tipo de relação que o *mas* estabelece entre os dois elementos enunciados —contraste, oposição, desigualdade, contraposição, eliminação, além de outros—, nota-se que há uma enorme dificuldade em se fazer uma análise semântica do *mas*, ou de outros conectores adversativos, de modo a poder definir e classificar o tipo, ou os tipos, de relação que ele estabelece entre os dois elementos que articula.

No caso das concessivas, as dificuldades parecem ser menores. Nas definições anteriores, fica clara a sua relação com as adversativas, de modo que ambas podem ser enquadradas “entre as conexões **contrastivas**” (MOURA NEVES, *ibid.*: 864). Contudo, Moura Neves (*ibid.*: 869) estabelece uma relação entre as construções concessivas e as causais e afirma que a concessão pode ser vista como a “frustração de causalidades possíveis”.

Também se vê nas gramáticas consultadas que há uma separação rígida entre subordinadas e coordenadas, sendo que no português o *mas* é considerado uma conjunção coordenada e o *apesar* uma conjunção subordinada. Da mesma forma, no espanhol, com frequência o *pero* se associa à coordenação e o *aunque* à subordinação, embora muitos considerem que o *aunque* com indicativo, possível em espanhol e necessário segundo o caso, também seja coordenação. Entretanto, para o caminho de análise que pretendo perseguir, estas diferenciações não têm relevância, já que no processo argumentativo que é inerente a este tipo de construções sempre haverá interdependência entre os argumentos e, portanto, entre os dois elementos do enunciado. Koch (2000: 111), que também procura discutir processos argumentativos, questiona essa separação da seguinte forma:

“Sob esse enfoque, torna-se inadequado falar em orações dependentes (ou subordinadas) e independentes (ou coordenadas), já que se estabelecem entre as orações que compõem um período, um parágrafo ou um texto, relações de **interdependência**, de tal modo que qualquer uma delas é necessária à compreensão das demais.”

Pensar em uma relação de interdependência entre segmentos que compõem um enunciado é essencial quando o foco está posto no **sentido** e não na estrutura, ou pelo menos, não na estrutura por si mesma, mas no modo como a estrutura constrói sentidos, já que “a diferença de construções tem sempre uma razão que não é a simples diferença de *informação* mas sim de *efeitos de sentido*” (ORLANDI, 1996: 119). Assim sendo, as diferenças entre a concessão ou a adversidade só vão interessar na medida em que os efeitos de sentido forem diferentes. Desse modo, parece mais coerente falar em operadores de **adversidade-concessão**.

Até o momento, tem-se que os conectores de adversidade-concessão articulam dois segmentos que apontam em sentidos diferentes, em geral contrapostos. Daí que se diga que têm um valor essencialmente argumentativo, o que confere uma interdependência entre os segmentos que, podendo ou não existir no nível sintático, existirá sempre no nível da enunciação.

Já havia dito no início do capítulo anterior que o ponto de vista que orienta estas análises é o da apropriação feita pela Análise do Discurso, mais especificamente por Eduardo Guimarães (2001, 2002, 2004), da Teoria Polifônica da Enunciação de Oswald Ducrot e da Teoria da Argumentação de Ascombre e Ducrot. Esta última lança um olhar sobre o funcionamento da linguagem que vai questionar as idéias clássicas de descrição e concepção lingüísticas, para as quais a língua tem uma função informativa / descritiva / constativa / comunicativa (GARCÍA NEGRONI e TORDESILLAS, 2000: 11). Pretendendo descrever a língua somente a partir da língua, Ascombre e Ducrot, consideram que esta “comporta indicaciones de carácter argumentativo [...], de modo que no solo las dinámicas discursivas sino también el léxico y la propia estructura semántica profunda de la lengua comportan un valor argumentativo” (GARCÍA NEGRONI e TORDESILLAS, *ibid.*: 11-12); ou seja que todo enunciado é essencialmente argumentativo e, portanto, significar “no es describir o informar, sino dirigir el discurso en determinada dirección.” (ANSCOMBRE, DUCROT, 1983 apud AMOSSY & PIERROT, *ibid.*: 103). No

processo argumentativo, estabelece-se uma relação entre argumentos e conclusões, apoiada pelas instruções presentes na própria construção lingüística do enunciado.

Ducrot (2001) dedica à conjunção *mais* do francês um importante espaço nos estudos em argumentação, o que é pertinente para esta análise já que o **mas**, juntamente com o **porém**, são os conectores mais freqüentes nas construções de adversidade-concessão presentes nos corpus. O autor chega à seguinte formalização (id., ibid.: 168):

- $p \text{ mas } q \Rightarrow p$ leva à conclusão r , q leva à conclusão $\text{não-}r$
- $p \text{ mas } q$ vai na direção de $\text{não-}r$ porque q tem mais força que p .

Para Ducrot (ibid.), os argumentos separados por *conectivos argumentativos* de tipo adversativo não têm o mesmo peso; pelo contrário “cuando queremos describir *pero*, es necesario hacer aparecer una disimetría entre las proposiciones coordinadas.” (id., ibid.: 174). Esta assimetria é fundamental para o processo argumentativo, pois de acordo com o autor, o argumento que vem introduzido pela conjunção adversativa tem mais peso que o primeiro, como aparece no esquema acima. Quanto ao seu valor argumentativo, menciona Ducrot (ibid.: 173):

“Cuando, al describir *pero* de una manera general, afirmo que p y q se presentan como valores argumentativos inversos, no quiero decir que se los considere siempre como productores de creencias; lo que es constante es que se los presenta siempre como si orientaran al que las acepta en dos direcciones opuestas (ya se trate de sus opiniones, de sus emociones, de sus deseos, de sus decisiones, etc.).”

A relação entre enunciado/argumento/conclusão é garantida pelo *topos* que, segundo García Negroni e Tordesillas (ibid: 12), “se plantea como el trayecto que debe tomarse en vistas de alcanzar, a través de un enunciado-ocurrencia, una conclusión específica”; o que significava dizer, num primeiro momento do desenvolvimento da teoria, que os *topoi* eram “*tópicos*, lugares comunes que se suponen admitidos por una sociedad” (ESCANDELL VIDAL, 1996: 98). Em um momento mais recente da reflexão teórica, o termo ganhou outra conceituação:

“De este modo, utilizar un topos en un discurso ya no será servirse de una creencia presentada como compartida por una cierta comunidad lingüística, sino representar una situación a partir de un cierto número de discursos que le son aplicables. Si, en este marco, los discursos aplicables llevan a una representación del mundo, debe considerarse que dicha construcción obedece a las restricciones impuestas por las palabras mismas que conforman el discurso y que constituyen la significación de las palabras: los topoi evocados están determinados por los topoi intrínsecos asociados a las palabras” (GARCÍA NEGRONI e TORDESILLAS, ibid.: 14)

Contudo, considerar que o sentido é o resultado das instruções presentes na oração (DUCROT, 2001.: 136) é considerar que ele é único e está dado necessariamente pela orientação argumentativa do enunciado. Ao analisar os enunciados que constituem o *corpus* deste trabalho, nota-se que sua orientação argumentativa não é suficiente para explicar os efeitos de sentido produzidos pela presença insistente de conectores adversativos-concessivos e causais-explicativos. Optou-se, assim, por tratar a argumentação do ponto de vista da AD, que a vincula à interdiscursividade e, portanto, “o que se diz pela argumentação não significa só o que a relação de orientação argumentativa parece sustentar” (GUIMARÃES, 1998: 432). Afirmar que a argumentação está sustentada no interdiscurso significa que os efeitos de sentido que o discurso venha a produzir não estão amarrados pela ilusão de unidade textual e pela intenção argumentativa. Melhor dizendo:

“Mas os efeitos de sentido de um texto, como vimos, dizem também respeito ao que chamamos dialogia interna (polifonia, intertextualidade, etc.). Deste modo os efeitos de sentido de um texto não se limitam aos efeitos de sua orientação argumentativa, ou da ilusão da sua unidade. A argumentação textual, portanto, não é necessariamente uma, nem una” (GUIMARÃES, 2001: 195)

Mas para que se possa compreender melhor a Teoria da Argumentação e suas reformulações dentro dos pressupostos da AD, deve-se passar antes pelo conceito de **polifonia** desenvolvido por Ducrot (ibid.), já que ele é essencial para entender de que forma está construída linguisticamente a argumentação. Os enunciados são polifônicos, pois estão compostos de diferentes vozes que correspondem a enunciadores diferentes. Ou seja, embora o **locutor**, ou o responsável pelo enunciado, seja único, no interior da enunciação, ele pode se desdobrar em diferentes **enunciadores**, sendo cada enunciador responsável por um ato de linguagem efetuado na enunciação. Enunciados tipo [*p mas/pero q*] “ponen en escena enunciadores sucesivos, E_1 y E_2 , que argumentan en sentidos opuestos y donde el locutor coincide con E_2 y hace coincidir a su alocutario con E_1 ” (DUCROT, ibid.: 266). Ou seja, os enunciadores são os responsáveis pelos **pontos de vista** que se articulam no enunciado; no caso de enunciados adversativos, pontos de vista diferentes e, de modo geral, contrapostos.

Embora o conceito de polifonia seja fundamental para o percurso analítico que se pretende percorrer, pois é evidente a presença de diferentes pontos de vista nos enunciados analisados, é preciso vincular este percurso ao arcabouço teórico da

AD. Como já se tinha afirmado no início do capítulo, não interessam as características dos informantes desta pesquisa como indivíduos ou seres do mundo empírico, mas o lugar social do qual falam, já que há um lugar social comum a todos eles: alunos brasileiros de espanhol como língua estrangeira. Falam desse lugar, pois lhes é solicitada a produção de um tipo de discurso fortemente vinculado a ele, marcado ideologicamente por ele, tanto no que se refere a questões de identidade nacional como de identidade lingüística. Desta forma, deve-se considerar que o locutor, além de responsável pelo enunciado, é também aquele que assume a palavra, o que significa que está “afetado pelos lugares sociais autorizados a falar, e de que modo, e em que língua” (GUIMARÃES, 2002: 24).

Note-se que, levando em consideração o tipo de discurso analisado e o olhar que orienta esta análise, um dos elementos centrais para a discussão é a vinculação entre discurso e **ideologia**. Para Althusser (1970, apud BRANDÃO, 1998: 22-23), um dos teóricos que embasa as reflexões dentro da AD, a ideologia é a relação imaginária que necessariamente mantemos com o mundo e com a nossa condição de existência e que molda nossas ações e nosso dizer, sem que sejamos conscientes disso. Brandão (ibid.) também cita Ricoeur (1977) como outro dos teóricos importantes que discorre sobre o papel da ideologia. Este autor divide as funções da ideologia em três, estando a primeira, ou a função mais geral, bastante relacionada à temática que desencadeia a produção dos enunciados: a ideologia é esquemática e simplificadora, resistente a modificações e permite que um grupo social conforme uma auto-imagem e atue socialmente. Além dessa função mais geral, haveria outras duas: a de dominação, relacionada à legitimação da autoridade, e a de deformação, que nos faz “tomar a imagem pelo real, o reflexo pelo original” (RICOEUR, ibid. apud BRANDÃO, ibid.: 26). Quando se afirma que o discurso é ideologicamente determinado, como faz a AD, está se considerando que o falante não é capaz de controlar completamente os sentidos daquilo que diz, o direcionamento do dizer, que há um componente ideológico que atravessa o discurso e do qual ele (o falante) não é consciente.

Para a AD, o sujeito não é mais uno, dono de uma intenção que é capaz de traduzir e manifestar na sua fala, “fonte e senhor do seu dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1990: 25). Trata-se de um sujeito dividido, cindido, clivado, descentrado, que não é dono da linguagem, mas efeito da mesma (AUTHIER-REVUZ, 1982 apud

BRANDÃO, *ibid.*: 54-56). O sujeito da AD carrega uma “heterogeneidade constitutiva” (AUTHIER-REVUZ, *ibid.*: 26), uma tensão, já que ele não é nem totalmente livre, nem totalmente assujeitado. Afetam-no, na sua relação com a linguagem e com seu próprio discurso, duas ilusões necessárias para que a linguagem funcione: o sujeito se coloca como fonte de sentido do seu discurso e acredita que o que diz só pode ser dito com aquelas palavras, ou aquelas palavras só podem significar uma coisa, o que ele (sujeito) quer que elas signifiquem (ORLANDI, 2000: 35).

Assim sendo, o sentido está além da intenção do falante e além da orientação argumentativa, como já foi dito. As vinculações ideológicas do léxico e a memória da língua, integradoras do interdiscurso, juntamente com as condições de produção, vão agir sobre o sujeito e interferir nos efeitos de sentido do discurso. Em resumo, como afirma Eni Orlandi (1996: 128):

“São, de forma geral, três coisas que presidem a argumentação em termos de discurso: relação de forças (lugares ‘sociais’ e posição relativa no discurso), relação de sentido (o ‘coro de vozes’ em um dizer; a relação que existe entre os vários discursos) e a antecipação”.

Os dois primeiros já haviam sido tratados anteriormente, quando se mencionou os lugares sociais desde os quais falam os locutores e ao falar sobre o conceito de polifonia de Ducrot. Resta falar sobre a **antecipação**. Para a AD a antecipação faz parte das formações imaginárias que dirigem o processo de argumentação e diz respeito ao mecanismo segundo o qual o sujeito procura colocar-se no lugar do seu interlocutor para antecipar o efeito que suas palavras podem ter sobre ele (ORLANDI, 2000: 39). Através da antecipação, o locutor projeta a imagem que o seu interlocutor tem dele (locutor), o que supostamente espera ouvir e, dessa forma, procura inferir o efeito que lhe pode causar sua fala ou o modo como deve dizer para causar no outro o efeito que tenciona causar.

4.1. No plano da sintaxe

Tendo delineado os principais elementos teóricos que devem contribuir com a análise que pretendo empreender a partir de agora, retornemos ao plano da sintaxe e analisemos como os diferentes conectores articulam e constroem a argumentação.

4.1.1. Adversidade-concessão

No que se refere à presença de conectores de adversidade-concessão nos enunciados, a primeira coisa que chama a atenção é que, quando utilizados para contrapor características ou adjetivos, nota-se que, na maior parte dos casos, a contraposição ou a oposição está apoiada sobre a construção enunciativa e não sobre o significado dos adjetivos. Isto quer dizer que, em muitos casos, a caracterização poderia ter sido enunciativamente construída com a presença de pausas apenas ou de uma conjunção aditiva. Se a contraposição não está na adjetivação, onde está então? Tomo alguns exemplos de enunciados sobre os espanhóis:

- São conservadores e autoritários **porém** honestos e trabalhadores. Trabalham para viver. (CL)
- Às vezes são impacientes com os estrangeiros **mas**, sobretudo, são orgulhosos de seu país. (CE)
- São muito elegantes e cultos, **mas** ao mesmo tempo nervosos e encenqueiros. (UF)

Sobre os argentinos, podem-se citar os seguintes:

- Parece que não se situavam na América Latina e cultuavam uma Europa que em realidade não existia e parece que hoje pagam por essa arrogância. **No entanto** são cultos e parecem gostar de aproveitar a vida. (CL)
- Pessoas de difícil acesso e rudes, **porém**, batalhadores, sabem contestar e brigar quando necessário. (CL)
- Aparentam arrogância, **mas** lutam para fazer da Argentina um país culto e democrático. (CE)
- Não gostam de perder para os brasileiros e vice-versa. **Apesar disso**, gosto da maneira com que eles agem, por exemplo, protestando contra algo que não acham certo para seu país. (UF)
- Antipáticos, preconceituosos, esnobes. **Embora** eu ache o país lindo. (UF)
- Um pouco duro, um povo muito autoritário, **mas** com um nível de organização fantástico e de mobilização fora de série. (UF)

Sobre os brasileiros:

- Alegres, **porém**, acomodados. (CL)

- Somos alegres, criativos, **mas** um tanto submissos o que dificulta muito o desenvolvimento do país em alguns aspectos. (CL)
- **Apesar da** falta de cultura dos brasileiros acho cativantes e comunicativos independentes das regiões pois cada um tem o seu dialeto. (UP)
- Um povo muito carismático, acolhedor. **Porém** muito conformados, acomodados. Mas têm força de vontade, são bastante otimistas. (UF)
- Pessoas que não valorizam muito a cultura (não todos) **porém** um povo de índole pacífica (infelizmente não todo) e um pouco submisso e acolhedor. (UF)
- Boas pessoas, **mas** um pouco desorganizados e com um coração imenso, acima de qualquer coisa. (UF)

Também há exemplos desta natureza nos enunciados sobre o espanhol falado na Espanha:

- Agrada-me muito, acho forte, **mas** também melodioso. (CE)
- Com uma pronúncia mais difícil, **porém** muito bonita. (UF)
- O sotaque não me parece tão bonito, **mas** tenho a impressão que é mais formal, como o inglês britânico se comparado ao americano. (UF)

Sobre o espanhol falado na Argentina:

- Os argentinos falam mais rápido, **mas** não fogem de suas origens. (CE)
- Tenho mais dificuldade para entender, **mas** é muito culto. (CE)
- Diferente marcado por pronúncias diferentes... **Porém**, creio que pelo maior contato, é mais compreensível. (UF)
- Diferente do falado na Espanha, **no entanto**, mais acessível devido à proximidade geográfica. (UF)

E sobre o português brasileiro:

- Claro, forte, fácil de compreender, **mas** com muitas diferenças regionais. (CL)
- Uma língua riquíssima, **porém** difícil no seu aprendizado. (CL)
- Língua difícil, **porém** rica e culta. (CE)
- **Apesar de** ser uma língua difícil **mas mesmo assim** acho maravilhoso independente dos sotaques. (UP)
- Uma língua extremamente heterogênea e de facilidade funcional (comunicativa), **apesar das** variações. (UF)

Embora, nestes casos, a semântica dos adjetivos ou o significado de cada uma das proposições não permita, desde logo, estabelecer uma oposição, a

presença das conjunções adversativas ou concessivas instaura a contraposição entre os segmentos e evidencia o carácter dialógico do enunciado. Note-se que, nos enunciados sobre os brasileiros, **acolhedor** aparece contraposto a **conformados** pela conjunção **porém**, enquanto em outro enunciado **acolhedor** está unido a **submisso** pela conjunção **e**, de valor aditivo. Ocorre o mesmo no último enunciado citado, referente ao português brasileiro, no qual a **heterogeneidade** aparece inicialmente unida à **facilidade funcional** pela aditiva **e**, contudo, na evolução do enunciado, **facilidade funcional** passa a ser um obstáculo, introduzido por **apesar**, às **variações**. Como heterogeneidade e variações fazem ambas referência às diferenças dialetais, regionais e fonéticas da língua, pode-se dizer que estabelecem com a facilidade funcional uma relação de adição e de contraposição.

Esses exemplos ajudam a reforçar ainda mais a ideia de que os conectores são os que acabam por atribuir **valores eufóricos** ou **disfóricos** aos adjetivos e à caracterização, ou denunciam um movimento de elogio, de **aproximação** em um dos segmentos do enunciado e de crítica, de **afastamento** no outro. As construções adversativas-concessivas, presentes nesses enunciados, representam **movimentos afetivos** em relação à caracterização de cada um dos temas e foram mais recorrentes nos enunciados referentes aos brasileiros, argentinos e espanhóis do que às variantes lingüísticas que falam e os países em que vivem. A ordem e a posição sintática em que aparecem segmentos mais eufóricos ou mais disfóricos e, portanto, a direção argumentativa para a qual apontam os enunciados não é constante. O que parece ser constante é a presença de um movimento enunciativo que aponta em diferentes direções e que faz surgir uma **relação contraditória**, de se aproximar e se distanciar, de elogiar e criticar ou, no limite, de amar e odiar.

Muito embora tenha sido menos freqüente que aparecesse uma oposição explícita entre os segmentos dos enunciados, em alguns casos, a contraposição está presente tanto no significado do adjetivo, quanto no conectivo.

Para caracterizar os espanhóis, aparecem mais exemplos que para os demais temas:

- Duros **mas** cordiais. (CL)
- Pessoas simpáticas, cordiais, **mas** rudes. (CL)
- Às vezes conservadores no aspecto familiar **mas** em outras áreas procurando sempre a modernidade. (CL)

- Acho que são um pouco duros algumas vezes, **porém** na sua maioria são alegres, afetuosos. (CL)

Sobre os argentinos, podem-se citar os seguintes casos:

- De início parecem um pouco arrogantes (talvez pela maneira que se expressam), mas depois são carinhosos e cativantes. (CL)
- Fechados, **apesar de** ter conhecido alguns bem extrovertidos. (UF)

Para caracterizar os brasileiros, apareceram:

- Mostram bondade, força de vontade e solidariedade, **mas** ao mesmo tempo querem levar vantagem em tudo, são individualistas e preguiçosos (=acomodados). É um povo contraditório. São pouco unidos. (CL)
- Um povo maravilhoso, com uma cultura grandiosa e rica, **porém** um povo com uma auto-estima baixa. (UF)

Em alguns casos, os conectores aparecem contrapondo antônimos, tais como **simpáticas e rudes, conservador e moderno, duros e afetuosos, fechados e extrovertidos** ou **solidariedade e individualismo**. Em outros casos a oposição não é tão evidente, mas nota-se que já há uma contraposição entre os segmentos, que não está apoiada exclusivamente sobre os conectores, mas que é apenas corroborada pela sua presença. Nestes casos a contradição é mais explícita que nos exemplos citados mais acima e pode parecer inconciliável quando se trata de caracterizar uma mesma coisa; o que leva a falar em oposição. Como podem ser, ao mesmo tempo, simpáticos e rudes? Uma oposição tão explícita, em vários casos, acaba por se sustentar enunciativamente por construções que atribuem as características opostas a aspectos diferentes, como é o caso de “no aspecto familiar” frente a “outras áreas”; a grupos diferentes, como denota o pronome “alguns”; ou ainda, devido a separações temporais com a presença das expressões “de início”, “depois”, “às vezes”, “algumas vezes”. Essas expressões, a meu ver, parecem estar relacionadas a uma busca de coerência, à tentativa do sujeito de controlar seu discurso e procurar conduzi-lo numa dada direção. Portanto, desempenham a função de quebrar a incoerência, o incômodo da contradição explícita, atribuindo cada característica a um aspecto, a uma parte do grupo ou a momentos diferentes da relação. Mas o que ecoa dessas oposições mais explícitas é a impossibilidade de atribuir características únicas, estanques a grupos heterogêneos. A presença de pontos de vista opostos ou conflitantes deste modo articulados, além de evidenciar

movimentos afetivos contraditórios, expõe a **heterogeneidade**, e é o resultado, no nível intradiscursivo, de uma busca de coerência daquilo que escapa, que está sempre pondo as amarras da caracterização, da representação em cheque.

Tanto nos enunciados em que a contraposição entre os segmentos é sustentada pela presença do conector, quanto nos casos de oposição explícita, não parece disparatado afirmar que o locutor, dividido entre duas posições, uma mais favorável e outra mais desfavorável, procure apresentar uma postura justa, equilibrada, conciliatória. Se, por um lado, elogia e exalta, por outro, critica. A busca de uma coerência —talvez inalcançável— e de uma postura equilibrada e justa está influenciada pelos processos de **antecipação** aos quais estes sujeitos-falantes estão submetidos.

Recordo que os questionários respondidos pelos estudantes eram anônimos, mas que seu preenchimento foi solicitado por mim, para compor meu trabalho de pós-graduação, informação que lhes forneci ao solicitar sua participação e colaboração. Portanto, os alunos sabiam que, embora não precisassem se identificar, estavam expondo opiniões para a professora de língua espanhola. Suas projeções em relação às minhas expectativas eram, provavelmente, as de que eu esperava que assumissem um registro mais descritivo e informativo. Portanto, muitos deles não queriam soar preconceituosos e anteciparam de sua interlocutora uma expectativa de que se mostrassem “neutros” e “justos” em seus julgamentos sobre a língua que ensino e seus falantes. Não cabe a menor dúvida de que, como interlocutora, ocupo um lugar de autoridade, sobretudo nas questões relativas à língua espanhola ou ao que a ela está relacionado. Uma construção em que haja um equilíbrio entre crítica e elogio, somada à presença insistente de estruturas **modalizadoras** leva a uma regularidade enunciativa na qual não se toma categoricamente um ponto de vista, em que há contornos, ponderações e movimentos conciliatórios.

4.1.2. Modalização

Tratemos, assim, dos **modalizadores**, para que fiquem mais claras suas relações com os processos de antecipação e também com o lugar institucional de alunos de espanhol como língua estrangeira, lugar que marca a fala destes informantes.

Observa-se o aparecimento de **atenuadores/quantificadores** em alguns enunciados sobre os espanhóis:

- São comunicativos, mas diretos e objetivos e por isso **podem parecer** rudes. Mas **no fundo** não são grosseiros por mal, é o jeito deles. (CL)
- **Às vezes** conservadores no aspecto familiar mas em outras áreas procurando sempre a modernidade. (CL)
- Acho que são **um pouco** duros **algumas vezes**, porém na sua maioria são alegres, afetuosos. (CL)
- **Às vezes** são impacientes com os estrangeiros mas, sobretudo, são orgulhosos de seu país. (CE)
- São **um pouco** arrogantes. (CE)
- Não conheço muito bem os espanhóis. Dizem que **às vezes** são grosseiros com os estrangeiros. **Tenho a impressão** de que são bastante objetivos e francos. (CE)

Sobre os argentinos, cito:

- De início **parecem um pouco** arrogantes (talvez pela maneira que se expressam), mas depois são carinhosos e cativantes. (CL)
- São um povo **um pouco** deprimido. (CE)
- **Um pouco** duro, um povo muito autoritário, mas com um nível de organização fantástico e de mobilização fora de série. (UF)
- **Tenho a impressão** de que sejam calorosos, falantes (comunicativos). (UF)

Com relação aos brasileiros, aparecem os seguintes casos:

- Somos alegres, criativos, mas **um tanto** submissos o que dificulta muito o desenvolvimento do país em alguns aspectos. (CL)
- São abertos às mais variadas influências, sendo, **às vezes, até** ingênuos e deixando-se levar por idéias e modismos. (CE)
- Os brasileiros são dedicados ao que fazem de melhor e **um pouco** desinteressados por problemas muito sérios. (UF)

- São carismáticos, **um pouco** preguiçosos, e adoram uma festa. (UF)
- Pessoas que não valorizam muito a cultura (não todos) porém um povo de índole pacífica (infelizmente não todo) e **um pouco** submisso e acolhedor. (UF)
- Boas pessoas, mas **um pouco** desorganizados e com um coração imenso, acima de qualquer coisa. (UF)

Nas manifestações sobre as línguas, os atenuadores/quantificadores foram bem menos freqüentes e acredito que não tiveram os mesmos valores que os observados nos enunciados transcritos logo acima. Houve quatro ocorrências em enunciados sobre o espanhol falado na Espanha, todas elas entre os alunos da UF:

- Para mim, parece **um pouco** mais fácil de entender por causa da não aspiração dos “s” e outros traços.
- Prefiro o espanhol falado na Argentina, porém o espanhol da Espanha parece **um pouco** mais fácil de compreender.
- Para mim é **um pouco** mais difícil de compreender.
- Tenho a impressão que seja um espanhol **meio** conservador também devido à imagem que tenho do país.

Note-se que os atenuadores/quantificadores destacados acima estão, na maioria dos casos, presentes em enunciados adversativos ou concessivos, o que evidencia sua participação no processo argumentativo. Além disso, antecipam ou estão associados, também de modo geral, a características disfóricas, de modo a suavizar a crítica. Daí poder-se afirmar que tanto a busca de um equilíbrio entre uma caracterização eufórica e uma caracterização disfórica, quanto a atenuação de características de valor depreciativo são responsáveis pelo aparecimento de construções enunciativas menos incisivas e taxativas.

Nos enunciados sobre as línguas, a atenuação, em geral, faz referência à questão da dificuldade/facilidade da variante espanhola e está associada a estruturas comparativas e é provável que, quando se trata de comparar as variedades no quesito facilidade/dificuldade, a atenuação ajude, uma vez mais, a dar um caráter menos crítico e mais conciliatório.

Também participam deste tipo de construção enunciativa, além dos atenuadores/quantificadores que foram elencados acima, outros modalizadores que cito e analiso a seguir.

Observem-se, inicialmente, os seguintes enunciados sobre os espanhóis:

- **Imagino** que são diretos (às vezes em excesso), alegres, sinceros e festeiros. (CL)
- Conheci poucos espanhóis, mais na viagem que fiz recentemente, mas **pelo que eu pude perceber** são alegres e festeiros, valorizam a família e “estar junto”. (CL)
- Não conheço muito bem os espanhóis. Dizem que às vezes são grosseiros com os estrangeiros. **Tenho a impressão de que** são bastante objetivos e francos. (CE)
- **Tenho uma impressão** de que são bastante conservadores, porém nunca tive um contato muito próximo com nenhum espanhol. (UF)
- Os espanhóis **parecem** pessoas alegres, simpáticas. (UF)
- **Imagino** um povo muito culto, trabalhador, com uma boa qualidade de vida. (UF)
- **Parecem** ser amáveis, receptivos, não tanto quanto os brasileiros. Mesmo com todo aquele problema do terrorismo, **parecem** ser um bom povo. (UF)

Sobre os argentinos, algumas das ocorrências são:

- **Parece-me** que são bastante antipáticos. (CE)
- Estes **parece** que falam mais calmos, e é muito melhor de se entender. (UP)
- O que chama atenção é o jeito de falar, **parece** que falam rápido demais. (UP)
- Parecem não gostar muito de brasileiros. (UF)
- **Tenho a impressão** de que sejam calorosos, falantes (comunicativos). (UF)

Nos enunciados sobre os brasileiros, não foram encontradas ocorrências desse tipo de modalizadores, talvez pelo fato de que estas sejam expressões que se usam quando se trata de falar sobre algo mais desconhecido e, possivelmente, mais comprometedor. Novamente, podem ter agido sobre a enunciação os efeitos das formações imaginárias relacionadas à antecipação e ao lugar do qual falam estes locutores.

Nos enunciados sobre as línguas voltam a aparecer modalizadores dessa natureza. Cito algumas sobre o espanhol da Espanha:

- A mim **me parece** que a fala das mulheres é mais delicada que a dos homens. (CL)
- **Parece** mais difícil que o falado na América Latina. (CE)
- Como já disse, **me dá a impressão** de ser o mais ‘correto’, mesmo sabendo que é bem complexo essa definição. (UF)
- O sotaque não **me parece** tão bonito, mas **tenho a impressão** que é mais formal, como o inglês britânico se comparado ao americano. (UF)

Também aparecem nos enunciados sobre o espanhol da Argentina:

- **Parece** mais rude. (CL)

- A compreensão deste espanhol **me parece** mais fácil. (CE)
- **Parece-me** uma coisa menos formal. (UP)
- **Tenho a impressão** de que seja um espanhol mais livre, porém não tenho base teórica para confirmar isso. (UF)

Nos enunciados sobre o português brasileiro praticamente inexistem modalizadores desse tipo, tendo sido encontrado apenas o seguinte enunciado:

- **Parece-me** que os sotaques brasileiros são mais variados, devido à imensidão do país. (CL)

Por outro lado aparecem expressões que, ao invés de colocarem em dúvida, relativizarem, expressam certeza e conferem ao enunciado um efeito assertivo, taxativo. É o caso de expressões tais como: **estou certo de que, observei, tenho conhecimento**. Novamente, falar da própria língua, assim como falar de si mesmos, além de se tratar do supostamente conhecido, permite uma enunciação menos controlada, menos preocupada com os julgamentos e respostas que a opinião vai causar. Produzem-se assim, cenas enunciativas distintas quando se trata de falar do outro e de si mesmos, da outra língua ou da própria. Quando falamos de nós mesmos ou da nossa língua materna, nos sentimos autorizados pela experiência, pelo suposto conhecimento e pelo sentimento de posse ou de pertencimento a fazer afirmações mais categóricas; fala-se de um suposto lugar de saber, de autoridade. O efeito é de uma enunciação mais direta e categórica, menos modalizada e conciliatória que nos enunciados sobre o outro ou a língua estrangeira.

Deve-se considerar, no entanto, que expressões são essas que produzem os efeitos de atenuação. Entre os enunciados citados, estão presentes: **imagino, tenho/me dá a impressão, (me) parece**. Nos três casos, o que se expressa é uma sensação (ou uma imaginação). Nos casos em que aparecem marcas de primeira pessoa, o locutor se responsabiliza pela sensação, pela impressão ou pela imaginação, embora retire o enunciado e o segmento que se segue a estas expressões do plano da afirmação. Não diz que algo é de determinada forma, mas que ele imagina, tem a impressão ou lhe parece ser dessa forma. Deixa aberta a possibilidade de que se diga algo em contrário ou diferente disso.

O verbo parecer, contudo, em geral não está acompanhado do pronome *me*, o que, por um lado retira a responsabilidade do locutor sobre a afirmação e, por

outro, a generaliza. Do ponto de vista enunciativo, pode-se afirmar que “no es el locutor quien se responsabiliza de ese ‘decir’, con lo que se convoca un enunciador al que se atribuye la responsabilidad de ese ‘decir’, y además, ‘dice’ que *parece ser* eso que dice, o lo que es lo mismo, ‘dice’ que es discutible lo que se dice” (DONAIRE, 2000: 82).

Nas modalizações há uma gradação sempre, que vai da certeza à incerteza ou do comprometimento total, que se evidencia nas construções mais afirmativas, mais assertivas, ao não comprometimento, com o abuso dos modalizadores, as construções impessoais, a atribuição de características e julgamentos a enunciadores pelos quais o locutor não se responsabiliza ou com os quais não se identifica. A afirmação categórica parece ser comprometedora demais, sobretudo quando se trata de falar do outro e, será mais freqüente, quando os enunciados se referem aos brasileiros ou ao português falado no Brasil.

4.1.3. Causalidade-explicação

Outro tipo de construção sintática freqüente nos enunciados e que está relacionada ao processo argumentativo é a presença de conectores de **causa-efeito**, ou de **explicação**. Diz-se que seu valor é argumentativo não apenas porque, como afirmam os estudos na área da argumentação, todo enunciado tem valor argumentativo, mas também porque, como afirma Moura Neves (2000: 804), “A relação **causal**, na verdade, raramente se refere a simples acontecimentos ou situações de um mundo.” Ela passa necessariamente pelo conhecimento, pelo julgamento ou pelas crenças do falante (NEVES, *ibid.*: 804).

Nas manifestações dos estudantes, é freqüente que o segmento introduzido pelo conector causal ou explicativo apareça para justificar a atribuição de um determinado adjetivo, uma certa caracterização ou uma atitude em relação a cada um dos temas.

Observem-se alguns exemplos nos enunciados referentes aos argentinos:

- São extremamente nacionalistas. Dá a impressão que, quando se unem, conseguem atingir qualquer objetivo. **Por isso**, passam a imagem de arrogantes, **devido à** forte personalidade. (CL)

- Arrogantes **pois** durante muito tempo pertenceram ao país mais rico e desenvolvido da América do Sul. (CE)
- Eu sempre vi os argentinos de modo distante, **pois** a sua formação foge um pouco da América Latina, principalmente quanto aos traços étnicos. (CE)
- Não conheço a Argentina, mas respeito seu povo, **pois** ele sofre suas angustias mas sempre consegue levantar para se orgulhar de suas origens. (CE)
- São gentis e como os brasileiros se esforçam para falar o português para se comunicarem em português. Essa coisa que argentino é grosso é **por causa** do futebol. (UF)

Sobre os espanhóis, aparecem:

- São comunicativos, mas diretos e objetivos e **por isso** podem parecer rudes. Mas no fundo não são grosseiros por mal, é o jeito deles. (CL)
- Conheci poucos espanhóis, mais na viagem que fiz recentemente, mas pelo que eu pude perceber são alegres e festeiros, valorizam a família e “estar junto” —talvez **por isso** te deixem à vontade e despertem a vontade de voltar à Espanha mais vezes. (CL)
- Estão muitos anos a frente de nós brasileiros **pelo fato de** terem maior poder aquisitivo e existirem a mais anos. (CL)
- Um povo tradicional, diria até preconceituoso, **por** ser a Espanha o país mais católico do mundo. (UF)

Nos enunciados sobre os brasileiros, cito as ocorrências seguintes:

- Somos alegres, criativos, mas um tanto submissos **o que** dificulta muito o desenvolvimento do país em alguns aspectos. (CL)
- Um povo bom, alegre, criativo que foi e ainda está sendo espoliado politicamente e **por isso** tentando desenvolver-se a custa de muita luta. (CE)
- A maioria ignorante e **por causa dos** políticos que dizem que o povo tem direito a tudo, ficam parados a espera de que o governo lhes dê tudo que precisam, preguiçosos, acomodados. (CE)
- Apesar da falta de cultura dos brasileiros acho cativantes e comunicativos independentes das regiões **pois** cada um tem o seu dialeto. (UP)
- É difícil falar dos brasileiros, **porque** em geral, são muito diferentes. (UF)
- Não só “samba” e “futebol” mas um povo carismático, trabalhador e solidário **por** saber todas as dificuldades que passamos. (UF)

Com relação ao português do Brasil, também há exemplos de construções causais-explicativas:

- Parece-me que os sotaques brasileiros são mais variados, **devido à** imensidão do país. (CL)
- Apresenta diversas variações dialetais, **devido à** sua enorme extensão territorial, sem com isso desfazer sua unidade lingüística. (CE)
- Gosto muito da língua portuguesa no Brasil, **pois** ela é mais refinada que em Portugal, mais clara e suave. (CE)
- É diferente do português de Portugal **porque** a língua muda a todo instante. (UP)
- Deveria ser o “brasileiro” do Brasil, **pois** na realidade nosso idioma não é português. (UF)

Sobre o espanhol falado na Espanha, cito:

- Na minha opinião é mais difícil de entender **porque** há palavras com significado diferente. (UP)
- Acho estranho **porque** tem a pronúncia do “c” e do “z” falado de uma maneira que não se fala no português. (UF)
- Um espanhol que todos querem falar, um espanhol que é valorizado, **por** ser falado na Europa. (UF)
- Para mim, parece um pouco mais fácil de entender **por causa da** não aspiração dos “s” e outros traços, mas me identifico mais com o espanhol latino **porque** escuto música com essa variedade da língua há muito tempo. (UF)
- Tenho a impressão que seja um espanhol meio conservador também **devido à** imagem que tenho do país. (UF)

Entre os enunciados sobre o espanhol da Argentina, aparecem alguns casos de causalidade-explicação:

- Não gosto **pois** parece que a pessoa está sempre querendo se impor ou é mal educada. (CL)
- Acredito que haja alguma mistura de outras línguas e **por isso** seja um pouco diferente do espanhol falado na Espanha. (UP)
- Mais ouvido por aqui, **pelo fato** da situação geográfica e pelos contatos, creio. (UF)
- É uma variação lingüística que é mais difícil de ser compreendida, justamente **porque** é falado com muita rapidez pelos seus falantes. (UF)
- É distinto do espanhol da Espanha **porque** possui outras variantes e influências. (UF)

As causais-explicativas, ao servirem para justificar um ponto de vista, um julgamento, um movimento afetivo, uma caracterização ou uma atitude, ajudam a dar-lhes sustentação. Ou seja, as características ou as atitudes ficam apoiadas sobre algo que, de modo geral, é enunciado como verdade, como inquestionável. O movimento é o de dar mais força à argumentação e resguardá-la de possíveis críticas ou oposições por parte do interlocutor. Além deste movimento, que está mais relacionado a uma tentativa do locutor de sustentar seu ponto de vista e torná-lo mais convincente e mais “verdadeiro”, também se pode observar que as causais-explicativas estabelecem relações de causa e consequência entre aspectos da caracterização de cada um dos temas que estão fortemente apoiados sobre o senso comum ou sobre pré-construídos.

Até agora, analisei diferentes construções sintáticas e enunciativas — adversidade-concessão, modalização e causalidade-explicação— que conferem à enunciação um efeito um efeito mais conciliatório, pouco taxativo ou assertivo. Este efeito, pode-se dizer, é consequência de do que vou chamar de **enunciação oblíqua**. Isto é, aquela que se oporia a uma enunciação assertiva, ou seja, um enunciado cuja construção seja tortuosa, esguelhada, tangencial, em que se evite afirmar, asseverar ou ser taxativo; ao contrário, que permita a coexistência dos diferentes, dos opostos, que concilie, atenuie, amenize, explique, justifique. Nesta parte, elenquei e analisei as diversas formas lingüísticas que conferem obliquidade aos enunciados.

O que nomeio como enunciação oblíqua se compara, em grande medida ao que Serrani (1994: 89) chama de enunciação de transição, identificada e analisada em discursos de recusa a um pedido, cujas marcas principais são:

“Nela predominam construções modalizadas com agente determinado, marcas amenizadoras, subordinadas causais e coordenadas explicativas. No grau mais marcado de transição, a enunciação da negativa é produzida por inferência a partir de numerosas transições que decorrem de causas desvinculadas do evento em questão.”

Embora não se trate aqui das formas de expressar uma negativa, há diversas semelhanças entre o tipo de enunciação que, no trabalho de Serrani (ibid.: 89), predomina nos enunciadores em português —sendo todos eles universitários brasileiros estudantes de espanhol—, e os enunciados que constituem o corpus deste trabalho.

Esta forma de enunciar, muito presente na discursividade do português brasileiro, ao entrar em relação com as formas de enunciar do espanhol no processo de aprendizagem da língua estrangeira, também pode desencadear uma parte das representações sobre a língua e os falantes. O contato com a língua e com suas formações discursivas também servirá para reforçar parte das representações pré-existentes, assim como fará surgir outras. Mais adiante, se tratará da relação entre as representações e a discursividade do português e do espanhol.

4.1.4. Comparação

Por fim, parece relevante mencionar outra construção freqüente, que se encontra quase exclusivamente restrita aos enunciados referentes às línguas: as construções de **valor comparativo**. Em alguns casos, os elementos que são objetos de comparação estão explicitados nos enunciados, contudo, em diversos outros, aparecem comparações implícitas. Cito alguns exemplos referentes ao espanhol e ao português.

Com relação ao espanhol falado na Argentina, podem-se citar:

- **Mais** difícil que o espanhol da Espanha, **mais** incompreensível e **não tão** bonito. Parece **mais** rude. (CL)
- **Não tão** encantador **como** o da Espanha, me parece um pouco **mais** seco, porém ainda assim sonoro e sensual. (CL)
- Tenho **mais** dificuldade para entender, mas é muito culto. (CE)
- O espanhol falado na Argentina está **mais** próximo da nossa realidade. (UP)
- Um espanhol **mais** acelerado **não tão** tradicional. (UP)
- Sons **mais** abertos, tom **mais** alto, **maior** gesticulação com as mãos, **mais** interferências de extranjeirismos (sic). (UF)
- **Diferente** marcado por pronúncias **diferentes**... Porém, creio que pelo maior contato, é **mais** compreensível. (UF)
- Uma variante do espanhol da Espanha **mais** fácil (pronúncia) e com **mais** gírias. (UF)
- Percebi que a variante do argentino era **bem diferente** da dos cubanos, chilenos, que em geral tinham as mesmas palavras e pronúncias. (UF)

Sobre o espanhol falado na Espanha, também podem ser mencionadas várias ocorrências. Algumas delas são:

- **Como** o inglês da Inglaterra. (CL)
- Uma língua correta e culta. **Mais** universal. (CL)
- A pronúncia é **mais** agradável **que** o espanhol da Argentina. (CL)
- **Se diferencia** um pouco do americano, sobretudo pelo seseo, uso de vosotros. (CE)
- Parece **mais** difícil **que** o falado na América Latina. (CE)
- É a **melhor** forma, já que é o país de origem. (UP)
- Sons **mais** fechados, tom **mais** baixo, vocabulário **mais** arcaico, **maior** orgulho pela língua. (UF)
- É um espanhol **mais** formal, em relação ao espanhol da América Latina. (UF)
- Penso que é **totalmente diferente** do espanhol falado nos países hispano-americanos. Parece que é uma língua **mais** distante do **que** a língua falada pelos povos dos países vizinhos. (UF)
- Algo **mais** conservador, **assim como** o português de Portugal. Com uma pronúncia **mais** difícil, porém muito bonita. (UF)
- Variação lingüística **mais** elegante em relação às outras. (UF)

Sobre o português brasileiro, alguns exemplos são:

- Em termos de expressões idiomáticas, é **tão** rico **como** o espanhol. É **menos** melódico e **mais** “duro” **que** o espanhol. Geralmente não falamos **tão** rápido **como** os falantes de espanhol. Parece-me que os sotaques brasileiros são **mais** variados, devido à imensidão do país. (CL)
- Muito **mais** bonito e rico **que** o português de Portugal, suave, musical. (CL)
- É já **enormemente diferente** do português de Portugal. (CE)
- **Bem diferente** do português de Portugal, e totalmente aperfeiçoado. (UP)
- Existem muito **mais** regras **que** o espanhol. (UF)
- É um português **muito diferente** do de Portugal, dos outros países que falam português. É um português **mais** “melódico”. **Mais** informal, digamos. (UF)

Procurei recolher, entre os exemplos citados, a maior variação possível de enunciados comparativos, já que a recorrência deste tipo de construção impede que sejam citados todos. Note-se que o elemento de comparação, como disse logo acima, nem sempre está presente no enunciado e, em muitos casos, fica subentendido. No entanto, são os elementos que servem como referência

comparativa que ajudam a entender o valor dessas estruturas no processo de hierarquização das línguas e das variedades lingüísticas, processo ao qual já se fez referência em 3.3.

Se se tomam os enunciados referentes ao espanhol falado na Argentina, observa-se que, quando o elemento de referência é explicitado no enunciado, na quase totalidade dos casos, à exceção de um, esse elemento é o espanhol da Espanha, a partir do qual se estabelece a comparação. Nos casos em que não há explicitação, a própria adjetivação associada às estruturas comparativas permite definir que os elementos comparativos se repetem: “mais próximo da nossa realidade”, “não tão tradicional”, “menos formal”, “mais ‘popular’”, “mais gírias”. Em todos esses casos, é o espanhol da Espanha que é tomado como referência, o que se pode deduzir comparando a caracterização que dele é feita com as comparações citadas.

Outro fator que pode ter estimulado, de certa forma, a comparação entre o espanhol falado na Argentina e o espanhol falado na Espanha é o próprio formato da pesquisa, isto é, o aparecimento das duas variedades lado a lado nos questionários. Não é possível prever se essas comparações teriam sido tão insistentes ou se teriam aparecido se o formato dos questionários fosse outro.

Já quando se observam os enunciados referentes ao espanhol falado na Espanha, há dois elementos que funcionam como base de comparação: o espanhol da Argentina e o espanhol da América Latina. A primeira dicotomia responde a uma imagem em que estas duas variedades se tomam como as mais evidentes entre os estudantes brasileiros. A segunda também está apoiada sobre outra representação recorrente, que é a de reunir os falares hispano-americanos sob uma única variante frente ao espanhol falado na Espanha. Ambas as divisões, já presentes na parte I do questionário e já tratadas em 3.3, reforçam o lugar hegemônico que o espanhol falado na Espanha ocupa no imaginário; o que se pode notar tanto em muitas das comparações feitas, quanto no próprio corte que separa espanhol da Espanha e espanhol da América, ou seja, de um lado a fala de um país e de outro, reunidos sob uma única categoria, os falares de diversos países, regiões e falantes que compõem a América Hispânica.

As comparações que envolvem o português brasileiro são feitas ou em relação ao espanhol, já que ambas as línguas são tema de discussão do

questionário, ou em relação ao português de Portugal. Estas últimas são mais recorrentes que as primeiras e repetem, de certo modo, a atribuição de um lugar privilegiado à variante europeia, da qual as variedades americanas, sejam as do espanhol sejam as do português brasileiro, seriam tributárias. Digo que se repetem de certo modo porque considero que, embora em ambos os casos a variante europeia seja vista como a original e a comparação seja feita no sentido de apontar a diferença que se identifica em cada uma das formas lingüísticas tomadas como derivadas, nota-se uma valorização mais recorrente do português brasileiro em relação ao europeu, o que não se repete do mesmo modo com o espanhol da Argentina.

No caso do espanhol, tanto se atribui uma maior proximidade e, em alguns casos, uma maior facilidade ao espanhol falado na Espanha, quanto se diz que é melhor, mais correto, formal, universal, limpo. Mas o que se quer demonstrar é que a comparação evidencia que o prestígio do espanhol europeu em relação à variante argentina ou às demais variantes hispano-americanas é maior que o prestígio do português europeu em relação ao português brasileiro. Na próxima seção, quando analise os efeitos de sentido das comparações, tratarei com mais detalhe das prováveis motivações dessa diferença.

4.2. Ressonâncias discursivas e efeitos de sentido

Tendo dado uma idéia geral do modo como as diferentes construções lingüísticas dos enunciados estão relacionadas às condições de produção e à produção de sentidos, parece relevante relacionar as questões referentes à adjetivação e à construção sintática e enunciativa. Para tanto, vou me deter sobre alguns enunciados que considero exemplares e tentarei encontrar **ressonâncias de significação** que constituem o imaginário mais recorrente sobre alguns dos temas. Com essa finalidade, alguns enunciados serão agrupados em **famílias parafrásticas**. Antes, passemos brevemente pelos pressupostos teóricos que sustentam este tipo de análise.

Parto do conceito de **paráfrase** assim definido por Serrani (1993: 47):

“Entendo que há paráfrase quando podemos estabelecer entre as unidades envolvidas uma ressonância – *interdiscursiva* – de significação que tende a construir a realidade (imaginária) de um sentido. Ressonância porque para que haja paráfrase a significação é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua. [...] As paráfrases, então, tal como as estou entendendo aqui, ressoam significativamente na verticalidade do discurso e concretizam-se na horizontalidade da cadeia, através de diferentes realizações lingüísticas.”

A seguir passarei a analisar de que modo as ressonâncias de significação a que Serrani faz referência se manifestam nos enunciados, tanto em torno a “unidades específicas” quanto nos “modos de dizer” (id., *ibid*: 47), de forma que se possa afirmar que há paráfrase entre os enunciados.

Para tratar das representações sobre os argentinos, selecionei alguns enunciados em que se faz referência à questão da arrogância, já que, no capítulo anterior, esta havia sido uma das características mais presentes na adjetivação, além de, a meu modo de ver, poder ser considerada um pré-construído sobre o argentino. Começemos pelo seguinte enunciado:

- (1) Aparentam arrogância mas lutam para fazer da Argentina um país culto e democrático.

Na seção anterior, viu-se que a presença da adversativa está relacionada a movimentos afetivos contraditórios, de aproximação e de afastamento; cada um deles presente em um dos segmentos do enunciado. Sendo assim, pode-se afirmar que os segmentos deste enunciado autorizam as seguintes conclusões:

- aparentam arrogância → o que afasta
- lutam para fazer da Argentina um país culto e democrático → o que aproxima

Há ainda outros enunciados dos quais se podem depreender conclusões semelhantes:

- (2) Pessoas de difícil acesso e rudes, porém, batalhadores, sabem contestar e brigar quando necessário.
- (3) Um pouco duro, um povo muito autoritário, mas com um nível de organização fantástico e de mobilização fora de série.
- (4) Eles são sempre nossos maiores rivais. Não gostam de perder para os brasileiros e vice-versa. Apesar disso, gosto da maneira com que eles agem, por exemplo, protestando contra algo que não acham certo para seu país.

Considerando inicialmente os modos de dizer, ou as construções sintático-enunciativas, os quatro enunciados se caracterizam pela presença de construções de adversidade-concessão nas quais cada um dos segmentos aponta em uma direção diferente. No que se refere às unidades específicas, em um dos segmentos dos quatro enunciados aparece uma adjetivação que caracteriza uma dificuldade na relação com os argentinos e, me arriscaria a dizer, que trata do modo como sentimos, interpretamos ou imaginamos as atitudes e os movimentos deles em relação a nós brasileiros. Os adjetivos circulam num campo semântico que, como já se havia afirmado antes, pode ser concentrado pelas idéias de arrogância e de rivalidade. O outro segmento trata de um comportamento social e político ativo, coletivo, forte e que está relacionado à construção de uma nação melhor e de um bem estar comum.

A relação parafrástica está apoiada, portanto, por uma relação semântica entre os adjetivos ou a caracterização presentes no segmento que trata do modo de relacionar-se do argentino e também no segmento que trata do seu comportamento coletivo. Sendo assim, a argumentação não pode ser analisada exclusivamente no eixo sintagmático, pois os efeitos de sentido dessa enunciação devem ser construídos a partir de uma análise paradigmática autorizada pela presença da relação parafrástica:

- pessoas de difícil acesso e rudes → **arrogantes, antipáticos**, distantes, fechados, incisivos, diretos, duros, secos, francos, grosseiros, autoritários etc.
- batalhadores, sabem contestar e brigar quando necessário → **briguentos**, fortes, incisivos, diretos, combativos, ativos, organizados, etc.

Além do fato de essa associação semântica se sustentar pela relação de paráfrase dos enunciados, cito a incidência de escolha de alguns desses adjetivos para caracterizar os argentinos na segunda parte do questionário (que, como já foi dito, estava presente somente na primeira versão). Os que estão destacados em negrito no esquema acima aparecem entre os mais selecionados pelos estudantes:

ADJETIVOS	PORCENTAGEM DE INCIDÊNCIA SOBRE O TOTAL DE INFORMANTES
Arrogantes	78%
Briguentos	39%
Antipáticos	31%
Diretos	25%
Batalhadores	24%
Francos	20%
Secos	20%
Fortes	18%
Rudes	16%
Distantes	14%
Grosseiros	14%
Fechados	10%

Muitos dos adjetivos associados aos enunciados analisados foram escolhidos por uma parte importante dos estudantes, o que indica que as associações semânticas propostas para cada um dos segmentos estão apoiadas também pelos adjetivos selecionados para construir uma imagem dos argentinos.

Se a coincidência entre os adjetivos relacionados a cada um dos segmentos não é total, certamente, pode-se dizer que há traços comuns: **diretos e incisivos**, por exemplo. Ademais, recorde que o adjetivo **arrogante**, além do seu significado mais cotidiano, também quer dizer corajoso, valente e audaz, como já se viu em 3.2. Embora esta segunda acepção não seja mais de uso corrente, se pensamos que o sentido está relacionado também à memória discursiva, pode-se fazer a seguinte associação semântica com relação ao enunciado (1):

- aparentam arrogância → arrogantes
- lutam para fazer da Argentina um país culto e democrático → arrogantes

Os efeitos de sentido do adjetivo **arrogante** estão presentes nos dois segmentos do enunciado.

Em outro dos enunciados do corpus analisado, a relação que se tenta estabelecer aqui entre **arrogância** e **combatividade** se explicita ainda mais: “são extremamente nacionalistas. Dá a impressão de que, quando se unem, conseguem atingir qualquer objetivo. Por isso, **passam a imagem de arrogantes, devido à**

forte personalidade” (CL) (grifos meus). A relação, aqui, já não é de adversidade-concessão, mas de causalidade-explicação, o que estabelece um tipo de relação discursiva entre os segmentos em que ambos apontam na mesma direção e a forma de atuar **forte** é posta como responsável pela imagem do argentino como arrogante.

A representação do brasileiro sobre o argentino tem como eixo, portanto, o adjetivo **arrogante** e seus efeitos de sentido estão presentes não apenas nos quatro enunciados que se acaba de analisar, mas em uma parte importante do corpus, como se procurou demonstrar até o momento. Isto faz com que “**os argentinos são arrogantes**” constitua um pré-construído.

Para reforçar ainda mais seu efeito de pré-construído, gostaria de mencionar outros dois enunciados:

- (5) Apesar de **tudo** são boas pessoas.
- (6) Bom, os argentinos, como há uma arenga esportiva conosco, **tem-se que** eles são chatos e espaçosos, mas é apenas arengas infundadas. São pessoas boas e quando tentei falar em espanhol **até que** eles me ajudaram.

A idéia de que o léxico tem uma carga ideológica importante, por exemplo, autoriza a formular hipóteses sobre o que reverbera do “tudo” introduzido pela concessiva do exemplo (5). Seu sentido só pode ser preenchido pelo interdiscurso, ou seja, pela relação que estabelece com outros discursos que circulam sobre os argentinos. Ecoa, assim, o pré-construído que foi silenciado pela enunciação do “tudo”, mas que pode ser perfeitamente recuperado na relação interdiscursiva. No nível da diretividade argumentativa, se pretende retirar a carga do pré-construído e colocá-la sobre o “são boas pessoas” da segunda parte do enunciado, formulação com a qual o locutor pretende concordar. Contudo, como os efeitos de sentido não estão dados unicamente pelas direções argumentativas do enunciado, vê-se que a força do pré-construído leva o sentido para caminhos diferentes dos do ponto de vista que o locutor sustenta.

No exemplo (6), aparece um enunciador do senso comum, responsável pela primeira parte do enunciado, na qual estão presentes os adjetivos **chatos** e **espaçosos** para caracterizar os argentinos. O locutor se distancia deste enunciador, o que se evidencia na indeterminação do sujeito da expressão “tem-se que”, e se identifica com o segundo enunciador, para o qual os argentinos “são pessoas boas”.

Essa identificação direciona a argumentação para uma conclusão elogiosa em relação aos argentinos, porém, observa-se que, na segunda parte do enunciado, irrompe o pré-construído. A presença do “até que” coloca a ajuda que o locutor afirma ter recebido no lugar do inesperado, do insólito, do que escapa, já que a atitude tolerante e solícita descrita entra em conflito com o pré-construído da arrogância.

Nos enunciados sobre os espanhóis, também foi possível identificar relações de paráfrase:

- (7) São comunicativos, mas diretos e objetivos e por isso podem parecer rudes. Mas no fundo não são grosseiros por mal, é o jeito deles.
- (8) Não conheço muito bem os espanhóis. Dizem que às vezes são grosseiros com os estrangeiros. Tenho a impressão de que são bastante objetivos e francos.
- (9) Acho que são um pouco duros algumas vezes, porém na sua maioria são alegres, afetuosos.
- (10) Duros mas cordiais
- (11) Pessoas simpáticas, cordiais mas rudes

Também com relação aos espanhóis, toma-se como eixo para construção da família de paráfrases a questão da relação com o outro que também estava presente nos enunciados sobre os argentinos. No entanto, há uma diferença fundamental entre estes enunciados e os anteriores. Enquanto com relação aos argentinos a adjetivação referente à forma de se relacionar com o outro se contrapunha a um aspecto diferente do caráter, no caso dos enunciados sobre os espanhóis, os dois segmentos do enunciado se referem à relação com o outro e é na adjetivação e na presença dos atenuadores que se encontra a oposição. A relação parafrástica está apoiada, assim, sobre a presença de construções adversativo-concessivas (ainda que implícitas, como no enunciado 8) e de uma adjetivação que, por um lado, qualifica de forma eufórica o modo de relacionar-se com o outro dos espanhóis e, por outro, a qualifica de forma disfórica. Veja-se que associações a presença de paráfrases autoriza:

- pessoas simpáticas, cordiais → comunicativos, alegres, afetuosos
- duros → diretos, objetivos, francos, grosseiros, rudes

Atribuem-se, deste modo, duas formas de se relacionar aos espanhóis, no limite, opostas; oposição essa que está mediada, nos enunciados (7), (8) e (9), por expressões atenuadoras. Como se disse na seção anterior, os modalizadores contribuem para dirigir a argumentação no sentido de construir uma imagem mais elogiosa dos espanhóis. Note-se que os atenuadores estão sempre associados ao segmento em que aparecem os adjetivos duros, rudes, grosseiros, etc. Além disso, no enunciado (8), estas características aparecem introduzidas por um “dizem que”, que retira do locutor a responsabilidade sobre essa caracterização e a atribui a uma voz coletiva ou do senso comum. Já no segmento seguinte, que assume um tom mais elogioso, a expressão que inicia a frase é “tenho a impressão”, que estabelece uma identificação entre esta voz e o ponto de vista do locutor.

Contudo, pode-se entrever, para além da diretividade argumentativa, que a representação dos espanhóis como **diretos e objetivos** —o que num matiz mais disfórico se transformaria em **duros** e até **grosseiros**— tem a inércia de um pré-construído. Observe-se, por exemplo, o enunciado (7), em que, ao segmento “**podem parecer** rudes”, se segue “não **são** grosseiros por mal”. Inicialmente, a característica é tomada como aparência do objeto, mas na continuidade do enunciado, ela já compõe sua essência. A orientação argumentativa aponta no sentido de se opor ao pré-construído, de se distanciar dele, daí a presença de adjetivos opostos, de uma contradição na caracterização e dos atenuadores.

Nos enunciados referentes aos brasileiros, foi possível estabelecer relações de paráfrase entre os seguintes enunciados:

- (12) Alegres, porém, acomodados. Sempre que há uma regra existe aquele “jeitinho” para burlar esta regra. Pessoas carismáticas e familiares.
- (13) Mostram bondade, força de vontade e solidariedade, mas ao mesmo tempo querem levar vantagem em tudo, são individualistas e preguiçosos (=acomodados). É um povo contraditório. São pouco unidos.
- (14) Somos alegres, criativos, mas um tanto submissos, o que dificulta muito o desenvolvimento do país em alguns aspectos.
- (15) Um povo muito carismático, acolhedor. Porém muito conformados, acomodados. Mas têm força de vontade, são bastante otimistas.
- (16) Boas pessoas, mas um pouco desorganizados e com um coração imenso, acima de qualquer coisa.

Chama a atenção o fato de que, tanto na família parafrástica referente aos brasileiros, quanto na que se opina sobre os argentinos, as construções de adversidade-concessão contrapõem uma série de adjetivos que procuram descrever o modo de relacionar-se com o outro frente ao modo de agir coletivamente, socialmente, à forma de exercer a cidadania. E, além disso, que há certa oposição na caracterização de cada um desses aspectos.

Os enunciados selecionados acima permitem a seguinte associação de adjetivos:

- boas pessoas → solidárias, acolhedoras, alegres, criativas
- um pouco desorganizados → conformados, acomodados, preguiçosos, submissos, individualistas

Note-se que, embora não se esteja estabelecendo aqui uma relação entre os adjetivos de cada segmento baseada na sinonímia, acredito que ela se justifica pelo fato de que está relacionada ao tão conhecido **jeitinho brasileiro** e à caracterização marcada pela receptividade, pela bondade e pela passividade que já se havia mencionado em 3.3. Esta associação também está apoiada sobre a interdiscursividade que é possível estabelecer entre os enunciados.

Recordo que já se havia associado o **jeitinho** ao **drible**, ao **contorno**, ao passar pelo lado, a um modo de ação que se opõe ao **enfrentamento**, ao **confronto**. A atribuição de uma ausência de ação mais direta na forma de atuar do brasileiro provoca o aparecimento de uma caracterização de submissão e acomodação no plano da ação coletiva dos brasileiros, de sua atuação enquanto cidadãos. Mas também lhe confere, em outros âmbitos das relações sociais, uma camaradagem, uma ação provocada pela identificação com o drama individual, pelo apelo emocional. A suposta ausência de um modo de agir direto também é responsável pela atribuição de bondade, solidariedade e acolhimento à caracterização do brasileiro.

Uma vez mais é o mesmo, ou a atribuição de um mesmo traço cultural, social e, por que não, lingüístico, que vai produzir caracterizações contrapostas e movimentos afetivos contraditórios. Em resumo, assim como a arrogância funciona como eixo articulador das representações sobre o argentino, é o **jeitinho** que assume o mesmo papel nas representações sobre o brasileiro. Mais adiante, tratarei de

como estas imagens estão articuladas de modo a que as representações sobre o outro tenham um papel fundamental nas representações sobre nós mesmos e vice-versa.

Na seção anterior, destaquei que nos enunciados sobre as línguas e as variantes lingüísticas, apareciam freqüentemente estruturas comparativas e que estas denunciam os lugares hierárquicos, de maior ou menor prestígio, que cada uma delas ocupa. Destaco algumas destas comparações.

Em relação ao espanhol falado na Espanha aparecem: **mais conservador, mais formal, mais elegante, mais requintado, menos caloroso, mais arcaico, mais ‘correto’, mais universal, mais limpo.**

Sobre o espanhol argentino, cito: **mais próximo, menos formal, não tão tradicional, mais ‘popular’, mais interferências de *extranjeirismos*, menos valorizado, mais gírias, mais livre, mais acessível.**

Em relação ao português brasileiro, destaco: **mais descontraído, sotaques mais variados, mais rico, mais informal, mais palavras, mais refinado.**

Note-se que o efeito de sentido da presença recorrente de estruturas comparativas é o de que tanto o espanhol quanto o português são línguas divididas. Não somente divididas pelas variações regionais, dialetais ou sociais, que se poderiam identificar em qualquer língua, mas são línguas divididas também pela história, pelo passado colonial, que faz com que falemos, em toda a América Latina, línguas de algum país europeu, impostas no processo da colonização. Devido à passagem do tempo e da independência política dos países latino-americanos, reconhece-se, hoje, nessas formas lingüísticas, variações e diferenças em relação às formas européias. Mas o processo de diferenciação guarda, no imaginário, várias marcas do passado colonial, das discrepâncias político-econômicas entre as antigas metrópoles e as ex-colônias.

Com relação ao espanhol, parece-me haver maior rigidez nos lugares que as variedades argentina e espanhola ocupam. Como se pode observar nos exemplos citados, o espanhol da Espanha guarda as marcas da **língua de origem**, o que a torna **mais perfeita**, mas ao mesmo tempo **mais distante**. Já o espanhol da Argentina é visto como a **língua derivada, mais imperfeita** devido às “invasões” e à variação, mas **mais próxima**.

Embora o português brasileiro ocupe um lugar semelhante ao do espanhol da Argentina no imaginário nacional, devido aos traços históricos compartilhados por ambas as variantes, parece haver algumas diferenças não desprezíveis. Há coincidências na presença marcante da imagem de língua dividida e na relação de proximidade com o português brasileiro, o que não deixa de ser também consequência do fato de se tratar da língua materna. Contudo, a insistência com relação à grande diferença entre o português brasileiro e o português europeu e a atribuição de um refinamento, uma riqueza e até um aperfeiçoamento ao português brasileiro em relação ao europeu, inverte, de certa forma, o valor que tem a mudança e as influências em cada um dos casos. Essa valorização de características do português brasileiro, a meu ver, denota uma disputa entre o português brasileiro e o português europeu pelo lugar de prestígio, de variante de referência. Se o segundo ainda guarda as marcas da língua de origem, da língua de país europeu, o primeiro vem recebendo grande valorização internacional, dentro de Portugal mesmo, devido à força e ao prestígio que a cultura brasileira tem recebido. Na música, principalmente e, mais recentemente, no cinema, na televisão e na política, com a ascensão de um partido de esquerda ao poder, o Brasil anda em evidência e o português brasileiro vem ganhando espaços políticos em relação ao português de Portugal. Por fim, há que se considerar que o número de falantes do português brasileiro é muito superior ao do português de Portugal.

Não se pense, entretanto, que essa disputa faz com que a variação e as influências externas sejam vistas unicamente como um fator de enriquecimento da língua. A imagem idealizada da língua homogênea e perfeita continua aparecendo como desejável frente à variação e à fragmentação. Observem-se os seguintes enunciados sobre o português brasileiro:

(17) Claro, forte, fácil de compreender, mas com muitas diferenças regionais.

(18) Embora seja muito fracionado, muito variado, considero uma língua única, que se sobressai até do português de Portugal. (o única não é com sentido de unidade).

Muitas variantes, mas uma língua muito bonita e rica.

Nos três exemplos, a **variação** ou as diferenças regionais, tratadas de forma insistente nos enunciados, aparecem em relação de adversidade-concessão com segmentos elogiosos. Se se considera, como até o presente momento, que este tipo

de construção lingüística está relacionada a movimentos afetivos contraditórios, pode-se dizer que, em contraposição ao segmento elogioso, a diversidade ou a variação lingüística aparecem como algo criticável, ou de valor mais depreciativo. Este tipo de construções deixa entrever, assim, que a fragmentação, a mudança, a variação e as influências constituem um elemento de mal-estar, de conflito, ainda que possam ser tomados como fatores de enriquecimento, de conferência de marcas próprias.

4.3. O olhar do observador

Tanto para Benveniste (1995: 286) quanto para a Análise do Discurso e para a Psicanálise, é pela linguagem que o homem se constitui como **sujeito**. O sujeito é, para estas duas correntes teóricas, sempre um sujeito dividido por consciente/inconsciente, pelo desejo e pela ideologia; divisão que é consequência do seu processo de inscrição na linguagem, através do qual o sujeito entra num “mundo já dotado de sentidos que o antecedem” (MARIANI, 1998: 90). O sujeito deverá funcionar numa língua que tem uma ordem própria e uma memória discursiva; mas para que possa se mover lingüística e discursivamente deverá ter a ilusão de ser a origem do que diz e de que o que diz só pode ser dito daquela forma (ORLANDI, 2000: 35).

O sujeito, para Benveniste (ibid.), se constitui no discurso com o aparecimento na superfície discursiva das marcas de primeira pessoa. Para a Análise do Discurso, a unidade do sujeito, que está representada na presença do pronome “eu”, é o efeito de uma ilusão necessária para o funcionamento do sujeito na linguagem. Sendo a unidade do sujeito uma ilusão e suas intenções apenas uma parte da produção de sentidos, pode-se afirmar que o discurso está marcado por uma **heterogeneidade** que pode ser identificada por processos analíticos.

O sujeito do discurso é, assim, marcado pela contradição e não é

“(...) nem totalmente livre, nem totalmente assujeitado, movendo-se entre o espaço discursivo do Um e do Outro; entre a ‘incompletude’ e o ‘desejo de ser completo’; entre a ‘dispersão do sujeito’ e a ‘vocalização totalizante’ do locutor em busca da unidade e coerência textuais; entre o caráter polifônico da linguagem e a estratégia monofonizante de um locutor marcado pela ilusão do sujeito como fonte, origem do sentido.” (BRANDÃO, 1998: 68)

No corpus analisado, já destacamos a presença de uma heterogeneidade discursiva em alguns níveis da construção lingüística e enunciativa. Mas resta tratar das marcas de pessoa presentes nos enunciados e, conseqüentemente, de que lugares fala esse sujeito dividido e contraditório.

As marcas de primeira pessoa não são infreqüentes nos enunciados analisados e, de modo geral, estão relacionadas à expressão de opiniões, impressões, gostos, vontades ou ao relato de experiências anteriores. Aparecem principalmente em verbos e expressões tais como: **me dá/tenho a impressão, penso, acho, creio, me parece, minha opinião, para mim, acredito, considero, imagino, a imagem que tenho, sinto, me chama a atenção, gosto, me agrada, me causa, quero, aprecio, me identifico, me atrai, conheci, pude perceber, percebi, observo/vei, (pelo que eu) sei, tenho/tive contato, convivo, conheço, tenho conhecimento**, etc. Estas expressões aparecem também, em vários casos, associadas à negação. Elenquei apenas uma parte delas, as que me pareceram mais freqüentes e representativas.

As marcas de primeira pessoa parecem assumir, na enunciação, uma função **personificadora/individualizante**, isto é, representam um movimento do locutor no sentido de retirar o discurso do plano da generalização, da verdade e dar-lhe um caráter mais individual. Ao fazer uso de um enunciador individualizante e abandonar o enunciador generalizante, o locutor assume um caráter menos taxativo e direciona a enunciação para o lugar da impressão, da opinião, do gosto ou da experiência individual. Este movimento o protege de ser visto pelo seu interlocutor como preconceituoso, precipitado em seus julgamentos e, em certa medida, até de provocar nele uma reação de oposição, de enfrentamento. O relato de experiências anteriores também ajuda a sustentar a argumentação, a justificar as opiniões e a caracterização, e a protegê-las também do efeito de verdade que confere ao discurso o uso das terceiras pessoas e dos verbos no presente do indicativo.

A presença da primeira pessoa é, paradoxalmente, mais freqüente nos enunciados referentes aos espanhóis, aos argentinos e ao espanhol falado na Espanha e na Argentina que nos enunciados sobre os brasileiros ou sobre o português falado no Brasil. Sobre os espanhóis, cito os seguintes exemplos:

- São extremamente orgulhosos, tradicionalistas, amantes de sua terra. **Imagino** que são diretos (às vezes em excesso), alegres, sinceros e festeiros. (CL)

- Os homens são machistas segundo **minha experiência pessoal**. (CE)
- **Não tenho contato** nenhum mas no cinema **me chama atenção** a forma de falar, **acho** bonito o jeito até de se expressar. (UP)
- **Creio** se tratar de um povo sério, conservador e nacionalista. (UF)
- **Tenho uma impressão** de que são bastante conservadores, porém **nunca tive** um contato muito próximo com nenhum espanhol. (UF)

Sobre os argentinos:

- **Não gosto**, **acho** que eles são folgados, espaçosos, principalmente quando vêm visitar o Brasil. (CL)
- **Parece-me** que são bastante antipáticos. (CE)
- futebol e a rivalidade com os brasileiros. Apesar desta rivalidade, **percebo** através dos lugares que já visitei, como Paraty, Porto Seguro, etc., que eles apreciam muito nosso país. (UP)
- Futebol. **A imagem que tenho** dos argentinos são de pessoas fechadas, sérias. Muitas vezes **observo** no futebol que os argentinos são pessoas agressivas. (UF)
- **Não tenho muito conhecimento** sobre o povo argentino, mas **penso que** são um pouco menos abertos a outras culturas. (UF)

Embora as marcas de primeira pessoa apareçam tanto em enunciações mais eufóricas quanto nas disfóricas, nestas últimas, as construções em primeira pessoa são mais freqüentes. Nos enunciados sobre os brasileiros, as marcas de primeira pessoa do singular e as expressões citadas anteriormente aparecem com muito menos freqüência, já que se fala de um **lugar de saber** e de um lugar do qual se está autorizado a atribuir características, juízos de valor, etc.; isto é, posso falar porque falo do meu país, da minha língua, do grupo social do qual faço parte e que conheço bem. Já havia mencionado esta diferença quando tratei dos processos de modalização.

Um modo de enunciar no qual estão autorizados a atribuição de características e os juízos de valor apresenta, no nível sintático, marcas de terceira pessoa e verbos no presente do indicativo. O lugar de saber sustenta um discurso mais assertivo, com **efeito de verdade**. Essa diferença parece-me servir para reforçar a idéia de que a personificação do discurso nos enunciados sobre os estrangeiros é um efeito do colocar-se no lugar do não saber, do não poder afirmar, o que reforça o efeito de obliquidade ao qual já se fez menção em 4.1.

Com relação à língua espanhola, além de aparecerem expressões de opinião, impressão e experiência, as marcas de primeira pessoa estão muito associadas a preferências, gostos e sensações. Vejamos alguns exemplos com relação ao espanhol falado na Argentina:

- **Não gosto** pois parece que a pessoa está sempre querendo se impor ou é mal educada. (CL)
- A pronúncia de algumas palavras **não me agrada**. (CL)
- A compreensão deste espanhol **me parece** mais fácil e ao mesmo tempo **me causa** um estranhamento o uso do vos e a pronúncia “ll” leísta (sic) rechilada, principalmente. (CE)
- É diferente do falado na Espanha. **Me agrada** o espanhol da Espanha. **Acho** mais fácil e gostoso falar com o sotaque espanhol. (UF)
- É muito bonito. **Gosto** do sotaque como a pronúncia do “ll”. (UF)

Sobre o espanhol falado na Espanha, alguns dos exemplos são:

- O espanhol do sul é o que mais **me agrada**. (CL)
- **Gosto** muito do espanhol da Espanha. Ele é sonoro e é bem compreendido. (CE)
- **Agrada-me** muito, acho forte, mas também melodioso. (CE)
- **Me agrada** o sotaque, a semelhança com a língua portuguesa falada no Brasil. As músicas espanholas também **me agradam** muito. (UF)
- **Acho** o mais bonito, o uso do “z”, do “vos” é bem legal. Eles falam muito rápido, até mais que os argentinos, **acho** difícil compreendê-los, mas é a variante que mais **gosto**. (UF)

Note-se que a relação afetiva presente no gostar ou no agradar está vinculada, em muitos dos enunciados, à sonoridade. O som, que é o elemento exterior da língua, aquele com o qual se tem um contato sensorial, que está diretamente relacionado ao corpo é, em geral, motivador de manifestações afetivas desta natureza. Lembremos que a fonética e a entonação da língua estrangeira são um aspecto problemático da aprendizagem; muitas vezes o lugar onde se condensa a impossibilidade de compreender ou de fazer-se entender e o sotaque, como marca da estrangeiridade. O que podia ser inicialmente deleite com a escuta da língua estrangeira, da sua musicalidade, pode converter-se em verdadeiro mal-estar na experiência de apropriar-se e reproduzir os sons da língua estrangeira —sejam eles

conhecidos ou desconhecidos, parecidos ou não aos da língua materna. Revuz (1998: 221) assim descreve este exercício corporal:

“Esse trabalho de apropriação pela boca não é ‘natural’ a julgar pelos risos explosivos e bloqueios que suscita. Alguns se negam energicamente a isso. É tão difícil para eles sair dos automatismos fonatórios de sua língua materna que não conseguem repetir mesmo as seqüências mais simples. Esse ‘banho de sons’ articulado de modo brando ao sentido aparece como uma ameaça de ‘afogamento’ e, por outro lado, muitos são os que, em seu esforço por pronunciar, fazem inspirações-expirações realmente desproporcionadas em face das necessidades.”

Mas certamente não é o som propriamente dito o único responsável pelas sensações, mas também aquilo que compõe o imaginário da língua, que se projeta sobre a sonoridade e influi ou condiciona sua percepção.

Mas voltemos ao fato de que a primeira pessoa está menos presente nos enunciados sobre o brasileiro que sobre os argentinos e os espanhóis, sobre a língua materna que sobre a estrangeira. Pareceria lógico esperar que, nos enunciados sobre os brasileiros, aparecesse não uma primeira pessoa do singular, mas uma primeira pessoa do plural, um nós inclusivo. Também para falar do português brasileiro seria de esperar que aparecessem referências à nossa língua. Contudo, a presença da primeira pessoa do plural é bastante restrita. Nos enunciados sobre os brasileiros, ela aparece apenas em três casos:

- **Somos** alegres, criativos, mas um tanto submissos o que dificulta muito o desenvolvimento do país em alguns aspectos. Aparentemente **temos** a mente aberta e **somos** muito tolerantes com as diferenças, mas isso é aparência, a maioria dos brasileiros é bastante conservadora. (CL)
- Infelizmente **fixamos** um estereótipo que não condiz com **nossa** realidade de trabalho duro. (CL)
- Não só “samba” e “futebol” mas um povo carismático, trabalhador e solidário por saber todas as dificuldades que **passamos**. (UF)

Note-se que, em dois dos enunciados, a primeira pessoa do plural convive com a terceira, tanto em “a maioria dos brasileiros é”, quanto em “um povo carismático, trabalhador e solidário”. Embora no último exemplo não apareça nenhuma marca verbal ou pronominal de terceira pessoa, parece-me que o substantivo povo assume o valor de terceira pessoa. As primeiras acepções da palavra são, em geral, as relacionadas à idéia de grupo de pessoas pertencentes a uma mesma nação ou região ou que falam a mesma língua, no entanto, na

discursividade brasileira, o termo aparece muito para referir-se às classes mais pobres, da qual a elite econômica, social ou intelectual não faria parte.

O efeito disso está presente na discursividade de vários dos enunciados do corpus, e é o de um distanciamento do locutor em relação à caracterização atribuída ao povo. Daí poder-se afirmar que sua presença no enunciado traz um valor de terceira pessoa, de auto-exclusão do locutor desse grupo, como se a ele não pertencesse.

Com relação à língua materna, os exemplos também são escassos e nem sempre o possessivo está associado à língua:

- Gosto da **nossa** língua, quando bem utilizada soa muito bem. Apesar de ser uma língua difícil mas mesmo assim acho maravilhoso independente dos sotaques. (UP)
- “É o português de Portugal falado com o jeitinho brasileiro”. Expressa a **nossa** cultura. (UF)
- As variantes são enormes e infelizmente encaradas muitas vezes com preconceito em **nosso** país. (UF)
- Deveria ser o “brasileiro” do Brasil, pois na realidade **nosso** idioma não é português. (UF)
- As pessoas não se interessam pela **nossa** língua materna, ainda mais agora com a globalização e a tecnologia crescendo cada vez mais. (UF)

Também aparece a primeira pessoa do singular, minha língua, em alguns enunciados. Mas neste caso já não está presente a idéia de grupo, de língua nacional, de coletividade, que aparecia nos enunciados anteriores:

São bem mais freqüentes as marcas de terceira pessoa, tanto nos enunciados sobre os brasileiros quanto nos referentes ao português falado no Brasil, como se se estivesse falando de um outro grupo social ou de uma língua que não é a materna, a própria língua. Cito alguns exemplos dos enunciados sobre os brasileiros:

- Povo amável, receptivo e sofrido. No geral **os brasileiros são** muito calorosos. (CL)
- **São pessoas** que **trabalham** para sobreviver e mesmo com todas as dificuldades, ainda **conseguem** ser alegres e criativos. (CL)
- **Eles têm** a auto-estima baixa. (CE)
- **É um povo** bastante sofrido e carente de governos adequados. (CE)

- É difícil **falar dos brasileiros**, porque em geral, **são** muito diferentes. (UF)
- Acho que **os brasileiros são** pessoas ignorantes em muitos aspectos (...). (UF)
- **São** receptivos aos estrangeiros e à sua cultura. (UF)

Sobre o português brasileiro, cito:

- **O povo conhece** muito pouco de **sua** própria língua. (CL)
- Saindo dos grandes centros, e mesmo em sua periferia, **fala-se** muito mal o português. (CE)
- **O português do Brasil**, hoje, é muito diferente do português de Portugal (...). (UF)

Observe-se que o locutor nunca se coloca enunciativamente como pertencente ao grupo dos brasileiros, sempre fala em terceira pessoa, como se estivesse falando de outros. Os substantivos povo e pessoas também ajudam a reforçar a idéia de exclusão presente nas formas verbais e pronominais. Os processos enunciativos se repetem também com relação à língua.

González e Celada (2001), ao analisarem os enunciados “brasileiro é assim mesmo” e “los argentinos somos así” e estabelecerem um contraste entre os processos de determinação/indeterminação em espanhol e português, constatarem uma diferença na forma de enunciar de cada uma das línguas. No enunciado em português, embora o locutor faça parte do grupo do qual fala, seu pertencimento não se evidencia sintaticamente, o que o faz permanecer, do ponto de vista enunciativo, em processo de **exclusão interna** (GONZÁLEZ e CELADA, *ibid.*: 7).

Ainda que os enunciados estejam construídos no plural e não no singular, pode-se dizer que o mesmo efeito de exclusão interna está presente nos exemplos citados e em muitos outros enunciados do corpus.

O termo exclusão interna foi tomado pelas autoras de Calligaris (2000), que analisa outro dos enunciados recorrentes no discurso nacional: “este país não presta”. Para o autor, a frase só seria justificável, ou compreensível na boca de um estrangeiro e parece surpreendente quando proferida pelos próprios brasileiros. Sua hipótese é de que deve haver algum traço da identidade nacional que justifica a presença dessa exclusão interna no discurso. Para Calligaris (*ibid.*: 16), “no discurso de cada brasileiro, seja qual for a sua história ou a sua posição social, parecem falar o colonizador e o colono”; sendo o colonizador aquele que explora, que procura tirar o maior proveito possível da terra, sem se preocupar em oferecer nada em troca,

pois veio para “possuir’ a terra” (id., ibid.: 19), e o colono aquele que queria crescer, progredir juntamente com o país; entrar com o trabalho duro e receber em troca o acolhimento da cidadania. O autor não está, com isso, afirmando que todos os brasileiros são ou colonizadores ou colonos, mas que “colono ou colonizador são antes posições subjetivas” (id., ibid.: 20) e que, como tais, vão aparecer na discursividade nacional.

No caso dos enunciados aqui analisados, a exclusão interna se faz presente, novamente, por uma construção em que o sujeito da enunciação se exclui sintaticamente do discurso, ainda que pertença ao grupo do qual está falando. Reproduz-se o estranhamento vivido por Calligaris, pois os enunciados pareceriam ser proferidos por um estrangeiro opinando e caracterizando os brasileiros. Contudo, este estranhamento só poderia ter sido vivido de fato, e problematizado, por um estrangeiro, pois a exclusão interna, como se viu, já está incorporada aos processos enunciativos do português brasileiro e, para um brasileiro, parece ser sentida como natural, como o modo mais freqüente e usual de dizer. Somente um processo analítico que procure sair do senso comum e desnaturalizar a língua e seu funcionamento discursivo é capaz de colocar este modo de enunciar como estranho e inesperado.

Enunciar a partir de um lugar externo é não apenas colocar-se na posição subjetiva do estrangeiro, mas é também enunciar da perspectiva de um **observador**. Monica Zoppi (2004: 5²⁴) afirma que o “lugar do ele” é o ponto de articulação entre os dois planos da enunciação, sendo o primeiro o da perspectiva da interação, o da própria relação dialógica que se estabelece no enunciado, e o segundo “o da reflexão especular do plano anterior desde a perspectiva extraposta de um olhar observador” (ZOPPI, ibid.: 5). É o modo de focalização que indica se a perspectiva é interna, ou seja, está no plano das interações dialógicas, ou externa, isto é, fora do plano da interação (ZOPPI, ibid.: 5).

A forma de enunciar que predomina nas falas sobre os brasileiros, isto é, a terceira pessoa do plural, é a de uma perspectiva externa e pode ser classificada, de um ponto de vista mais estritamente enunciativo, como um **efeito de distanciamento**, que Zoppi (ibid., 8) define como “o jogo enunciativo pelo qual

²⁴ A numeração das páginas aqui citada é a da cópia em word fornecida pela autora

enuncia-se desde a perspectiva do ele observador mobilizando os dois planos enunciativos já descritos (o das relações dialógicas e o da reflexão)”.

Mas que observador é esse? Que lugar ele ocupa? O que caracteriza essa perspectiva externa na qual o sujeito se coloca? Esse observador fala, sim, da perspectiva do **estrangeiro**, de onde pareceria natural, para Calligaris (2000) dizer “este país não presta”, mas não somente desse lugar; parece-me falar também do lugar da **pessoa**, do lugar daquele que sai da coletividade —ou que não se sente parte dela—, que deixa de ser cidadão, indivíduo.

Gostaria de retomar e relacionar este processo de distanciamento enunciativo, que interpreto como um movimento de sair da coletividade e ocupar o lugar da pessoa, com o que foi dito sobre o **jeitinho** como presença no discurso e nas relações nacionais. Lembre-se que Barbosa (1992: 43) afirma que a cultura que sustenta o *jeitinho* “está alicerçada em uma visão de mundo em que a ênfase da sociedade é colocada nas relações que se estabelecem entre as pessoas”, ou seja, o brasileiro, tanto nas relações sociais quanto na discursividade, muitas vezes não ocupa o lugar de membro de uma coletividade, de um grupo, de cidadão submetido às mesmas leis, direitos e deveres que os demais. Para DaMatta (1990: 178-179), “no sistema brasileiro, é básica a distinção entre o *indivíduo* e a *pessoa* como duas formas de conceber o universo social e nele agir”. O autor (ibid.: 181) concebe o indivíduo “como centro do universo social”, historicamente constituído, no qual todos são iguais, submetidos às mesmas leis e regras. Já a pessoa “pode ser sumariamente caracterizada como uma vertente coletiva da individualidade” (DAMATTA, ibid.: 182), na qual está presente a idéia de complementariedade. Numa sociedade de indivíduos, funciona “a impessoalidade das leis, decretos e regulamentos, na sua aplicação e operação prática” (id., ibid.: 193), isto é, funciona um princípio igualitário. Já num “sistema de pessoas, todos se conhecem, todos são ‘gente’, todos se respeitam e nunca untrapassam seus limites” (id., ibid.: 190), ou seja, as relações são hierarquizadas.

O brasileiro, principalmente o de classe média e média-alta, ocupa o lugar da pessoa e enuncia também desse lugar; daquele que, sendo parte do grupo, é antes pessoa e, portanto, pode se colocar facilmente na posição daquele que se move por fora das leis e regras sociais e, no plano enunciativo, ser o observador que olha,

caracteriza e julga. É o mesmo movimento que lhe permite falar do povo sem se considerar parte dele.

Segundo Zoppi (ibid.: 5), o olhar externo “cria sempre uma distância em relação ao olhado”, “cria um excedente de visão”, o que facilita o aparecimento de marcas na enunciação que caracterizam uma fala proferida de um **lugar de saber** e que produz, portanto, um **efeito de verdade**. O lugar de saber que caracteriza este particular posto de observação é, certamente, mais seguro para tecer a crítica, proferir um discurso mais assertivo e taxativo.

Também é preciso mencionar o fato de que esses sujeitos foram solicitados a falar não apenas sobre os brasileiros, mas também sobre espanhóis e argentinos; não apenas sobre a língua materna, mas também sobre a estrangeira, o que pode contribuir para fixar ainda mais o olhar neste lugar externo, seja o do observador-estrangeiro, seja o do observador-pessoa.

No próximo capítulo, procurarei atar algumas pontas que foram ficando soltas ao longo da análise, além de relacionar os vários aspectos da enunciação e da caracterização dos quais se tratou até o momento.

Capítulo 3

Ensaaios interpretativos

Procurarei relacionar alguns ensaios interpretativos que foram sendo anunciados ao longo do texto, sem ter a pretensão de dar respostas definitivas, mas deixando espaço para outras análises e outras interpretações.

Recorde-se que o tema do presente trabalho está na intersecção de diferentes áreas do conhecimento e pretende relacionar aprendizagem do espanhol como língua estrangeira com as representações que os estudantes têm tanto da língua quanto do que circunda o universo lingüístico. Assim, ao estabelecer pontos de contato entre representações, motivadas tanto por aspectos sociais e ideológicos quanto por aspectos afetivos, e a aprendizagem do espanhol, reconheço a complexidade da referida relação. Daí, a opção de ensaiar apenas algumas hipóteses sobre os fatores que estão presentes nessa relação.

Do amor ao ódio? A antropofagia

“Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.”²⁵

O estrangeiro, ou o outro, nos retira do repouso da indiferença —da não-diferença, melhor dizendo— e nos coloca no inquietante mundo das diferenças e dos afetos. Segundo Kristeva (1994: 9), “o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade”. Daí a desarmonização que a sua presença, como elemento externo, pode causar na aparente homogeneidade interior. Os traços da face do estrangeiro são capazes de expor a diferença, que não é só dele, mas que é também de cada um. Fica, então, esfacelada a igualdade: insustentável existência do traço comum a todos os que pertencem ao grupo. Kristeva (ibid.: 11) diz mais:

“Porém, esse discernimento dos traços do estrangeiro, que nos cativa, ao mesmo tempo nos **atrai e repele**: ‘Pelo menos, sou também singular e portanto devo amá-lo’ diz para si o observador; ‘não, prefiro a minha própria singularidade e portanto devo matá-lo’, pode ele concluir. Do amor ao ódio, o rosto do estrangeiro nos força a manifestar a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desfigurarmos todos, até nas comunidades mais familiares, mais fechadas.” (grifos meus)

²⁵ Oswald de Andrade. “Manifesto antropófago”

Também é na nossa relação com o estrangeiro, com o outro, movidos pelo jogo afetivo do “atrai e repele” que se configuram com linhas mais claras e definidas os nossos próprios traços, aqueles que vão aos poucos desenhando a imagem da nossa própria cara. Delinear uma auto-imagem e construir com ela uma identidade pressupõe a presença do outro, da diferença; ainda que essa presença, ao mesmo tempo que dá forma a uma identidade, a um caráter comum, exponha a sua fragilidade, a sua impossibilidade.

Esse complexo fazer e desfazer, traçar e apagar, reconfigurar, remodelar revela a necessidade de tratarmos em permanente relação as representações que temos de nós: brasileiros, e dos outros: neste caso, argentinos e espanhóis.

Como aponta Coracini (2003: 01²⁶),

“(...) as representações que fazemos do estrangeiro e as representações que o estrangeiro faz de nós atravessam, de modo constitutivo, o sentimento de identidade subjetiva, social e nacional. (...) Assim, ser brasileiro é ser o que dizem que somos e ver o outro do modo como o vemos.”

Isto é, somos aquilo que os outros dizem de nós e também aquilo que enxergamos no outro, as características que lhe atribuímos. As auto-representações, assim como a nossa identidade, estão, portanto, conformadas pela relação com o outro, por um constante confronto entre o igual e o diferente, por movimentos que tentam estabelecer as descontinuidades que permitem separar e caracterizar cada grupo social.

Além de revelar a singularidade, a nossa face oculta, de suscitar o confronto entre identidade/alteridade e de provocar afetos do tipo amor/ódio, o estrangeiro desperta o “**desejo do outro**”:

“outro que se gostaria de ser mas não se é, desejo que se concretiza na **gratidão**, manifestada pela simbolização, ou na **inveja**, manifestada pelo apagamento das qualidades” (CORACINI, *ibid.*: 12) (grifos meus).

O desejo do outro é o desejo de completude, é o desejo de ter do outro aquilo que nos completaria, o que nos falta. A autora afirma que o desejo do outro se concretiza em **gratidão** e **inveja**. Concordo com a idéia de que a inveja é o lado “malévolo” do desejo de ser igual ao outro ou de possuir o que o outro possui. Contudo, parece-me mais apropriado falar em **admiração**, que em gratidão quando

²⁶ A numeração das páginas corresponde à da cópia impressa fornecida pela autora.

pensamos no seu lado “benévolo”. **Admiração e inveja** seriam, então, as duas faces do desejo do outro, de ser (o) outro, de ter algo do outro.

Voltemos, então, sobre algumas das representações mais recorrentes e vejamos se se pode relacioná-las a estes movimentos afetivos de admiração e inveja. Inicialmente, havia afirmado que a exaltação da natureza está presente na adjetivação sobre o Brasil e a havia relacionado ao que Marilena Chauí (2000: 58) denomina “sagração da natureza”. Se a natureza é algo de que nos podemos orgulhar, em contraposição a ela, a tradição e a cultura parecem constituir atributos que nos faltam. Como já destaquei anteriormente, os brasileiros aparecem caracterizados como incultos e ignorantes, enquanto nos enunciados sobre argentinos e espanhóis aparece o adjetivo culto para caracterizá-los. Além disso, com relação aos espanhóis fazem-se várias menções à valorização da história, da cultura e das tradições e, a maioria dos informantes, ao escolherem a Espanha como país onde iriam estudar o idioma, destaca a cultura como elemento motivador. A cultura e a tradição são, assim, atributos dos quais estamos privados e que aparecem como características admiradas e desejadas. Constituem uma falta para um país que é tido como jovem, em formação e no qual, desde o seu descobrimento, a natureza prevalece sobre a cultura.

Este desejo pela cultura e pela tradição, que aparece de forma mais insistente com relação à Espanha, não está ausente da valorização da língua, do espanhol falado na Espanha, já que seria essa língua, ou essa variante que possibilitaria o acesso aos elementos culturais e históricos desejados.

O fato de a Espanha ser tomada como um país europeu, desenvolvido também mobiliza o desejo do outro, do querer ser, querer ter. Lembremos que o Brasil é caracterizado como subdesenvolvido e os brasileiros como um povo sofrido, que passa por dificuldades. Nas representações, o Brasil e os brasileiros aparecem como um país e um povo que vivem a **carência**; inclusive a carência da força e dos instrumentos necessários para mudar o próprio destino, que sempre pertence a outro, é responsabilidade de outro. A carência e a falta estão, assim, relacionadas aos processos de vitimização que identifiquei na análise dos adjetivos, em 3.2. Na mesma direção aponta Marilena Chauí (2000: 28):

“Assim, a identidade do Brasil, construída na perspectiva do atraso ou do subdesenvolvimento, é dada pelo que lhe falta, pela privação daquelas características que o fariam pleno e completo, isto é, desenvolvido.”

É para preencher esta falta que aparece o desejo do outro, o desejo de ser tão desenvolvidos como a Espanha.

Pode-se afirmar que, no caso da Espanha e dos espanhóis, no que se refere aos aspectos mencionados até o momento, o desejo do outro nas representações presentes nos enunciados parece manifestar-se mais na forma da admiração. Prevalece na adjetivação referente à história, à tradição, à cultura e ao desenvolvimento social e econômico um carácter eufórico, de exaltação. Lembremos, por exemplo, da presença insistente do adjetivo **orgulhoso** e dos valores que este assumia na enunciação quando comparado ao **arrogante** utilizado para caracterizar os argentinos.

Se nas representações sobre a Espanha e os espanhóis o desejo do outro está mais no plano da admiração, com relação à Argentina e aos argentinos há maiores contradições, num misto de admiração e inveja. Enquanto a primeira pode ser facilmente identificada, a segunda exige uma análise acurada e um olhar mais atento, já que, sendo o lado “malévolo” do desejo, do qual devemos nos envergonhar, aparecerá, em geral, dissimulada e se tornará perceptível a partir de uma análise dos efeitos de sentido que ecoam de parte dos enunciados.

Havia afirmado que o centro das representações sobre os argentinos é o adjetivo **arrogante**. Ao me deter sobre sua semântica e, posteriormente, sobre sua articulação sintática e discursiva com os demais aspectos da caracterização, afirmei que, nos enunciados, embora em acepções secundárias já em desuso no português moderno, da presença de **arrogante** também ecoavam os sentidos de **corajoso**, **audaz**, **valente**. É nesse eco, que fica escondido pelas acepções primeiras do adjetivo, que se pode detectar a inveja como manifestação do desejo do outro. Inveja em relação a um atribuído exercício de cidadania, a uma luta e mobilização para construir uma sociedade melhor, a um exercício coletivo de união do povo em torno a objetivos e causas comuns. Desejo e inveja da coragem, da valentia e da combatividade atribuída ao modo de ação dos argentinos como povo. Porém, com relação às mesmas representações sobre os argentinos, não está ausente a

admiração. Em vários dos enunciados aparece exaltada sua capacidade de luta e seu poder de mobilização e organização.

Novamente está se falando de uma falta, daquilo que não reconhecemos como parte da nossa identidade, das nossas características, mas que gostaríamos de ter. Para reforçar esta hipótese, recordo que entre os adjetivos usados para caracterizar os brasileiros, destaquei que havia muitos deles que estavam semanticamente relacionados a uma falta de ação, cujo representante mais significativo, e que foi recorrente na caracterização dos brasileiros, seria **acomodados**. Além deste, apareciam outros adjetivos que assumiam um valor de passividade.

DaMatta (1990: 195) diz que a desconfiança e o desrespeito às leis e regras, que fazem parte do sistema de organização e de relações sociais no Brasil, geram “sua própria antítese, que é a esperança permanente de vermos as leis serem finalmente implementadas e cumpridas.” O dilema aparece quando, por um lado, se passa por cima das leis sem grandes dramas de consciência e, por outro, se inventam leis cada vez mais complicadas e incompreensíveis que em pouco tempo se tornam inoperantes, ou caducam ou ainda não vingam, não pegam, como diz a voz popular. A esperança de criar um sistema de leis e regras universais que finalmente possa promover uma igualdade social entre todos está no plano de desejo e aparece aqui como desejo do outro, de ter o que o outro tem.

Poderíamos pensar por que na relação com os espanhóis está mais presente a admiração, enquanto na relação e nas representações sobre os argentinos convivem admiração e inveja. Acredito que a **disputa** entre Brasil e Argentina — ambos países subdesenvolvidos, ou em desenvolvimento, da América Latina— por uma mesma posição na hierarquia das relações políticas, sociais e econômicas e até mesmo no campo do esporte mais popular nos dois países, o futebol, pode ser um dos fatores que causa a contradição nos movimentos afetivos quando se trata do desejo do outro, de ser como o outro, de ter o que o outro tem.

Mas as representações sobre o outro, sobre o estrangeiro não estão sedimentadas apenas sobre a falta, e não é apenas a falta que mobiliza as representações sobre nós mesmos. Como afirmei anteriormente, na caracterização dos brasileiros, sobretudo no que se refere à forma de se relacionar com o outro, a adjetivação é abundante e, em sua maioria, apreciativa, valorizadora. A

representação de um caráter bom, alegre, acolhedor e receptivo na relação do brasileiro com o outro —neste caso o estrangeiro— aparece em oposição a uma caracterização dos argentinos como **arrogantes** e **antipáticos** e dos espanhóis como **diretos**, **rudes** ou **grosseiros**. Nas análises da construção enunciativa, chamei a atenção para o fato de que, com frequência, essas características disfóricas, de tom mais depreciativo, apareciam articuladas enunciativamente a caracterizações mais eufóricas: contrapostas por conectores adversativos ou concessivos, justificadas em segmentos explicativos ou atenuadas pela presença de modalizadores. Pode-se deduzir que esta representação do outro constitui um lugar problemático do encontro, um lugar com o qual é difícil de lidar e que, em diversos casos, acaba por provocar um **rechaço do outro**. Como este outro, este estrangeiro não é capaz de ser cortês, amável, sorridente como nós brasileiros?

Esse rechaço do outro é motivado também, a meu ver, por um mal-estar provocado pelo confronto de duas línguas, de formas diferentes de enunciar, de duas discursividades. É o efeito provocado não só pelo encontro com o outro, mas também com a língua do outro, essa língua cuja aprendizagem, segundo Revuz (1998), pode representar ora o desejo de ser outro, ora o risco do exílio, uma língua que também nos atrai e nos repele, lembrando os termos usados por Kristeva (ibid.).

Quando tratei das construções enunciativas mais recorrentes nos enunciados, identifiquei um modo de enunciar que podia ser traduzido como uma **obliquidade enunciativa**, caracterizado por construções evasivas, que evitam afirmar categoricamente, que insinuem, propõe, mas sempre deixando uma possibilidade aberta para a discordância, para o aparecimento de algo contrário ou diferente. Também lembrei que Silvana Serrani (1994: 89) identificou a predominância de um modo de enunciar de características semelhantes entre os enunciados de brasileiros e o denominou enunciação de **transição**. A autora também analisa o discurso de enunciadores argentinos e afirma que entre esses últimos foi recorrente uma formação discursiva de **abrupção**, cujas características poderiam ser assim resumidas:

“(...) marcada por enunciações na qual predominam construções com indeterminação de agente, frases curtas, **categóricas** e que, no grau mais marcado de abrupção, podem conter enunciados de indignação que produzem efeitos de sentido punitivos para o destinatário.” (id. Ibid.: 89)

Mais adiante, a autora caracteriza a enunciação de abrupção como um “modo de dizer **lacônico**” (SERRANI, *ibid.*: 89) (grifo meu). Note-se que os adjetivos usados pela autora para definir as enunciações de abrupção corresponderiam ao que denominei **enunciação assertiva** e se opõe às características de uma **enunciação oblíqua**. Em resumo, no espanhol, seriam freqüentes modos de dizer **abruptos, assertivos ou diretos**; frente a uma enunciação **conciliatória**, de **contornos e evasivas**, que está muito presente, como se pode observar a partir das análises feitas, na discursividade dos brasileiros.

Outra pista sobre a relação entre as representações sobre espanhóis e argentinos e as diferentes formas de enunciar em cada uma das línguas aparece no trabalho de Fanjul (2002a: 111) que, ao analisar a proximidade/distância das discursividades do espanhol e do português, ou mais especificamente do espanhol da Argentina e do português brasileiro, identifica que a primeira “apresenta uma delimitação de espaços pessoais imaginários muito mais explicitada”, a segunda “se regula num jogo de relativa indiferenciação imaginária na construção da cena”. E sobre o predomínio de diferentes formas de enunciar em cada uma das discursividades analisadas e sua relação com as representações, diz o autor (*ibid.*: 114-115):

“Acreditamos que os estereótipos sobre o argentino no Brasil, construídos sobre uma representação de *arrogância*, tenham alguma relação, que não nos propomos a pesquisar, com o efeito dessa discursividade, e que não é casual que, nas piadas o argentino seja marcado com um ‘djô’ conclusivo e veemente.”

Como nem as representações sobre o outro estão separadas das representações sobre a língua e nem as formas de enunciar estão dissociadas de aspectos da cultura, da identidade e da história dos povos, o encontro dos brasileiros com a língua espanhola, com a discursividade do espanhol também ajuda a construir as representações sobre seus falantes. E ainda que não seja intenção deste trabalho identificar traços identitários de cada um dos povos, se impõe como questão, muito embora não possa debruçar-me sobre ela aqui, a relação entre os modos de dizer e os modos de agir, o discurso e os códigos sociais.

Tendo como referência os trabalhos de DaMatta (1990) e Barbosa (1992), afirmei que um dos eixos articuladores das representações sobre nós, brasileiros, era o jeitinho. Se se pensa no jeitinho como um caminho alternativo à regra e à proibição, como um modo de lidar com a dificuldade ou com o impedimento que

também faz uso do **drible**, do **contorno**, da **evasiva**, da **conciliação** e que procura evitar o **enfrentamento**, as ações **abruptas**, **categóricas** e **lacônicas** (recorde-se o modo de pedir o favor dentro da ética do jeitinho), pode-se afirmar que o jeitinho está presente tanto como elemento do imaginário e organizador da sociabilidade quanto da discursividade do brasileiro. Podemos encontrar, assim, uma coincidência entre o que caracteriza o modo de ação do jeitinho e o modo de dizer oblíquo: evitar o confronto, o enfrentamento.

Outro aspecto relevante, que merece ser interpretado, é a presença do olhar do outro nas auto-representações. Estas não estão apenas sustentadas pela forma como vemos o outro ou pela forma como nos vemos, também o olhar do outro sobre nós é fundamental na construção do imaginário. Embora não tenhamos dados referentes às imagens que espanhóis, argentinos ou outros estrangeiros têm dos brasileiros, Coracini (2003: 08) trata deste tema e defende que o Brasil simboliza para muitos estrangeiros o “lugar do gozo”, onde se está sempre alegre, onde os estrangeiros poderão ser acolhidos, onde não há rei nem lei. Observe-se que essas representações do outro sobre nós coincidem muito com as que temos de nós mesmos, ou seja, de certo modo, acabamos por assumir uma imagem que o outro tem de nós como se fôssemos de fato assim. Algumas vezes, essa suposta receptividade e abertura com o que é estrangeiro é vista como excessiva, como xenomania, como estrangeirice, como valorização exagerada de tudo que é externo ou estrangeiro. E se poderia ir mais longe e pensar se a discursividade do brasileiro associada à sua forma de sociabilidade não poderia também ser motivadora dessas representações do outro sobre nós. Assim como as formas de enunciar marcantes da discursividade do espanhol contribuem para a construção ou a reafirmação do imaginário sobre espanhóis e argentinos, do mesmo modo, as marcas da discursividade do português brasileiro podem corroborar ou reforçar o imaginário que os estrangeiros têm dos brasileiros. O fato é que explorar caminhos em que se busca a relação entre formas de sociabilidade, traços da identidade e marcas do funcionamento da língua e da discursividade acaba levando sempre à velha questão: o que vem primeiro, o ovo ou a galinha? A língua e o seu funcionamento fazem com que seus falantes tenham determinadas características ou são as suas formas de sociabilidade e os seus traços identitários que acabam por determinar a

sedimentação na língua de certas construções sintáticas e discursivas? Permanece a dúvida.

Mas voltemos ao rechaço do outro, à rejeição de um modo de relacionar-se direto, incisivo, duro, seco, ou também, rude, grosseiro, briguento. Para que haja uma rejeição, é preciso mais que a atribuição de uma diferença. Não há aqui um encontro de culturas, de códigos sociais, de imaginários, de línguas e de discursos; há mais, há um confronto detonador de um mal-estar que, ainda que cuidadosamente dissimulado, travestido de modalizações, contradições e explicações, continua lá. Seria possível dizer, então, que este é um lugar em que o encontro com o outro revela para o brasileiro a face oculta de sua identidade: a da **violência**.

Citemos dois autores que tratam de como representações sobre nós mesmos podem funcionar para ocultar a violência. Com relação ao que se chama cordialidade, freqüentemente reforçada como marca do caráter nacional e relacionada à adjetivação aqui analisada, diz DaMatta (ibid.: 176-177): “está dialeticamente relacionada à lógica brutal das identidades sociais, seus desvendamentos e o fato de que o sistema oscila entre cumprir a lei ou respeitar a pessoa”.

Já Marilena Chauí (2000: 08) faz um elenco de representações recorrentes sobre o brasileiro, entre as quais há várias coincidências com os enunciados analisados, tais como: “povo pacífico, ordeiro, generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor”; “país sem preconceitos, já que a democracia racial se explicita na mestiçagem e na variedade cultural”; “país acolhedor para todos os que nele desejam trabalhar”. Para a autora, essa representação elogiosa e exaltadora “resolve imaginariamente uma tensão real e produz uma contradição que passa despercebida” (CHAUÍ: ibid.: 08).

“Em suma, essa representação permite que uma sociedade que tolera a existência de milhões de crianças sem infância e que, desde seu surgimento, pratica o *apartheid* social possa ter de si mesma a imagem positiva de sua unidade fraterna.” (CHAUÍ: ibid.: 08)

Ambos os autores identificam a presença de uma contradição nas representações que caracterizam o brasileiro como generoso, cordial, receptivo, alegre, pacífico, etc. Estas características mascaram uma violência que se pretende

apagar no imaginário e na enunciação, mas que vai ficar exposta no encontro com o outro e com a outra língua. É esse desvendamento que será responsável pelo mal-estar. Não nos esqueçamos que, ao construir as famílias parafrásticas em 4.2 e analisar seus efeitos de sentido, observei que um mesmo traço cultural, social e, como acabamos de ver, lingüístico, vai produzir caracterizações contrapostas e movimentos afetivos contraditórios.

Em resumo, no plano da relação social e coletiva, a passividade, a receptividade assumem um valor mais depreciativo, desvalorizado, enquanto no plano das relações pessoais esses mesmos traços são exaltados, valorizados, tidos como nossas melhores qualidades, dignas de exportação: o Brasil como o país do gozo.

Poderíamos relacionar esta contradição com o que DaMatta (ibid.: 196) identifica como uma complexa relação entre dois sistemas, o da individuação, que está orientado pela lei, pela regra, pela igualdade entre os indivíduos, pela universalidade, e o da personificação, orientado pelas relações pessoais, “com seu código de interesses, intimidades e respeitos”. Postos em questão ambos os sistemas, no encontro com o outro, no encontro com outros sistemas, com outras formas de sociabilidade e de discursividade, serão gerados **amores e ódios, simpatias e antipatias, atrações e rejeições, invejas e admirações**, etc. Observe-se que as contradições que nos constituem, mas que, por processos de silenciamentos e apagamentos, estão encobertas, se explicitam na relação com o outro, na presença da diferença. Mas qual é a resposta ante esse encontro, esse conflito, esse desejo, esse mal-estar?

Voltemos ao texto de Marilena Chauí (2002), onde talvez se possa encontrar um caminho. Nos três elementos que identifica a autora como pertencentes ao mito fundador do Brasil (ibid.: 58), pode-se identificar uma crença na promessa de um fim grandioso.

“Se o Brasil é ‘terra abençoada por Deus’, se é paraíso reencontrado, então somos berço do mundo originário e original. E se o país está ‘deitado eternamente em berço esplêndido’ é porque fazemos parte do plano providencial de Deus.” (id., ibid.: 75)

Isto é, tanto podemos identificar na exuberância natural e na associação do índio com o bom selvagem, uma referência, um movimento de volta às origens, ao mito do paraíso terrestre, como já fiz referência na adjetivação sobre as belezas e as

riquezas naturais, sobre o povo bom, como também se pode identificar uma projeção de crescimento: **o Brasil é o país do futuro**. Entre a perfeição do passado e as promessas no futuro, parece estar a carência a que fiz referência, a esperança de mudança e de concretização dos desígnios divinos e o culto a uma existência pacífica, feliz e harmônica, que acaba por se chocar com a aridez e a violência da realidade.

Também foi identificada e analisada por Fanjul (2002b: 82) na discursividade brasileira a presença de um “*continuum* possibilidade-realização, propósito-certeza”; o que, para o autor (s/d: 24²⁷), desfaz os limites entre presente e futuro e entre certeza e desejo. Estas características da discursividade podem ser tomadas, talvez, como marcas do vazio do presente e sua conseqüente união com a projeção de um futuro promissor e grandioso, cuja expressão mais exemplar é o “vai dar certo” que analisa Fanjul (s/d: 19). Tanto na discursividade quanto no imaginário estariam desfeitos os limites entre presente e futuro e, portanto, entre possibilidade e certeza.

Novamente está se tratando das intersecções entre marcas de identidade e formas de enunciar. Backes (2000: 27) cita o fato de que a busca de uma identidade nacional perpassa toda a nossa história, o que não é difícil de notar nas várias gerações de escritores da literatura brasileira, nos movimentos culturais e também nos estudos acadêmicos. Esta busca, possivelmente, advém de um sentimento de que não há traços que nos unem, uma tradição, elementos comuns, uma uniformização. Como já mencionei anteriormente, ao tratar das questões relativas à miscigenação e à diversidade cultural, Backes (ibid.: 53) também afirma que

“Não há, portanto, uma pressão, dentro do Brasil, em favor da uniformização da sociedade, como na Europa. Mas talvez se pudesse pensar o quanto o brasileiro vê-se às voltas com essa suposta demanda européia de uniformização.”

Se a identidade, em princípio, se constitui a partir de traços e características comuns a todos os membros de um grupo, como ela pode ser encontrada sem que haja uma pressão pela uniformização? Como se constituiria, assim, no caso do Brasil, a identidade nacional?

Embora não seja objetivo deste trabalho responder estas perguntas, venho tentando ensaiar de que forma o brasileiro se vê na relação com o outro, o que tem

²⁷ O texto está no prelo e os números de página são da cópia fornecida pelo autor.

me obrigado a tangenciar as questões identitárias e a dialogar com elas na sua relação com as imagens e as representações.

Tomar este caminho me leva a pensar que são centrais para a construção de uma identidade nacional: o ideal de perfeição, a completude e a totalidade que estão presentes no passado, na tradição, na história, no futuro, nas esperanças e promessas e também no outro, no estrangeiro. No presente e em nós mesmos fica a carência, a falta. Por isso, o **desejo do outro** pode ser tomado como uma marca de dimensões importantes. Aparece não apenas nas representações que foram aqui analisadas, mas também, de forma variada, tanto como tema de discussão dos estudiosos quanto nas nossas manifestações culturais e artísticas. Oswald de Andrade, no seu “Manifesto Antropófago”, defendia como caminho para a constituição de uma identidade brasileira que não se rejeitasse o que vinha de fora, mas que se devorassem e digerissem as influências culturais estrangeiras de modo a incorporá-las à moda nacional. Mais recentemente, Calligaris (2000: 35) retoma as idéias de Oswald e de boa parte do movimento modernista para afirmar que a identidade nacional poderia estar deslocada da unidade em torno do UM, ou seja, do traço comum, e poderia ser constituída antropofagicamente, o que nos converte em “devoradores de UNS”. Também podem-se citar os estudos de Rolnik (1998, apud CELADA, 2002: 215), que lembra os rituais dos índios tupis que devoravam seus inimigos mais valentes, após sua derrota, para que pudessem incorporar sua força. A antropofagia seria, assim, a concretização mais extrema do desejo do outro: devorá-lo e torná-lo parte de nós. A forma de preencher a falta de tradição, de traços comuns, de uniformidade é devorar os outros e sermos esses muitos outros digeridos e ressignificados.

E se no desejo do outro o caminho era devorar para se apropriar, o que fazer ante o mal-estar, a repulsa pelo que não queremos ver, não queremos ter, não queremos ser? E no **rechaço do outro**? A antropofagia. Devorar o outro pressupõe também destruí-lo, torná-lo parte de nós significa ainda mais, significa destruir o outro na sua essência, isto é, destruir a própria idéia do outro, da diferença. Na unidade, na completude, na totalidade, não há outro, não há alteridade.

Ao recuperar as principais representações sobre a língua espanhola e o português brasileiro, pode-se observar que os movimentos não diferem em essência

dos que foram identificados na relação com o outro, com o estrangeiro, com o falante da outra língua.

Ao analisar a adjetivação sobre o espanhol falado na Espanha, constatei que a insistência de sua vinculação ao imaginário da língua original levava a uma caracterização que, em 1.1, pôde ser condensada nas seguintes representações: **espanhol da Espanha = espanhol original e língua original $\Rightarrow$ língua pura e língua correta**. Também com relação à língua se repete o movimento de volta à origem na busca da língua perfeita, pura, correta, sem interferências. E é o espanhol da Espanha que vai ficar mais claramente representado como a língua original. O espanhol da Argentina, por outro lado, vai deslocar-se para o lugar da língua derivada, variada e caracterizada pela influência de outras línguas. Vimos que os movimentos enunciativos de comparação denunciavam uma certa hierarquização das variantes, pois o espanhol da Espanha era sempre tomado como a referência a partir da qual se faziam as comparações. O espanhol da Argentina é representado, portanto, como uma variação, uma derivação do espanhol falado na Espanha: **espanhol da Argentina = espanhol derivado**.

Embora se possa identificar nas representações sobre o espanhol da Espanha a presença do desejo da outra língua ou o desejo da perfeição da outra língua, não apenas pela atração e pela fascinação está orientada a relação com o espanhol da Espanha. Os movimentos de atrai/repele estão presentes também em relação às línguas, o que significa dizer, nos termos de Pietroluongo (2001: 197), que o aprendiz de língua estrangeira está sempre entre a “fascinação e a repulsa”. Devo então lembrar que o espanhol da Espanha também foi representado como conservador, pomposo, formal, etc. Estas representações o aproximavam do português de Portugal e, portanto, do imaginário que temos da linguagem da escrita: normativa, difícil, rebuscada, aquela que via de regra a escola impõe como “padrão” e que, se não dominamos, em geral nos exclui e limita.

Quando analisei as representações sobre os falantes, afirmei que a atribuição de um mesmo traço ao caráter podia provocar amor e ódio, atração e rejeição, como no caso da combatividade dos argentinos, que podia ser tomada como agressividade ou como espírito de luta. Com o português e o espanhol e com as variedades do espanhol não vai ser diferente, pois elas também expõem, como já foi dito, a relação contraditória que nós brasileiros temos com a nossa própria língua,

dividida entre escrita e oralidade²⁸. Assim, aproximar o espanhol da Espanha do português de Portugal provoca caracterizações, movimentos e afetos desencontrados, marcados pelo desejo da correção, da pureza, da perfeição e pela rejeição à dificuldade, ao rebuscamento, ao excesso de regras que nunca poderão ser aprendidas.

O espanhol da Argentina, por outro lado, foge dos ideais de perfeição por ser misturado, derivado, influenciado por outros idiomas. Contudo, ao associar-se ao imaginário da oralidade, da fala, da libertação das regras, ganha atributos de familiaridade, de intimidade, daquilo que é conhecido.

Também vimos que as diferentes variedades do espanhol podem ocupar posições diferentes no que se refere às funções da linguagem, o que abre a possibilidade de interpretar as representações a partir do modelo tetralingüístico, ao qual fiz breves menções. Não é objetivo deste trabalho seguir esse caminho e basear as interpretações no modelo tetralingüístico, contudo, reconheço que este poderia ser um caminho promissor e frutífero.

A fascinação/repulsa, que Pietroluongo (ibid.) vai identificar como marca da relação com a língua estrangeira, tem, no encontro com a língua espanhola, os contornos e as particularidades que acabo de expor. Mas faltaria ainda tratar de um aspecto desse encontro entre português e espanhol amplamente estudado e discutido por professores e pesquisadores na área do ensino de espanhol como língua estrangeira no Brasil: a suposta, e por muitos reconhecida, **semelhança** entre os dois idiomas.

Nas representações sobre a língua espanhola, vimos que essa semelhança aparece na presença insistente do adjetivo **fácil**; frente à caracterização do português brasileiro como **difícil**; o que me obriga a recuperar a metonímia proposta por Celada (2002: 101) e que, segundo a autora, tem o efeito de um pré-construído: “**espanhol – língua parecida – língua fácil – língua espontânea = portunhol**”. Como se pôde observar, este pré-construído apresenta uma inércia que faz com que continue presente no imaginário de estudantes de espanhol, ou seja, daqueles que puseram em questão, em alguma medida, a possibilidade da competência espontânea e a suficiência do portunhol. Contudo, também se pode constatar que, embora a representação da semelhança não apresente mudanças significativas no

²⁸ Para uma discussão mais clara e aprofundada sobre este tema veja-se o trabalho de Celada (2000).

processo do ensino formal, ao longo do contato com a língua, já que está presente tanto entre os iniciantes quanto entre os estudantes de nível avançado, a atribuição da **facilidade** pode inverter-se por completo —talvez fruto de uma antecipação com relação a essa língua que não se confirma— e transformar-se em extrema **dificuldade**. O que daria lugar à seguinte metonímia, entendida aqui como uma relação de contigüidade quase imprevista, na qual se aproximam coisas que pareceriam contraditórias, e inspirada na de Celada: **espanhol – língua parecida – língua difícilima**. A semelhança deixaria, assim, de constituir um fator facilitador e poderia funcionar como aquilo que dificulta a aprendizagem, que desfaz os limites entre o português e o espanhol e não permite sair do rejeitado portunhol. A semelhança é vivida, então, como uma espécie de maldição, de encantamento, e o seu efeito mágico não permite que o falante se livre dela e nem tenha controle sobre ela.

Como já foi dito em 3.3, esse desconforto, esse mal-estar na relação com o espanhol, que pode passar de língua fácil a língua difícil, é provocado pelos desconcertos da impossibilidade de prever onde está a alteridade e que ela irrompa justamente da proximidade, do que aparentava ser igual (CELADA, *ibid.*: 186).

Já tratei, mais acima, quando mencionei os trabalhos de Serrani e Fanjul sobre as discursividades argentina e brasileira, da inter-relação existente entre as representações sobre os falantes da língua e as representações sobre as línguas. Sendo assim, se poderia reforçar a impossibilidade de dissociar estas representações, lembrando que há inúmeros deslizamentos na adjetivação, de modo que a caracterização das línguas e suas variedades incluía vários adjetivos que deveriam ser, em princípio, utilizados para caracterizar outros objetos. Assim como as representações sobre os falantes podiam sofrer o efeito do encontro/confronto entre as discursividades do português e do espanhol.

Voltemos, então, à discussão de uma possível resposta antropofágica em relação à língua estrangeira. Já foram recuperadas as principais representações sobre as línguas e estabelecidas conexões entre elas e também apontadas inter-relações entre as representações sobre as línguas e as representações sobre seus falantes. Venho seguindo um caminho interpretativo através do qual possa evidenciar a presença de movimentos de **aproximação** e **afastamento**, **admiração** e **inveja**, **atração** e **rejeição**, **fascinação** e **repulsa** tanto em relação ao outro,

quanto em relação à sua língua. Daí poder-se dizer que, assim como o encontro com o outro expõe a nossa face oculta, também, como defende Pietroluongo (ibid.: 196), o encontro com a língua estrangeira e a sua aprendizagem instalam um conflito que se pretende apagar imediatamente, e que tem como origem “a *estranheza* da minha própria língua”. Mais adiante, a autora (ibid.: 196) expõe o modo como procuramos nos desfazer da estranheza:

“E então, para adiar esse sentimento desconfortável de se estar onde não se conhece, transporto esse incômodo para a língua que, como a própria expressão já diz, me é *estrangeira*. E assim me sinto autorizada a falar num **estrangeiro de mim**.”(grifo meu)

Acredito que, ainda que não fuja por completo da descrição da autora, há particularidades quando se trata da relação entre o português e o espanhol; língua que talvez possa ser mais facilmente devorada, que parece propicia a movimentos antropofágicos; mesmo que depois possa mostrar-se indigesta.

Mas avancemos com calma. Mais acima fiz referência ao trabalho de Rolnik (1998) citado por Celada (2002: 215), que, com base na primeira autora, fala de um modo de subjetivação do brasileiro que define como antropofágico. Esse modo de subjetivação seria o responsável por uma aproximação do outro, por um encurtamento na distância de interlocução, pela inclusão dos erros e das marcas lingüísticas em que a afetividade esteja inscrita, “efeito da inscrição das formações imaginárias que projetam os mecanismos de antecipação na interlocução” (CELADA, ibid.: 216). Nesse sentido, talvez pudéssemos, pretensiosamente, acrescentar ao trecho do Manifesto de Oswald que serve como epígrafe desta seção um **lingüisticamente** e dizer que “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.” Lingüisticamente. Mais adiante, já na conclusão, Celada (ibid.: 256) associa o falar portunhol, isto é, o projetar um espanhol imaginário permanecendo no português, a um “modo antropofágico de se expor à realidade”. Acredito que as análises feitas neste trabalho corroboram, em grande medida, a idéia de um modo de agir antropofágico, de uma resposta antropofágica à alteridade lingüística. Resposta que é constantemente realimentada pelas imagens de semelhança e facilidade e que é atestada também por trabalhos de bases teóricas diversas que estudam a produção em espanhol de estudantes brasileiros.

Surpreende-me, talvez também por ser professora de espanhol, a desenvoltura com que os brasileiros, tendo passado ou não por um aprendizado

formal da língua, se arriscam a falar espanhol. Lembremos as entrevistas de jogadores e técnicos de futebol que, tendo sido contratados há apenas alguns dias por um time espanhol, por exemplo, já se arriscam, sem qualquer constrangimento, a falar seu portunhol²⁹ às emissoras de todo o mundo. Também se poderia citar como exemplo um conhecido humorista brasileiro que, em seu programa de entrevistas, exibido por uma famosa rede de televisão, não se inibe em gastar seu “portunhol” —isso sim, pronunciado num impecável sotaque argentino— com diversos entrevistados hispânicos. E, para terminar uma lista que poderia ser bem mais ampla, menciono a tão conhecida pergunta dos alunos nos primeiros dias de aula: por que a gente entende tudo que eles falam e eles não entendem nada que a gente diz? A fama e a difusão do “portunhol” entre os brasileiros também chama a atenção, pois com tranqüilidade se diz: “não falo espanhol mas falo portunhol”, “arranho um portunhol”, “meu portunhol dá para o gasto”. Efeitos da proximidade lexical sempre muito lembrada por alguns difusores do espanhol entre nós e, como se sabe, muito relativa, da proximidade histórica e, em vários aspectos, sintática das duas línguas, mas, sobretudo efeitos das projeções de semelhança e facilidade sobre o espanhol somado a esse modo de ação antropofágico ante a alteridade, de pronto devoramento do outro e do que é do outro, de ter o outro em nós.

Daí a possibilidade de devorar o espanhol, de rapidamente poder dele apropriar-se. Sua digestão não parece lenta nem difícil, o que, com frequência, leva a abocanhar, mastigar e cuspir. O resultado é o “portunhol”. Mas o “portunhol” não é apenas a fala de quem, tagarelamente, não se dá tempo de engolir e digerir; será, para muitos, o resultado da indigestão. O espanhol se torna indigesto quando passa de fácil para difícilimo e a semelhança passa a representar a impossibilidade de estabelecer limites entre o espanhol e o português, a impossibilidade de tomar o espanhol como uma outra língua.

Celada (ibid.: 216) diz ainda que “o modo antropofágico de subjetividade implica um grau significativo de exposição à alteridade”. Para muitos, a diferença, o outro se apresentam como o que deve ser expulso ou eliminado. Na sociabilidade e talvez na subjetividade brasileira e no modo de ação antropofágico, não só a alteridade é experimentada como ela é devorada. A língua espanhola, através das

²⁹ Aproprio-me aqui do que o senso comum chama de portunhol, ou seja, a fala de brasileiros que têm pouco ou nenhum conhecimento da língua estrangeira, tendo estudado ou não, e que ensaiam frases a partir de hipóteses e/ou imagens que têm da língua estrangeira.

representações associadas à língua culta, correta, original e perfeita vai significar a possibilidade de se ter o que não se tem na língua materna, e pelo efeito do imaginário de semelhança e facilidade vai permitir a ilusão de manter-se ainda na familiaridade da língua materna.

A antropofagia também é o modo de ação de quem tudo quer, quer manter o que já tem, o que é familiar, e deseja e inveja o do outro. Quer também o que pertence ao outro, mas não o quer estranho, quer logo apropriar-se dele para que se torne também conhecido e familiar, passe de alheio a próprio. Não nos esqueçamos que o seu motor é a busca constante da totalidade, da completude, para sentir-se inteiro.

Outro aspecto da antropofagia pode ser detectado na discursividade. As análises detectaram várias formas de construção presentes nos enunciados que acabei reunindo sob o nome de obliquidade enunciativa. Esta poderia ser o efeito de um evitamento de caracterizar o outro, de atribuir-lhe características, de reconhecer diferenças, de viver a estranheza. Por outro lado, e paradoxalmente, lembremos que nos enunciados sobre os brasileiros, prevaleciam as formas verbais em terceira pessoa do plural, o que denunciava um enunciar do lugar de estrangeiros; como já afirmavam González e Celada (2001), ao analisarem os enunciados “brasileiro é assim mesmo” e “los argentinos somos así”.

Também com relação à língua materna, viu-se que o português escrito, culto, normativo, podia ocupar o lugar da língua estrangeira; assim como o espanhol podia ser fácil e familiar. O espanhol da Argentina também podia corresponder ao português brasileiro quando se tratava da derivação e da variação das línguas e o espanhol da Espanha podia compartilhar atributos na representação com o português da escrita, da correção e da norma. Nessa inversão, em que o outro não é outro e nós somos o outro, a nossa língua pode ser a estrangeira e a outra a nossa.

Sendo assim, ainda que a nossa auto-imagem seja a da tolerância, a da miscigenação, com “todos os tipos e raças do mundo reunidos em um só país” (UF), a da receptividade, pois somos tidos como “pessoas que adoram estrangeiros e que fazem de tudo para que estes se sintam bem no Brasil” (UF), e do acolhimento de outras línguas e culturas, já que temos o “desejo em ser falante de várias línguas” (UF), estamos longe de ter “a coragem de nos dizermos desintegrados para não integrar os estrangeiros e muito menos persegui-los, mas para acolhê-los nessa

aflitiva estranheza que é igualmente a deles e a nossa” (KRISTEVA, 1994: 201) (grifo meu).

É possível que o desafio no ensino de espanhol como língua estrangeira a brasileiros seja justamente o de fazer com que nossos estudantes vivam essa “aflitiva estranheza” a que Kristeva faz referência. Talvez seja preciso dar outra resposta ao impasse: do amor ao ódio, da fascinação à repulsa, uma resposta que não seja a de devorar, por pra dentro, mas a de sair, deixar-se ou colocar-se fora das entranhas, *ex-tranhar*. E ainda, nas palavras de Revuz (1998: 230), “não somente de aceitar a diferença mas explorá-la”.

Identificação e desidentificação

As análises desta pesquisa não me permitem entrar nos efeitos que as representações ou que uma resposta antropofágica à alteridade pode ter sobre a produção lingüística dos estudantes de espanhol como língua estrangeira, pois não seria possível desenvolver um estudo dessa ordem neste trabalho, porém, gostaria de retornar brevemente aos processos identificatórios mencionados na apresentação como fundamentais na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Fiz uso de uma citação de Octave Manoni (1994: 196) na qual afirma que “se forma a personalidade mediante as identificações; primeiro, puramente identificações, depois, desidentificação e o que resta no caráter”. Trata, assim, não apenas das identificações mas também das **desidentificações**; sendo, para o autor, as segundas tão importantes quanto as primeiras. Em sua discussão e na descrição de exemplos de identificações, cita outros autores que trataram o tema, e os termos a que a identificação aparecia associada para cada um deles. Entre eles encontram-se: **introjeção** e **incorporação**; que poderiam perfeitamente ser associados à idéia da antropofagia. Além disso, lembra que, para Freud, aquilo que precede a identificação, nos estágios iniciais do desenvolvimento é uma posição canibalística (MANNONI, *ibid.*: 175). Desta forma, a identificação poderia ser também associada ao devoramento, ao canibalismo e à antropofagia.

A desidentificação, embora o autor não chegue a conceituá-la, seria a tomada de consciência da presença de um outro em mim. O que resta do jogo indentificar-

se/desidentificar-se são as marcas que a relação com o outro deixa no sujeito e que dão forma à sua personalidade.

Se me permito considerar, juntamente com Mannoni, que a desidentificação é tão importante quanto à identificação, e a relacionar, em certo sentido, a identificação à antropofagia, ao canibalismo, pois identificar-se é também esconder o outro dentro de nós, proponho que pensemos nos processos de desidentificação na relação com a língua estrangeira. Talvez seja necessário que, aos processos identificatórios, se sigam processos de desidentificação. Desidentificar-se poderia, então, significar tomar consciência da existência de um outro ou de uma outra língua e viver a estranheza dessa presença, de modo que, após a desidentificação, restem as marcas da língua estrangeira, como outra, não mais como uma variação caricata do mesmo. Para a língua espanhola, os processos desidentificatórios podem ser tão relevantes quanto os processos identificatórios.

Mas este estudo não permite aprofundar esta questão. Permitiu apenas formulá-la e espero que ela seja pertinente a ponto de provocar estudos e reflexões futuras.

Chegando ao fim

Procurei, ao longo deste trabalho, fazer uma análise enunciativa e discursiva dos enunciados que constituem o corpus, de modo a que se pudessem entrever as principais representações de si e do outro, da própria língua e da outra. Estas representações, a meu ver, indicam movimentos afetivos, em grande medida motivados por questões relativas à identidade social e lingüística. Para relacionar os diferentes elementos que intervinham na análise e suas relações com as questões que me propunha inicialmente responder, foi necessário passar, do ponto de vista metodológico, por distintos níveis de análise. Inicialmente, procurei orientar o olhar do leitor para a observação da semântica dos adjetivos mais recorrentes; em seguida, passei ao nível sintático, para que se pudessem enfocar os movimentos enunciativos que articulavam a adjetivação; finalmente, procurei associar os aspectos sintáticos e semânticos de forma a que ficassem visíveis algumas regularidades enunciativas e os efeitos de sentido que produziam. Para fazer este percurso, foi necessário lançar mão, sobretudo, das ferramentas teóricas e analíticas oferecidas pela teoria da enunciação e pela análise do discurso. Não se pôde escapar de alguns conceitos e análises do âmbito da sociologia e da psicanálise, já que ganhavam destaque questões identitárias, modos de sociabilidade, a presença da afetividade na relação com o outro e a outra língua. Procurei, finalmente, ensaiar algumas interpretações que foram sendo anunciadas ao longo do texto, sem ter a pretensão de dar respostas definitivas, mas deixando espaço para outras análises e outras interpretações.

Acredito que este trabalho, mais do que encontrar respostas para as questões que o ensino/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira vem suscitando, permite reforçar a complexidade do processo e sua relação com fatores que são externos à própria língua, ainda que diretamente relacionados a ela e por vezes nela consignados, ao ensino formal e à sala de aula. Foi possível encontrar e refletir sobre a incidência de questões sociais e afetivas sobre as quais é difícil interferir.

Quando optei por analisar os enunciados de estudantes que estavam iniciando o curso de espanhol e de estudantes de nível avançado, acreditava que o ensino formal e o contato com a língua teriam forte influência sobre as

representações e que seria possível detectar diferenças significativas entre os dois grupos. Contudo, embora não se possa desprezar a ação do ensino e da relação institucional e formal sobre as imagens de si e do outro, da própria língua e da estrangeira, verificou-se que a inércia das representações e sua relação com inúmeros fatores fazem com que a ação sobre o imaginário constitua ainda um mistério e um desafio para nós, professores de espanhol como língua estrangeira.

Talvez analisar as produções oral e escrita de estudantes de espanhol como língua estrangeira e relacioná-las às representações aqui discutidas e às hipóteses levantadas sobre uma resposta antropofágica dos brasileiros à alteridade da língua espanhola possa ser um percurso que leve na direção de iluminar este mistério, de manter aceso o desafio.

Quando optei por analisar os enunciados de estudantes que estavam iniciando o curso de espanhol e de estudantes de nível avançado, acreditava que o ensino formal e o contato com a língua teriam forte influência sobre as representações e seria possível detectar diferenças significativas entre os dois grupos. Contudo, embora não se possa desprezar a ação do ensino e da relação institucional e formal sobre as imagens de si e do outro, da própria língua e da estrangeira, verificou-se que a inércia das representações e sua relação com inúmeros fatores fazem com que a ação sobre o imaginário constitua ainda um mistério e um desafio para nós professores de espanhol como língua estrangeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCOS LLORACH, E. (1995) "Oraciones Complejas (concesivas y condicionales)". In: _____. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, p. 373-383.
- AMOSSY, R.; PIERROT, A. (2001) *Estereotipos y clichés*. Buenos Aires: Eudeba.
- AUTHIER-REVUZ, J. (jul./dez. 1990) "Heterogeneidade(s) enunciativa(s)". In: *Cadernos de estudos lingüísticos*, 19. Campinas: IEL/UNICAMP, p. 25-42.
- BACKES, C. (2000) *O que é ser brasileiro?* São Paulo: Escuta.
- BARBOSA, L. (1992) *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- BECHARA, E. (2000) "Conjunção". In: _____. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 319-330.
- BENVENISTE, E. (1995) "Da subjetividade na linguagem". In: _____. *Problemas de Lingüística Geral I*. 4 ed. Campinas: Pontes, p. 284-293.
- BRANDÃO, H. H. N. (1998) *Introdução à Análise do Discurso*. 7. ed. Campinas: Editora da UNICAMP.
- CALLIGARIS, C (2000) *Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. 6 ed. São Paulo: Escuta.
- CASTRO, M. F. P. de. (s/d) "Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna". Cópia fornecida pela autora de artigo no prelo.
- CELADA, M. T. (2002) *O espanhol para o brasileiro. Uma língua singularmente estrangeira*. Campinas. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.
Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlm/espanhol/docente/teresa.html>
- CHAUÍ, M. (2000) *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- CHNAIDERMAN, M. (1998) "Língua(s)-linguagem(ns)-identidade(s)-movimento(s): uma abordagem psicanalítica". In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, p. 47-67.
- CORACINI, M. J. (2003) "A celebração do outro na constituição da identidade". In: *Organon*. Porto Alegre: UFRGS.
- DAMATTA, R. (1990). "Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil". In: _____. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, p. 146-204.
- DONAIRE, M. L. (dez. 2000) "Polifonía Y punto de vista". In: *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad*, vol. 2, n. 4. Gedisa editorial, p. 73-87.
- DUCROT, O. (2004) "Sentido y argumentación". In: ARNOUX, E. N.; GARCÍA NEGRONI, M. M. (Comp.) *Homenaje a Oswald Ducrot*. Buenos Aires: Eudeba, p. 359-370.

- _____. (2001) *El decir y lo dicho*. Buenos Aires: Edicial.
- ECO, U. *A busca da língua perfeita na cultura européia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- ESCANDELL VIDAL, M. V. (1996) "Anscombe y Ducrot y la teoría de la argumentación". In: _____. *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel, p. 91-108.
- FANJUL, A. (2002a) *Português – Espanhol: línguas próximas sob o olhar discursivo*. São Carlos: Claraluz.
- _____. (jul./dez. 2002b) "Processos enunciativos no contato português brasileiro-espanhol. Experimentação sobre as modalizações de possibilidade e certeza". In: *Trabalhos de Lingüística Aplicada*, n. 40. Campinas: IEL-UNICAMP, p. 71-86.
- _____. (s/d) "O próprio e o alheio: evidência da não-transparência da língua". Cópia fornecida pelo autor de artigo no prelo.
- FERNANDES, F. (2002) *Dicionário de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa*. 41 ed. Revista e ampliada por Celso Pedro Luft. São Paulo: Globo.
- FREUD, S. (1976) "Identificação". In: _____. *Obras Completas*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, p. 133-139.
- GARCÍA NEGRONI, M. M.; TORDESILLAS, M. (dez. 2000) "Editorial: Estudios de semántica y pragmática. Apuntes sobre la semántica integrada". In: *Revista Iberoamericana de discurso y sociedad*. Vol. 2, n. 4. Gedisa editorial, p. 03-21.
- GONZÁLEZ, N. T. M.; CELADA, M. T. (2001) "El contrapunto de dos lenguas: Los argentinos somos así. Brasileiro é assim mesmo". In: <http://www.esespasa.com> - Revista de Profesores.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. (1979) *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix.
- GUIMARÃES, E. (2004) "Argumentación y acontecimiento". In: ARNOUX, E. N.; GARCÍA NEGRONI, M. M. (Comp.) *Homenaje a Oswald Ducrot*. Buenos Aires: Eudeba.
- _____. (2002) "Enunciação e acontecimento". In: _____. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes.
- _____. (2001) *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. 2. ed. Campinas: Pontes.
- GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E.P. (1996) "Identidade lingüística". In: _____. (Orgs.) *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes. p. 9-15.
- HOUAISS, A. (2002) *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- KRISTEVA, J. (1994) *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- KOCH, I. G. V. (2000) *Argumentação e linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez.
- LARA, G. M. P. (2001) "Uma análise semiótica do discurso de estudantes universitários sobre a língua portuguesa". In: *Revista do GELNE*, Fortaleza, vol. 3, n. 1, p. 37-40.
- MANNONI, O. (1994) "A desidentificação". In: MANNONI, M. et al. *As identificações – na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 173-196.

- MARIANI, B. (1998) "Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito". In: *Gragoatá*, n. 5. Niterói, EDUFF, p. 87-95
- MATTE BON, F. (1999) "La concesión y las frases adversativas". In: _____. *Gramática comunicativa del español*. Tomo II. Madrid: Edelsa, p. 211-218.
- NEVES, M. H. M. (2000) *Gramática de Usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP.
- FERREIRA, A. B. H. (1999) *Novo Aurélio século XXI: dicionário eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ORLANDI, E. P. (2000) *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- _____. (1996) "Funcionamento e discurso". In: _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, p. 115-133.
- PENNYCOOK, A. (1998) "A Lingüística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica". In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.) *Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, p. 23-49.
- PERINI, M. A. (2000) *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática.
- PIETROLUONGO, M. A. (2001) "O estrangeiro de mim". In: *Gragoatá*, n. 11. Niterói: EDUFF, p. 193-206.
- PRADO E SILVA, Adalberto (Org.) (1961?) *Nôvo Dicionário Brasileiro Ilustrado*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- RAJAGOPALAN, K. (1998) "O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?". In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, p. 21-45.
- REVUZ, C. (1998) "A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio". In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, p. 213-230.
- SERRANI, S. (2003) "Memórias Discursivas, Línguas e Identidades Socioculturais". In: *Organon*. Porto Alegre: UFRGS, p. 283-298.
- SERRANI, S. (1998) "Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso". In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, p. 231-261.
- _____. (fev. 1997) "Formações Discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas". In: *DELTA*, vol.13, n.1. p. 63-81. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000100004&lng=en&nrm=iso.
- _____. (1994) "Análise de ressonâncias discursivas em micro-cenas para estudo da identidade lingüístico-cultural". In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, n. 24. Campinas: IEL-UNICAMP, p.79-90.
- _____. (1993) *A linguagem na pesquisa sócio-cultural: um estudo da repetição na discursividade*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP.

ZOPPI, M. (jul. 2004) "A arte de cair fora. O lugar do terceiro na enunciação". In: *Revista ECOS: Variantes lingüísticas e literaturas regionais*, n. 2. (Rev. do Instituto da linguagem). Cáceres, MT: Ed. da UNEMAT, p. 59-69.

ANEXOS**Questionário****PARTE I**

1. Quanto tempo faz que você estuda espanhol?

2. Antes de começar a estudar que contatos você tinha com a língua espanhola?

() viagens

() profissional

() familiar

() leitura

() cinema/televisão

3. Que países de língua espanhola você já visitou?

4. Como você resumiria em poucas palavras a impressão que esta visita lhe causou?

5. Com que falantes nativos de língua espanhola você já teve contato?

6. Como você resumiria em poucas palavras a impressão que lhe causaram?

7. Se tivesse que escolher um país para ir estudar espanhol, para onde você iria?

8. Por quê?

PARTE II

1. Dos adjetivos abaixo, marque os que você acha que caracterizam os falantes de espanhol:

afetivos	arrogantes	briguentos	submissos
simpáticos	inteligentes	mentirosos	rudes
trabalhadores	práticos	pacatos	discretos
autoritários	amáveis	primitivos	diretos
criativos	pacíficos	receptivos	estranhos
francos	corteses	grosseiros	fortes
modernos	honestos	conservadores	alegres
batalhadores	ignorantes	acolhedores	cordiais
fracos	familiares	escandalosos	tristes
violentos	antipáticos	fechados	refinados
trapaceiros	preguiçosos	dissimulados	sensuais
acomodados	objetivos	democráticos	solidários
distantes	burros	sérios	preconceituosos
cultos	secos	abertos	ingênuos

Outros: _____

2. Dos adjetivos abaixo, marque os que você acha que caracterizam a língua espanhola:

feia	fechada	aberta	musical
agradável	lenta	incompreensível	rápida
forte	bonita	pobre	importante
suave	dura	melódica	rica
seca	doce	fácil	sensual
compreensível	difícil	sonora	culta
familiar	estranha	desagradável	

Outros: _____

3. Dos adjetivos abaixo, marque os que você acha que caracterizam os espanhóis:

afetivos	arrogantes	briguentos	submissos
simpáticos	inteligentes	mentirosos	rudes
trabalhadores	práticos	pacatos	discretos
autoritários	amáveis	primitivos	diretos
criativos	pacíficos	receptivos	estranhos
francos	corteses	grosseiros	fortes
modernos	honestos	conservadores	alegres
batalhadores	ignorantes	acolhedores	cordiais
fracos	familiares	escandalosos	tristes
violentos	antipáticos	fechados	refinados
trapaceiros	preguiçosos	dissimulados	sensuais
acomodados	objetivos	democráticos	solidários
distantes	burros	sérios	preconceituosos
cultos	secos	abertos	ingênuos
Outros: _____			

4. Dos adjetivos abaixo, marque os que você acha que caracterizam a Espanha:

feia	bonita	pobre	alegre
rica	sem graça	exuberante	séria
subdesenvolvida	desenvolvida	desorganizada	triste
atraente	primitiva	moderna	
avançada	organizada	atrasada	
Outros: _____			

5. Dos adjetivos abaixo, marque os que você acha que caracterizam o espanhol falado na Espanha:

feio	fechado	aberto	musical
agradável	lento	incompreensível	rápido
forte	bonito	pobre	importante
suave	duro	melódico	rico
seco	doce	fácil	sensual
compreensível	difícil	sonoro	culto
familiar	estranho	desagradável	
Outros: _____			

6. Dos adjetivos abaixo, marque os que você acha que caracterizam os argentinos:

afetivos	arrogantes	briguentos	submissos
simpáticos	inteligentes	mentirosos	rudes
trabalhadores	práticos	pacatos	discretos
autoritários	amáveis	primitivos	diretos
criativos	pacíficos	receptivos	estranhos
francos	corteses	grosseiros	fortes
modernos	honestos	conservadores	alegres
batalhadores	ignorantes	acolhedores	cordiais
fracos	familiares	escandalosos	tristes
violentos	antipáticos	fechados	refinados
trapaceiros	preguiçosos	dissimulados	sensuais
acomodados	objetivos	democráticos	solidários
distantes	burros	sérios	preconceituosos
cultos	secos	abertos	ingênuos
Outros: _____			

7. Dos adjetivos abaixo, marque os que você acha que caracterizam a Argentina:

feia	bonita	pobre	alegre
rica	sem graça	exuberante	séria
subdesenvolvida	desenvolvida	desorganizada	triste
atraente	primitiva	moderna	
avançada	organizada	atrasada	
Outros: _____			

8. Dos adjetivos abaixo, marque os que você acha que caracterizam o espanhol falado na Argentina:

feio	fechado	aberto	musical
agradável	lento	incompreensível	rápido
forte	bonito	pobre	importante
suave	duro	melódico	rico
seco	doce	fácil	sensual
compreensível	difícil	sonoro	culto
familiar	estranho	desagradável	
Outros: _____			

9. Dos adjetivos abaixo, marque os que você acha que caracterizam os brasileiros:

afetivos	arrogantes	briguentos	submissos
simpáticos	inteligentes	mentirosos	rudes
trabalhadores	práticos	pacatos	discretos
autoritários	amáveis	primitivos	diretos
criativos	pacíficos	receptivos	estranhos
francos	corteses	grosseiros	fortes
modernos	honestos	conservadores	alegres
batalhadores	ignorantes	acolhedores	cordiais
fracos	familiares	escandalosos	tristes
violentos	antipáticos	fechados	refinados
trapaceiros	preguiçosos	dissimulados	sensuais
acomodados	objetivos	democráticos	solidários
distantes	burros	sérios	preconceituosos
cultos	secos	abertos	ingênuos
Outros: _____			

10. Dos adjetivos abaixo, marque os que você acha que caracterizam o Brasil:

feio	bonito	pobre	alegre
rico	sem graça	exuberante	sério
subdesenvolvido	desenvolvido	desorganizado	triste
atraente	primitivo	moderno	
avanzado	organizado	atrasado	
Outros: _____			

11. Dos adjetivos abaixo, marque os que você acha que caracterizam a língua portuguesa:

feia	fechada	aberta	musical
agradável	lenta	incompreensível	rápida
forte	bonita	pobre	importante
suave	dura	melódica	rica
seca	doce	fácil	sensual
compreensível	difícil	sonora	culta
familiar	estranha	desagradável	
Outros: _____			

PARTE III

Formule, de forma resumida, o que mais lhe chama a atenção e a opinião que você tem sobre os seguintes temas:

Os espanhóis - _____

Os argentinos - _____

Os brasileiros - _____

O espanhol da Espanha - _____

O espanhol da Argentina - _____

O português do Brasil - _____

Questionário

PARTE I

9. Quanto tempo faz que você estuda espanhol?

10. Antes de começar a estudar, que contatos você tinha com a língua espanhola?

() viagens

() profissional

() familiar

() leitura

() cinema/televisão

11. Quando você pensa na variedade lingüística ou nos diferentes sotaques da língua espanhola, quais são as duas primeiras variantes que lhe vêm à cabeça?

12. Que países de língua espanhola você já visitou?

13. Como você resumiria em poucas palavras a impressão que esta visita lhe causou?

14. Com que falantes nativos de língua espanhola você já teve contato?

15. Como você resumiria em poucas palavras a impressão que lhe causaram?

16. Se tivesse que escolher um país para ir estudar espanhol, para onde você iria?

17. Por quê?

PARTE II

Formule, de forma resumida, o que mais lhe chama a atenção e a opinião que você tem sobre os seguintes temas. Não importa qual seja o seu contato prévio com os hispano-falantes ou com a língua, mas as imagens que lhe vêm à cabeça quando pensa em cada um dos temas:

Os espanhóis -

Os argentinos -

Os brasileiros -

O espanhol falado na Espanha -

O espanhol falado na Argentina -

O português do Brasil -

Questionário

PARTE I

18. Quanto tempo faz que você estuda espanhol?

19. Antes de começar a estudar, que contatos você tinha com a língua espanhola?

() viagens

() profissional

() familiar

() leitura

() cinema/televisão

20. Quando você pensa na variedade lingüística ou nos diferentes sotaques da língua espanhola, quais são as duas primeiras variantes que lhe vêm à cabeça?

21. Que países de língua espanhola você já visitou?

22. Como você resumiria em poucas palavras a impressão que esta visita lhe causou?

23. Com que falantes nativos de língua espanhola você já teve contato?

24. Como você resumiria em poucas palavras a impressão que lhe causaram?

25. Se tivesse que escolher um país para ir estudar espanhol, para onde você iria?

26. Por quê?

PARTE II

Formule, de forma resumida, o que mais lhe chama a atenção e a opinião que você tem sobre os seguintes temas. Não importa qual seja o seu contato prévio com os hispano-falantes ou com a língua, mas as imagens que lhe vêm à cabeça quando pensa em cada um dos temas:

Os brasileiros -

O português do Brasil -

Os argentinos -

O espanhol falado na Argentina -

Os espanhóis -

O espanhol falado na Espanha -

CURSO LIVRE (CL)

Enunciados sobre os argentinos

Básico 1	Superior 2
<ul style="list-style-type: none"> - Arrogantes. - Arrogantes. - Arrogantes. - São arrogantes. - A maioria são arrogantes. - Arrogantes, cultos. - São arrogantes e prepotentes. - São arrogantes. Estão pagando o preço agora. - Povo convencido, grosso e rude. Gosta de contar vantagem encima de todos. - Por que tanta rivalidade? 	<ul style="list-style-type: none"> - De início parecem um pouco arrogantes (talvez pela maneira que se expressam), mas depois são carinhosos e cativantes. Porém, a “língua” influi muito na aparência. - São pessoas arrogantes. - São pessoas arrogantes, antipáticas. - Parece que não se situavam na América Latina e cultuavam uma Europa que em realidade não existia e parece que hoje pagam por essa arrogância. No entanto são cultos e parecem gostar de aproveitar a vida. - Povo culto. - Não gosto, acho que é implicância, de tanto escutar as pessoas falarem mal. - Culto, apegado à sua terra, politizado, orgulhosos. - Pessoas de difícil acesso e rudes, porém, batalhadores, sabem contestar e brigar quando necessário. - Trabalhadores, vontade de vencer, metidos, briguentos, mulheres bonitas, tradição, cultos. - Grosseiros, arrogantes, antipáticos. - Convivo com uma argentina que já mora no Brasil há muito tempo e ela é uma pessoa bastante moderna, inteligente e com uma ótima visão de mundo. Existe preconceito por parte dos brasileiros contra os argentinos por sua arrogância, por acharem que são superiores ao restante da América Latina. Pelo que eu sei essa é uma postura portenha e não de toda a Argentina. - São extremamente nacionalistas. Dá a impressão que, quando se unem, conseguem atingir qualquer objetivo. Por isso, passam a imagem de arrogantes, devido à forte personalidade. - Orgulhosos, trabalhadores e nacionalistas. - Apesar de tudo são boas pessoas. - Não gosto, acho que eles são folgados, espaçosos, principalmente quando vêm visitar o Brasil. Se sentem diferentes na América do Sul, pensam que são superiores a qualquer outro país.

CURSO DE EXTENSÃO (CE)

Enunciados sobre os argentinos

Básico 1	Aperfeiçoamento
<ul style="list-style-type: none"> - São arrogantes, antipáticos, julgam ser os europeus da América do Sul. São muito preconceituosos em relação aos demais países da América do Sul. - Antipáticos e conservadores. - Povo rude, mal-humorados e desconfiados. - Arrogantes, desonestos, preconceituosos. - São educados e cultos mas são tinosos e gostam de nos enganar. - Grossos e sem graça. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não conheço a Argentina, mas respeito seu povo, pois ele sofre suas angustias mas sempre consegue levantar para se orgulhar de suas origens. - Povo culto, civilizado. - Aparentam arrogância, mas lutam para fazer da Argentina um país culto e democrático. Tentam superar a crise que estão vivendo. - Apesar de uma arrogância inicial, aqueles que se aproximam de outros povos se mostram mais modernos e mais abertos. - Muito fechados e não inspiram confiança. - Cultos, arrogantes. - Tem uma cultura em geral muito grande, comparada aos outros latino-americanos. Estão sofrendo muito com a decadência. São um povo um pouco deprimido. - Arrogantes pois durante muito tempo pertenceram ao país mais rico e desenvolvido da América do Sul. - Um povo desorientado buscando saída para a crise que poucos entendem. - Receptivos mas conservadores. Apreciam a cultura e a tradição. - Sempre acham que têm razão. São muito reservados. São de pouca brincadeira. - Têm uma boa base cultural, gostam de música e dança. Socialmente desenvolveram-se muito mais que outros países da América do Sul, mas atualmente passam por uma séria crise. - Parece-me que são bastante antipáticos. - Eu sempre vi os argentinos de modo distante, pois a sua formação foge um pouco da América Latina, principalmente quanto aos traços étnicos.

UNIVERSIDADE PARTICULAR (UP)

Enunciados sobre os argentinos**Língua Espanhola 1**

- Atualmente um povo em crise.
- Um povo não muito receptivo com os brasileiros.
- Estes parece que falam mais calmos, e é muito melhor de se entender.
- Muito esquentados (briguentos e mal educados).
- Futebol e a rivalidade com os brasileiros. Apesar desta rivalidade, percebo através dos lugares que já visitei, como Paraty, Porto Seguro, etc., que eles apreciam muito nosso país.
- O que chama atenção é o jeito de falar, parece que falam rápido demais.
- Fala muito rápido e adora arrumar uma confusão.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre os Argentinos – (questionário versão 2)

1o ano (2o semestre)	4o ano (8o semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Sem comentários. Eles se acham, mas a melhor coisa é ganhar deles no futebol. - Se assemelham aos brasileiros. - Não seguem o espanhol da Espanha. Têm uma variedade lingüística diversificada, um pouco mais “popular”. - Bom, os argentinos, como há uma arenga esportiva conosco, tem-se que eles são chatos e espaçosos, mas é apenas arengas infundadas. São personas boas e quando tentei falar em espanhol até que eles me ajudaram. - São muito frios, literalmente. Dão a impressão de serem grossos, rudes. - Penso que devem ser simpáticos, mas já ouvi dizer que não gostam de conversar com pessoas que falam outra variante espanhola. - Pessoas de “sangue-quente”, sabem o que querem e são muito esforçados, falam com “sutaque” e muito alto. - Eles são sempre nossos maiores rivais. Não gostam de perder para os brasileiros e vice-versa. Apesar disso, gosto da maneira com que eles agem, por exemplo, protestando contra algo que não acham certo para seu país. 	<ul style="list-style-type: none"> - Convencidos, odiosos no contato com o estrangeiro, mas muito amistosos entre eles. - A maioria dos meus professores falavam espanhol com sotaque argentino, mas acho que não peguei esse sotaque, pois a minha primeira professora de espanhol falava com sotaque da Espanha, que me agradou muito. - Futebol. A imagem que tenho dos argentinos são de pessoas fechadas, sérias. Muitas vezes observo no futebol que os argentinos são pessoas agressivas. - Rivalidade. Como disse uma professora: “É uma rixa que corre na veia”. - Também na variação lingüística, na maquiagem carregada das mulheres, no futebol competitivo, tango, sua grande visitação no sul do Brasil – Camburiú, por exemplo. - Tenho, infelizmente e ainda, a imagem que a cultura do futebol passa sobre os argentinos. Entretanto quando estudo e leio algo sobre esse país, como a leitura de Facundo (Sarmiento) que estou fazendo agora, acredito que é um país belíssimo, com uma cultura rica e com um povo simpático, pelo menos todos os argentinos que eu conversei confirmam essa impressão. - São convencidos, presunçosos, os donos da verdade. Pensam ser “os melhores”, uma raça superior. - Nossos “irmãos”, vizinhos e que de alguma forma são muito parecidos com nós, passam pelas mesmas dificuldades. Buenos Aires é uma cidade europeizada.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre os Argentinos – (questionário versão 3)

1º ano (2º semestre)	4º ano (8º semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Tem grande rivalidade com o Brasil. Não tenho uma imagem deles com o resto do mundo, mas com os brasileiros são muito fechados e arrogantes. - Sinceramente! Sei que vou ser preconceituosa mas é pra pôr o que me vem a cabeça primeiro, né? Antipáticos, preconceituosos, esnobes. Embora eu ache o país lindo. - São parecidos com os brasileiros, pois sofrem por viver em um país corrompido pela pobreza e escassez de recursos no país, mas que lutam diariamente para sobreviver. - Pessoas que pronunciam o “ll” com som de “j”. - São gentis e como os brasileiros se esforçam para falar o português para se comunicarem em português. Essa coisa que argentino é grosso é por causa do futebol. Nós às vezes ficamos em um empasse quero falar com eles em espanhol e eles querem falar português comigo. - Tenho a impressão de que sejam calorosos, falantes (comunicativos). - Não tenho muito conhecimento sobre o povo argentino, mas penso que são um pouco menos abertos a outras culturas. - Gente boníssima, com uma cultura muito rica e com um sotaque muito precioso (mais fácil). 	<ul style="list-style-type: none"> - A primeira coisa que me vem à cabeça é a rivalidade com os brasileiros no futebol. - Povo muito comunicativo e às vezes arrogantes. Jogo de futebol Brasil x Argentina. - Espanhol, futebol, casa rosa, música. - Tive pouco contato, mas todos muito “felizes”. Foram muito “pacientes” comigo. - Penso na época de crise na Argentina. Penso no Fórum Social Mundial, pois tinha muitos argentinos, os quais tive contato. - Fechados, apesar de ter conhecido alguns bem extrovertidos. Parecem não gostar muito de brasileiros. - Um pouco duro, um povo muito autoritário, mas com um nível de organização fantástico e de mobilização fora de série. - Sensuais e pessoais.

CURSO LIVRE (CL)

Enunciados sobre o espanhol falado na Argentina

Básico 1	Superior 2
<ul style="list-style-type: none"> - Cantado e antipático. - Diferente. - Muito duro, um pouco enrolado. - Interessante. - Adaptado a novas circunstâncias, sofreu influência de outras línguas. - É rápido mas depois de um tempo é fácil de entender. - Feio. - É semelhante a todos os outros, muito rápido e bonito de se ouvir. - Muita diferença do espanhol dos outros países latino-americanos e da Espanha. - Derivado da Espanha com muitas particularidades. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais difícil que o espanhol da Espanha, mais incompreensível e não tão bonito. Parece mais rude. - Sons um pouco diferentes, um pouco "cantado". - Sempre tive professores argentinos e ademais, temos muito contato com nossos vizinhos. Por isso, estou acostumada a ouvi-los. O espanhol da Argentina também tem um acento característico, forte. - Péssimo, horrível, incompreensível. Cheio de gírias e manias locais. Não dá p/ entender. - Sonoridade estranha depois que se aprende o espanhol da Espanha, algumas críticas pouco construtivas em relação a sua língua nativa (espanhol da Espanha). - Seco, estridente. - Também possui as suas [peculiaridades]. - É arrogante, prepotente, imponente, forte. Não gosto pois parece que a pessoa está sempre querendo se impor ou é mal educada. - Tive pouco contato com argentinos, porém não me foram nada simpáticos e a língua pouco atraente. - Não tão encantador como o da Espanha, me parece um pouco mais seco, porém ainda assim sonoro e sensual. - Forma de ser pronunciada. - A pronúncia de algumas palavras não me agrada. - Não gosto! - Horrível, forçado, pesado. - Muito rápido, fechado.

CURSO DE EXTENSÃO (CE)

Enunciados sobre o espanhol falado na Argentina

Básico 1	Aperfeiçoamento
<ul style="list-style-type: none"> - Acomodados, difíceis. - É muito rápido e enrolado. - Fácil de entender. - Não é muito bonito. - Arrogante e seco - É agradável aos ouvidos e fácil de ser entendido por qualquer brasileiro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os argentinos falam mais rápido, mas não foge de suas origens. - Gosto muito do “sotaque” argentino. - É compreensível, rápido e muito bonito. - Muito sensual e sedutor. - Tenho mais dificuldade para entender, mas é muito culto. - Eu não achei tão difícil de compreender quando estive lá. Só pedia pra eles falarem mais devagar e dava para entender. - Foram como imigrantes e transmitiram muito sua cultura aos argentinos e já se adaptaram. - Meio empolado. O da Espanha é mais “limpo”. - Agradável, melódico, rápido. - Cheio de ‘ch’ ‘ch’ ‘ch’ (nos sons de /ll/ /y/). - Tem uma dupla cultura européia e americana, além da influência dos nativos. Creio que foi uma boa mistura. - Não gosto. - A compreensão deste espanhol me parece mais fácil e ao mesmo tempo me causa um estranhamento o uso do vos e a pronúncia “ll” <i>lleísta rechilada</i>, principalmente.

UNIVERSIDADE PARTICULAR (UP)

Enunciados sobre o espanhol falado na Argentina**Língua Espanhola 1**

- A partir do original mas com características próprias.
- Acredito que haja alguma mistura de outras línguas e por isso seja um pouco diferente do espanhol falado na Espanha.
- O espanhol falado na Argentina está mais próximo da nossa realidade.
- Falado agressivamente.
- Parece-me uma coisa menos formal. Talvez por associá-lo sempre ao futebol.
- Não tenho nenhum contato.
- Acho que também sofre variações na pronúncia e oralidade.
- Um espanhol mais acelerado não tão tradicional.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre o espanhol falado na Argentina – (questionário versão 2)

1º ano (2º semestre)	4º ano (8º semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Outra variação lingüística (As aulas de lingüística ajudaram bastante, em outro tempo diria que é inferior!!!). - Possui grandes variações, é o espanhol com o qual eu mais tenho contato. - Um pouco mais “popular” como havia dito. - Em comparação com o da Espanha, confesso que fico confuso. - É muito diferente do espanhol falado na Espanha. Mesmo a Argentina estando situada na América Latina, ainda assim, o seu espanhol é diferente em relação aos outros países do mesmo continente. - Penso que apesar de ser uma variante do espanhol da Espanha, parece ser uma língua totalmente diferente e como eu disse acima, mais próxima da nossa. - Diferente marcado por pronúncias diferentes... Porém, creio que pelo maior contato, é mais compreensível. - Não sei muito como eles falam lá, mas parece ser um espanhol diferente do falado na Espanha. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sons mais abertos, tom mais alto, maior gesticulação com as mãos, mais interferências de extranjeirismos - É agora o espanhol que eu mais tenho contato, pois convivo com hispano-falantes de Argentina, Colômbia e é divertido ver/conhecer as diferenças do espanhol. - É diferente do falado na Espanha. Me agrada o espanhol da Espanha. Acho mais fácil e gostoso falar com o sotaque espanhol. - Gostoso pra falar. - Mais ouvido por aqui, pelo fato da situação geográfica e pelos contatos, creio. Mais fácil de ser assimilado. Utilizam muitas gírias. - Vou comentar esse tema e o seguinte (se refere ao espanhol falado na Espanha e na Argentina) da mesma maneira: por Ter ficado três anos sem estudar espanhol e não Ter me dedicado de forma suficiente nos outros anos, tenho dificuldade em perceber a diferença das variedades. Além disso tenho uma deficiência de distinguir sons, creio que tenho um ouvido pouco apurado. Devido a isso tudo não tenho muitos argumentos para comentar esses dois temas. - Um espanhol que tem a sua diversidade decorrente da sua cultura e colonização, porém menos valorizado que o espanhol da Espanha. - Um espanhol que “caracteriza” os argentinos e que tem um sotaque muito bonito, que aprendi a valorizar.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre o espanhol falado na Argentina – (questionário versão 3)

1º ano (2º semestre)	4º ano (8º semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Uma variante do espanhol da Espanha mais fácil (pronúncia) e com mais gírias - É muito bonito. Gosto do sotaque como a pronúncia do “ll”. - Não tenho muito contato. Não tenho uma opinião desta assunto. - É uma variação lingüística que é mais difícil de ser compreendida, justamente porque é falado com muita rapidez pelos seus falantes. - Um espanhol rápido, cujas variantes são ricas e interessantes. - É um espanhol que soa bem e me agrada e quando assisti algumas aulas de português para estrangeiros falantes de língua espanhola, percebi que a variante do argentino era bem diferente da dos cubanos, chilenos, que em geral tinham as mesmas palavras e pronúncias. - Tenho a impressão de que seja um espanhol mais livre, porém não tenho base teórica para confirmar isso. É apenas uma impressão de leiga. - É distinto do espanhol da Espanha porque possui outras variantes e influências. 	<ul style="list-style-type: none"> - É o sotaque com o qual mais me identificado. - Não gosto muito, acho o sotaque feio e os argentinos falam muito rápido. Acho que seja um pouco de preconceito com relação à língua. - Diferente do falado na Espanha, no entanto, mais acessível devido a proximidade geográfica. - Aprecio bastante. - O único contato que tenho com a língua espanhola falada na Argentina foi com minha professora de espanhol, Valéria. Gosto muito dela. - Eu acho bonito mas é falado com muita rapidez e o fato de (ll) ser pronunciado como (j) torna mais difícil a compreensão no começo, ao contrário do espanhol da Espanha onde (ll) se assemelha com (lh). - Um espanhol um pouco mais tranquilo, mais cadenciado, e muito organizado no seu sistema de ensino desde o nível básico até o nível universitário. - Variante carregada de particularidades (sotaques, voseo...) que parecem torná-la complexa para o estudante.

CURSO LIVRE (CL)

Enunciados sobre os espanhóis

Básico 1	Superior 2
<ul style="list-style-type: none"> - Povo culto, receptivo e bastante atencioso. - Não os conheço. - Duros mas cordiais. - Tive pouco contato com os espanhóis. - O orgulho de serem espanhóis, isso é o que mais chama atenção. Creio que gostam muito das suas tradições. - A beleza e a cultura me encantam. - Atraentes, cultos, alegres, acolhedores. - Cultos. - Pessoas simpáticas, cordiais, mas rudes. - A facilidade na mudança de humor e de atitude. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cultos, dão muito valor aos hábitos e costumes, alegres respeitam as tradições e a família, vaidosos e democráticos. - Uma das coisas que mais me chama a atenção é a nacionalização que os espanhóis possuem para palavras estrangeiras, estes traduzem as palavras independente da sonoridade da palavra. - Vivem num país lindo, “colorido” (sempre lembro do Gaudi). São comunicativos, mas diretos e objetivos e por isso podem parecer rudes. Mas no fundo não são grosseiros por mal, é o jeito deles. - São extremamente orgulhosos, tradicionalistas, amantes de sua terra. Imagino que são diretos (às vezes em excesso), alegres, sinceros e festeiros. - Povo culto, com bagagem cultural, que busca o melhor equilíbrio entre o seu passado e a nova situação política-econômica do mercado europeu. - Conheci poucos espanhóis, mais na viagem que fiz recentemente, mas pelo que eu pude perceber são alegres e festeiros, valorizam a família e “estar junto” —talvez por isso te deixem à vontade e despertem a vontade de voltar à Espanha mais vezes. - Minha opinião vai além dos estereótipos clássicos, dada a complexa bagagem cultural destes povos. - São alegres, cultos, elegantes, falam muito rápido, são sensuais. - Trabalhadores, sérios, ressentidos, nervosos, alegres. - Estão muitos anos a frente de nós brasileiros pelo fato de terem maior poder aquisitivo e existirem a mais anos. - Povo culto. - A forma de se expressar. - Povo hospitaleiro que tem orgulho de sua história e de seu país e procura cultivar esse orgulho. As vezes conservadores no aspecto familiar mas em outras áreas procurando sempre a modernidade.

	<ul style="list-style-type: none">- São conservadores e autoritários porém honestos e trabalhadores. Trabalham para viver.- São pessoas francas, trabalhadores e muitos são conservadores.- Acho que são um pouco duros algumas vezes, porém na sua maioria são alegres, afetuosos.
--	---

CURSO DE EXTENSÃO (CE)

Enunciados sobre os espanhóis

Básico 1	Aperfeiçoamento
<ul style="list-style-type: none"> - São um povo ruidoso, vaidoso e um tanto impertinente. Às vezes são impacientes com os estrangeiros mas, sobretudo, são orgulhosos de seu país. Os homens são machistas segundo minha experiência pessoal. - Alegres, corteses. - Povo agradável, único, não são dissimulados. - São cavalheiros, guerreiros, machões. - São viris, másculos. São matriarcais e familiares. São muito católicos e religiosos. - Alegres e corteses. - São muito machistas e trabalhadores. São bravos e românticos. - Teimosos, bravos. Tino comercial. 	<ul style="list-style-type: none"> - São pessoas autoritárias, falam muito alto e são briguentos. - Tem uma boa base cultural, são alegres, sua dança é vibrante e alegre. Dão valor para a família e para a religião. - São um pouco arrogantes. Acham que só o espanhol falado na Espanha é o certo. - Os homens espanhóis parecem mais rudes e menos cordiais que as mulheres. Apreciam a cultura. - Culturalmente um povo com uma tradição e uma diversidade tão distintas quanto milenares. - São tradicionais, vivem muito de acordo com sua cultura, preconceituosos, cheios de ditados, briguentos. - Não conheço muito bem os espanhóis. Dizem que às vezes são grosseiros com os estrangeiros. Tenho a impressão de que são bastante objetivos e francos. - O espírito forte, batalhador. - Conservadores, cultos, simpáticos. - O que se nota de “mouro” ainda na cultura lhe dá uma graça e um mistério. - São pessoas alegres, trabalhadoras, conservam suas tradições ao mesmo tempo são cultas e modernas. - Povo dono de uma rica cultura. - São os espanhóis um povo que tem uma história grandiosa, nas Américas. É um povo leal, acolhedor, alegre e muito orgulhosos de suas tradições. É um povo hoje muito culto. - Os espanhóis passaram por sucessivas crises econômicas e políticas durante toda sua história. Eles são muito heterogêneos, como qualquer povo, porém me parece interessante o fato de os espanhóis também serem cidadãos de “outros países” como o Vasco, Cataluña e Galicia.

UNIVERSIDADE PARTICULAR (UP)

Enunciados sobre os espanhóis**Língua Espanhola 1**

- Um povo rico culturalmente.
- Um povo inteligente.
- Pessoas que falam “cantado”. Eles têm a pronúncia na letra “s” muito forte.
- Muito esquentados (briguentos e mal educados) e bons de lábia (namoradores)
- O cinema, sua cultura, seus pontos turísticos e, principalmente, a história do país. Além da comida.
- Não tenho contato nenhum mas no cinema me chama atenção a forma de falar, acho bonito o jeito até de se expressar.
- As danças típicas, roupas.
- Um povo muito sério e cheio de histórias do passado, em guerras.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre os espanhóis– (questionário versão 2)

1º ano (2º semestre)	4º ano (8º semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Um povo tradicional, diria até preconceituoso, por ser a Espanha o país mais católico do mundo. - Pessoas com uma cultura muito rica, bem desenvolvidos. - Têm uma cultura mais rica e uma variedade lingüística mais requintada. - Nunca tive contato com espanhóis. - São bastante sérios, formais. Falam um espanhol mais formal em relação aos latino-americanos. - A primeira coisa que me vem à cabeça é que os espanhóis são um povo muito fechado e que não gostam de muito contato com outras nações. - Pessoas interessantes, disciplinadas, sabem e exercem corretamente sua cidadania, se expressam muito bem. - O que penso primeiramente é a cultura relacionada à tourada. Penso também nas belas cidades espanholas. Outra coisa que me chama a atenção são as belas moças espanholas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sérios, discretos, típicos europeus. - Povo comunicativo, de fala muito rápida. - Cultura, dança, comidas típicas, roupas típicas. Os espanhóis parecem pessoas alegres, simpáticas. - A pureza da linguagem, do idioma espanhol, não gosto muito da pronúncia das pessoas que vivem em Madri “cecear”, mas todo o resto fica mais fácil de entender. - Penso em sua variação lingüística, na maneira de se vestirem, na culinária, <i>paella</i>, tourada, <i>flamenco</i>. - Penso em um povo forte, com tradições fortes e com uma história cheia de encantos. - Creio se tratar de um povo sério, conservador e nacionalista. - Europa, um mundo desenvolvido diferente do que conhecemos.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre os espanhóis– (questionário versão 3)

1º ano (2º semestre)	4º ano (8º semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Imagino um povo muito culto, trabalhador, com uma boa qualidade de vida. - Muito parecido com os brasileiros. - Parecem ser amáveis, receptivos, não tanto quanto os brasileiros. Mesmo com todo aquele problema do terrorismo, parecem ser um bom povo. - São muito elegantes e cultos, mas ao mesmo tempo nervosos e encenqueiros. - Pessoas que gostam de preservar o “espanhol da Espanha”, não se submetendo a outras variantes. - É um povo muito estudioso, eles gostam muito e têm orgulho de sua língua e gostam bastante dos brasileiros mas não gostam muito do portunhol, pois como disse têm orgulho do espanhol e não gostam dessa mistura que “denigrem” (o que eles disseram) a língua. - Tenho uma impressão de que são bastante conservadores, porém nunca tive um contato muito próximo com nenhum espanhol. - Têm alguns costumes diferentes de nós americanos, sobretudo quanto aos seus horários. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não tenho muito conhecimento para formar uma opinião sobre eles. - Não tenho opinião formada sobre eles, então não posso dizer nada. - Espanhol, Salamanca, Barcelona, museus, <i>paella</i>, cultura, arquitetura, país extenso. - Também acho que são muito simpáticos e prestativos. - Lembro de capitalismo. Penso na opressão que a Espanha e os outros países ricos sobre nós – nos brasileiros, nos argentinos, nos chilenos, ou seja, nos povos que eu gosto. - Povo sofrido, fechado... - Uma cultura magnífica, um povo autoritário e depois de conhecer a história da Espanha, ainda não sei como mantém uma unidade nacional, pois com culturas tão diferentes, independentes e tão unidas. - Como os argentinos, parecem-me sensuais e pessoais, porém mais “fechados” aos estrangeiros.

CURSO LIVRE (CL)

Enunciados sobre o espanhol falado na Espanha

Básico 1	Superior 2
<ul style="list-style-type: none"> - Complicado, pois os acentos fonéticos variam muito nas distintas regiões. - Lindo. - Lindo. - Bonito, mais suave. - Original, firme, correto. - Alegre e fácil de entender. - Familiar. - Não conheço. - Como o inglês da Inglaterra. - Uma língua correta e culta. Mais universal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Me parece culto, me soa muito bem. É claro, suave, melódico. É gostoso ouvir e isso influi na aparência das pessoas. - O espanhol é falado de forma objetiva, faz muito o uso do imperativo. - É objetivo, faz muito uso do imperativo. - Sonoro e sensual, é uma delícia ouvir as diferenças de língua em cada região. Uma língua encantadora. - Forma de ser pronunciada. - É lindo de ser ouvido, a pronúncia é agradável. - Acho legal, é uma língua fácil para nós brasileiros, temos que apoiar a sua difusão no globo. - Torre de Babel, se fala diferentes dialetos no mesmo país, alguns incompreensíveis. O espanhol do sul é o que mais me agrada. - O espanhol da Espanha é muito bonito, sonoro, muito rico. - A pronúncia é mais agradável que o espanhol da Argentina. - Gostoso de se ouvir, as pessoas falam espanhol com sotaque diferente e interessante. - Compreensível, que tem influência de outras línguas espanholas (Vasco, catalão) que o torna mais interessante. - O acento é característico. Falam rápido demais. A mim me parece que a fala das mulheres é mais delicada que a dos homens. - Claro, aberto, muito compreensível. É o espanhol que quero falar depois que tiver concluído o curso. É o espanhol perfeito, na minha opinião. 2ª língua a ser estudada para quem quer utiliza-la no trabalho/negócios. - Rico, muito bem falado e direto. - Rápido, forte e muito diferente de uma região para outra. - Possui peculiaridades.

CURSO DE EXTENSÃO (CE)

Enunciados sobre o espanhol falado na Espanha

Básico 1	Aperfeiçoamento
<ul style="list-style-type: none"> - Compreensíveis e simpáticos. - É sonoro e agradável. - “<i>Calientes</i>” e sensual. - Muito bonito, bem falado, faz bem ouvir. - Cortês, simpáticos. - Achei uma língua muito bonita e às vezes sensual na pronúncia de certas palavras como <u>corazón</u>. 	<ul style="list-style-type: none"> - Se diferencia um pouco do americano, sobretudo pelo seseo, uso de <i>vosotros</i>. No entanto é evidente que o espanhol do sul está mais próximo do americano. - Gosto muito do espanhol da Espanha. Ele é sonoro e é bem compreendido. - Quando falado nos noticiários é fácil de entender, mas falado informalmente, pelo povo, é difícil e rápido. - Conservam suas tradições, são agradáveis, é culto e sensual. - Algo pomposo e muito rápido. - Bonito, sonoro - Agrada-me muito, acho forte, mas também melodioso. - Parece mais difícil que o falado na América Latina. - Admiro muito a tradição e o orgulho que têm por tudo que faz parte da sua cultura, que é muito rica. - Sonoro, bonito em Madrid e arredores. Muito rápido no sul. Grandes diferenças regionais, como no Brasil. - Agradável. - Claro, fácil, compreensível. - Idem aos espanhóis. - É muito lindo.

UNIVERSIDADE PARTICULAR (UP)

Enunciados sobre o espanhol falado na Espanha**Língua Espanhola 1**

- As diferentes regiões têm diferentes dialetos, porém a língua espanhola se originou na Espanha, e todas as referências culturais que tenho vêm desse povo.
- Um espanhol clássico e calmo.
- É a melhor forma, já que é o país de origem.
- Não tenho nenhum contato.
- Nunca tive contato com a língua espanhola, além do já citado. No cinema, nos é passada uma sensualidade elevada através de alguns filmes (Antonio Banderas), etc.
- Falado muito rapidamente, quando você percebe uma palavra ele já está 5 palavras adiante.
- Na minha opinião é mais difícil de entender porque há palavras com significado diferente.
- Acredito ser o original.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre o espanhol falado na Espanha – (questionário versão 2)

1º ano (2º semestre)	4º ano (8º semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Uma variante lingüística, pois dentro da Espanha existe variações do espanhol. - É um espanhol legal. É o que eu gostaria de estudar e obter o sotaque. Gostaria de ter mais contato com ele. - Mais requintado, ou talvez simplesmente diferente dos outros. Visto como modelo do espanhol. - Não sei porque nunca tive contato com o espanhol da Espanha, mas já assisti a alguns filmes espanhóis e pude perceber que o acento é bem diferente. - É um espanhol mais formal, em relação ao espanhol da América Latina. - Penso que é totalmente diferente do espanhol falado nos países hispano-americanos. Parece que é uma língua mais distante do que a língua falada pelos povos dos países vizinhos. - Bonito, porém diferente e menos caloroso que o espanhol de países vizinhos como México, Peru, Venezuela. - Acho estranho porque tem a pronúncia do “c” e do “z” falado de uma maneira que não se fala no português. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sons mais fechados, tom mais baixo, vocabulário mais arcaico, maior orgulho pela língua. - Foi o primeiro contato que eu tive da língua espanhola, antes quando eu escutava o espanhol da Argentina, por exemplo, achava que estava errado, que o certo era o da Espanha. - Me agrada o sotaque, a semelhança com a língua portuguesa falada no Brasil. As músicas espanholas também me agradam muito. - Belo, gostoso de ouvir. - Como já disse, me dá a impressão de ser o mais “correto”, mesmo sabendo que é bem complexo essa definição. Acho que pelo motivo de se dar origem em Castilla, na Espanha. Também acho que o sotaque soa melhor. - Vou comentar esse tema e o seguinte (se refere ao espanhol falado na Espanha e na Argentina) da mesma maneira: por Ter ficado três anos sem estudar espanhol e não Ter me dedicado de forma suficiente nos outros anos, tenho dificuldade em perceber a diferença das variedades. Além disso tenho uma deficiência de distinguir sons, creio que tenho um ouvido pouco apurado. Devido a isso tudo não tenho muitos argumentos para comentar esses dois temas. - Por muitas pessoas é considerado a variedade dita “correta”, porém suas características não o faz ser melhor que outros país que utilizam da mesma língua. - Um espanhol que todos querem falar, um espanhol que é valorizado, por ser falado na Europa.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre o espanhol falado na Espanha – (questionário versão 3)

1º ano (2º semestre)	4º ano (8º semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Algo mais conservador, assim como o português de Portugal. Com uma pronúncia mais difícil, porém muito bonita. - O sotaque não me parece tão bonito, mas tenho a impressão que é mais formal, como o inglês britânico se comparado ao americano. - Não sei diferenciar muito bem, então idem à questão sobre o espanhol da Argentina. - Variação lingüística mais elegante em relação às outras. Não considero um preconceito, pois poderia conviver com outras variações tranquilamente. - O espanhol que mais tenho contato e o que gostaria de estudar mais profundamente. Não que as outras variantes não sejam importantes, mas acho o “espanhol da Espanha” o mais bonito. - Acho o mais bonito, o uso do “z”, do “vos” é bem legal. Eles falam muito rápido, até mais que os argentinos, acho difícil compreendê-los, mas é a variante que mais gosto. - Tenho a impressão que seja um espanhol meio conservador também devido à imagem que tenho do país. - Para mim é um pouco mais difícil de compreender. 	<ul style="list-style-type: none"> - Para mim, parece um pouco mais fácil de entender por causa da não aspiração dos “s” e outros traços, mas me identifiquei mais com o espanhol latino porque escuto música com essa variedade da língua há muito tempo. - Acho mais bonito que o espanhol falado na Argentina! - Diferente, mais ameno, mais sonoro. - Prefiro o espanhol falado na Argentina, porém o espanhol da Espanha parece um pouco mais fácil de compreender. - Eles falam muito rápido e tenho certo receio de falar em espanhol da Espanha por causa do contexto político que citei na questão anterior: “os espanhóis”. - É mais fácil de se compreender que o da Argentina. - Um espanhol muito diversificado, com várias variantes diferentes. - Sua sonoridade me agrada mais que a variante americana. Parece ser uma língua propícia para a poesia, e para o discurso inflamado dos políticos, idealistas, etc.

CURSO LIVRE (CL)

Enunciados sobre os brasileiros

Básico 1	Superior 2
<ul style="list-style-type: none"> - Povo amável, receptivo e sofrido. No geral os brasileiros são muito calorosos. - São acolhedores. - alegres e trabalhadores - Povo alegre e vibrante, pacífico. - Adaptável. O brasileiro consegue viver sob quaisquer circunstâncias. - Amáveis, hospitaleiros e agradáveis. - Simpáticos, doces - Melhores anfitriões. - Submissos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Alegres, solidários, espontâneos. - Alegres, porém, acomodados. Sempre que há uma regra existe aquele “jeitinho” para burlar esta regra. Pessoas carismáticas e familiares. - São receptivos, gostam de mostrar as belezas naturais, a música e cultura para outras pessoas do mundo. São muito batalhadores e esperançosos. - Mostram bondade, força de vontade e solidariedade, mas ao mesmo tempo querem levar vantagem em tudo, são individualistas e preguiçosos (=acomodados). É um povo contraditório. São pouco unidos. - Alegres, criativos, que sabem receber as pessoas. - Somos alegres, criativos, mas um tanto submissos o que dificulta muito o desenvolvimento do país em alguns aspectos. Aparentemente temos a mente aberta e somos muito tolerantes com as diferenças, mas isso é aparência, a maioria dos brasileiros é bastante conservadora. - Infelizmente fixamos um estereótipo que não condiz com nossa realidade de trabalho duro. - Alegres, batalhadores, bonitos. - Hospitaleiros, alegres, humildes, submissos, pobres, mistura de raças. - São boas pessoas, porém a má distribuição de renda torna as pessoas muito diferentes do que poderiam ser. - Povo que não sabe conservar seu patrimônio e que tem pouca cultura. - A ignorância dos brasileiros e desorganizados - Pecam por sua passividade geral. Um povo simpático, criativo, bem humorado e que parece nunca desistir mesmo que os governantes façam tudo para querer acabar com essa brasilidade. - São alegres, criativos, gostam de festas, músicas

	<ul style="list-style-type: none">- São pessoas que trabalham para sobreviver e mesmo com todas as dificuldades, ainda conseguem ser alegres e criativos.- São afetivos, brincalhões, hospitaleiros. Muitas vezes preguiçosos, mas cheios de criatividade e boa vontade.
--	---

CURSO DE EXTENSÃO (CE)

Enunciados sobre os brasileiros

Básico 1	Aperfeiçoamento
<ul style="list-style-type: none"> - São abertos às mais variadas influências, sendo, às vezes, até ingênuos e deixando-se levar por idéias e modismos. São alegres e, às vezes, uma copa do mundo ou o carnaval fazem com que fiquem alheios aos problemas que assolam o país. - Alegres, gentis. - Oportunistas. - Malandros e oportunistas. - Eles têm a auto-estima baixa. Achem que não têm valor. Valorizam muito o estrangeiro. Sempre dão um jeitinho para conseguir o que quer. - Língua rica e criativa. 	<ul style="list-style-type: none"> - É um povo bastante sofrido e carente de governos adequados. - Um povo bom, alegre, criativo que foi e ainda está sendo espoliado politicamente e por isso tentando desenvolver-se a custa de muita luta. - Receptivos. Solidários. Falam alto. São musicais. Sensíveis e sensuais. - Alegres, são pacíficos com um grau de tolerância. - Um povo que aprende muito lentamente a usufruir os seus direitos. Uma grande maioria excluída e uma grande minoria que toma partido e se prevalece com essa exclusão. - A maioria ignorante e por causa dos políticos que dizem que o povo tem direito a tudo, ficam parados a espera de que o governo lhes dê tudo que precisam, preguiçosos, acomodados. - São um povo em formação. Não se pode falar de brasileiros de forma geral. Há uma diferença enorme entre as várias regiões e classes sociais. - Muito cordiais, amáveis. - Afáveis, alegres, desorganizados - Acolhedor e simpático, solícito e sensual. Familiar e despojado. - São pessoas alegres, trabalhadoras que precisam de mais oportunidade, como o estudo, para progredir na vida. - Apesar das desigualdades também são donos de uma cultura rica e diversificada. - Os brasileiros é um povo que habita um território muito grande, mas em cada região há uma riqueza de progresso e também de pobreza. - É um povo muito variado.

UNIVERSIDADE PARTICULAR (UP)

Enunciados sobre os brasileiros**Língua Espanhola 1**

- Um povo miscigenado culturalmente e de etnias.
- A força de vontade e a maneira que consegue driblar as dificuldades.
- Apesar de estar passando por muitas crises como: violência, educação precária, má distribuição de renda etc., o Brasil é um país de paz se comparado aos outros países que sempre estão em guerra. Aqui pelo menos as pessoas se mobilizam diante das dificuldades e tentam ajudar uns aos outros.
- Apesar da falta de cultura dos brasileiros acho cativantes e comunicativos independentes das regiões pois cada um tem o seu dialeto.
- Não possuem muita idéia ou opinião formada a respeito da língua espanhola. Para a maioria (quase totalidade), os espanhóis são iguais aos argentinos, que são iguais aos mexicanos, etc.
- Soa engraçado, como se fosse um portunhol.
- Há muitas diferenças na maneira de falar no Brasil, cariocas, paulistas, baianos, todos falam português mas com um sotaque diferente.
- Um povo alegre e receptivo.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre os brasileiros – (questionário versão 2)

1º ano (2º semestre)	4º ano (8º semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Um povo feliz, que sempre dá um jeito pra tudo, apesar de tudo, apesar de ainda sermos “colônia”. - Todos os tipos e raças do mundo reunidos em um só país. Os brasileiros são dedicados ao que fazem de melhor e um pouco desinteressados por problemas muito sérios. - O povo brasileiro é formado por diferentes etnias, culturas. É uma grande miscelânea. Tem sotaques, e dialetos a bem diferentes. Se difere do resto da América Latina devido à sua língua (português ao invés do espanhol – maioria) - Normal, mas quando fala de bater-papo em espanhol, sinto que gera uma competição besta, não sei. - Um povo muito carismático, acolhedor. Porém muito conformados, acomodados. Mas têm força de vontade, são bastante otimistas. - É difícil falar dos brasileiros, porque em geral, são muito diferentes. Alguns são trabalhadores, outros acomodados, outros esforçados, mas todos extremamente sonhadores e esperançosos. - Povo alegre que deveria exercer mais sua cidadania, exigir mais seus direitos. - A primeira coisa que penso é o futebol. Os brasileiros também gostam de carnaval e cerveja. É um povo muito alegre e hospitaleiro, apesar do sofrimento, da pobreza e da miséria. 	<ul style="list-style-type: none"> - Alegres, infantilizados, trabalhadores e deslumbrados com o estrangeiro. - Não acho que um brasileiro, sem estudar a língua espanhola, consiga aprendê-la só de ouvir, pois apesar de “parecidas” não são iguais. - Festa, praia, futebol. Pobreza, fome, miséria, desemprego. São opostos que convivem diariamente. - O povo tonto, que acolhe os estrangeiros, lhes dá trabalho, mas quando um brasileiro chega lá fora, não encontra a mesma recepção. - Samba, pagode, variedade lingüística das regiões, sol, calor, praia, feijoada, futebol, favelas... - Um povo maravilhoso, com uma cultura grandiosa e rica, porém um povo com uma auto-estima baixa. - São carismáticos, um pouco preguiçosos, e adoram uma festa. Conhecidos por ser os melhores do futebol. - Não só “samba” e “futebol” mas um povo carismático, trabalhador e solidário por saber todas as dificuldades que passamos.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre os brasileiros – (questionário versão 3)

1º ano (2º semestre)	4º ano (8º semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Pessoas que adoram estrangeiros e que fazem de tudo para que estes se sintam bem no Brasil. - Amigáveis, sempre prontos a ajudar e muito interessados em outros costumes. Não é um povo fechado. - Pessoas que não valorizam muito a cultura (não todos) porém um povo de índole pacífica (infelizmente não todo) e um pouco submisso e acolhedor. - Sempre que penso em brasileiros, penso no seus “jeitinhos” de conseguir as coisas. Povo batalhador que não desiste fácil dos seus objetivos. - Desejo em ser falante de várias línguas, como inglês, espanhol, francês, por causa de necessidades do mercado. - Alegres, brincalhões e esforçam-se para aprender outras línguas para falar com os outros falantes suas línguas (francês, italiano, espanhol, inglês). De certa forma o brasileiro não dá muito valor à sua língua se comparada com outras. - O povo bastante diversificado em todos os seus aspectos: lingüístico, cultural e religiosos. - São receptivos aos estrangeiros e à sua cultura. 	<ul style="list-style-type: none"> - Miscigenação, multi-racial, políglotas na sua própria língua. - Acho que os brasileiros são pessoas ignorantes em muitos aspectos, mas com um grande potencial de crescimento futuro. - Língua Portuguesa, Macunaíma, folclore como o Maracatu, carnaval, músicas variadas de todos os ritmos, miséria, corrupção e idealismo. - Possuem uma certa dificuldade para aprender a língua espanhola, ou melhor, o espanhol, pois é muito parecido com o português. - Penso no povo oprimido e em sua emancipação. Penso principalmente que quero ser professor deste povo também. Um dia queria sair do Brasil para dar aula de português na África e no Timor Leste. - Miscigenação, várias culturas num mesmo país, povo festeiro, livre de tragédias ambientais. - Boas pessoas, mas um pouco desorganizados e com um coração imenso, acima de qualquer coisa. - Extrovertidos e amigáveis.

CURSO LIVRE (CL)

Enunciados sobre o português falado no Brasil

Básico 1	Superior 2
<ul style="list-style-type: none"> - Muito mal falado pela população. - Lindíssimo. - Melódico, dizem. - Muito criativo. - Também influenciado por outras línguas. Em função disto se tornou mais belo, sonoro e criativo. Novas palavras e com mais palavras que o de Portugal. - É muito rico e cheio de diferenças dependendo da região do país. - Suave. - Muito difícil para aprender, não é tão rápido quanto o espanhol e é bonito de se ouvir. - Língua difícil com muitas regras e particularidades. - Uma língua riquíssima, porém difícil no seu aprendizado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Interessante, mais descontraído que o de Portugal —apesar do de Portugal ser muito bom de se ouvir (e dá vontade de aprender). - Atraente, rico, tem influência dos “regionalismos” do país. - Em termos de expressões idiomáticas, é tão rico como o espanhol. É menos melódico e mais “duro” que o espanhol. Geralmente não falamos tão rápido como os falantes de espanhol. Parece-me que os sotaques brasileiros são mais variados, devido à imensidão do país. - Claro, forte, fácil de compreender. mas com muitas diferenças regionais. - Língua de difícil entendimento quando não se conhece, adjetivos e conjugações verbais difíceis para uma pessoa estrangeira compreender, porém, o que mais chama a atenção é que mesmo que um estrangeiro não sabe falar português este tenta procurar diversas formas de aprender pois gostam muito desta língua e suas expressões. - Sonoro, melodioso, claro - Infelizmente, quem deveria preservar a forma culta da língua, não o faz, abusando de anglicismos e espanholismos. - Língua fácil, cheia de gírias e palavras abreviadas. Gostoso de falar e ouvir. - O povo conhece muito pouco de sua própria língua. Ela é bonita e rica. - A linguagem do povo torna a língua pobre, porém ela é bonita e sonora. - Uma língua sonora, cheia de diferenças porém minha língua materna é como tal a melhor. - Pouca importância as pessoas dão para o português do Brasil. - É mais bonito que o de Portugal. - Não gosto também porém é a língua que temos que falar, gostaria que o mundo tivesse um único idioma. - Muito mais bonito e rico que o português de Portugal, suave, musical. - Sonoro, difícil, rico, compreensível.

	- Mais bonito do que o de Portugal quanto à pronúncia. Não deveríamos usar tantas gírias como fazemos.
--	--

CURSO DE EXTENSÃO (CE)

Enunciados sobre o português falado no Brasil

Básico 1	Aperfeiçoamento
<ul style="list-style-type: none"> - Os portugueses são muito esforçados pelo trabalho e interesseiros pelo dinheiro e muito alegres e falantes. - É já enormemente diferente do português de Portugal. Apresenta diversas variações dialetais, devido à sua enorme extensão territorial, sem com isso desfazer sua unidade lingüística. Esbanja um vocabulário rico, acrescido de gramática bastante exigente. - É a língua de maior criatividade, precisão, terminologia e lexicologia completa. - É cheio de regras ortográficas. É muito difícil. - É difícil e não é melodioso. - Mal falado quando se considera a forma culta. - Língua difícil, porém rica e culta. - Eu amo essa língua que ensinei durante vinte e cinco anos e que é minha língua natal. Gostaria que as pessoas se interessassem mais por seu estudo, não só como matéria escolar mas por ser nosso meio de comunicação. Tenho sempre a sensação de que ela é um “ser” que está ficando doente e o remédio certo para a cura ainda não foi encontrado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gosto muito da língua portuguesa no Brasil, pois ela é mais refinada que em Portugal, mais clara e suave. - É uma língua riquíssima que ainda precisa ser ensinada e aprendida. - É bonito, difícil e agradável. - Confuso até para os brasileiros, que se salvam apelando para gírias e empréstimos da língua americana do norte. - Agradável. - Língua difícil para quem não é falante, mas muito rica. - Acho que é muito mais bonito que o falado em Portugal, mas é claro que esta é uma visão totalmente parcial! - Atrasados, ainda que os filhos desses portugueses já melhoraram um pouco. - Eu diria “os portugueses” do Brasil. Há de tudo, mas predomina o português macarrônico, de palavras quase impronunciáveis. Saindo dos grandes centros, e mesmo em sua periferia, fala-se muito mal o português. - Agradável quando bem falado. - Aberto, claro. Ecoa bem alto. - Um povo bom e batalhador, com traços dos navegadores e colonizadores. - É bastante difícil. - Esta língua varia muito no território nacional. estou certo de que o português popular, tão distante do culto, revela o abismo social de um país cheio de miseráveis.

UNIVERSIDADE PARTICULAR (UP)

Enunciados sobre o português falado no Brasil**Língua Espanhola 1**

- É diferente do português de Portugal porque a língua muda a todo instante, e a distância, a cultura, as diferentes regiões, faixa etária e o gênero (masc./fem) torna a língua vasta, apesar de se ter um só padrão formal.
- É uma língua muito rica.
- Apesar de ser bem diferente do espanhol é sem dúvida uma língua maravilhosa
- Em grande maioria é falado o português coloquial, o português mais culto é falado por minoria.
- Possui influência do espanhol (principalmente no Rio Grande do Sul), fronteira
- Gosto da nossa língua, quando bem utilizada soa muito bem. Apesar de ser uma língua difícil mas mesmo assim acho maravilhoso independente dos sotaques.
- Existem as mudanças, as variações de acordo com cada região, nível social e econômico. As formas: coloquial e padrão.
- Bem diferente do português de Portugal, e totalmente aperfeiçoado.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre o português do Brasil – (questionário versão 2)

1º ano (2º semestre)	4º ano (8º semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Nossa, que mistura, cada estado, cada cidade, cada “tribo” fala de um jeito. Difícil entender todo mundo. - O português do Brasil é maravilhoso, sou apaixonada por minha língua. Existem muito mais regras que o espanhol. - Visto em relação ao português de Portugal é considerado muito diferente. Tem palavras de diferentes línguas incorporadas ao vocabulário, tornando-o mais rico. - É um assunto muito complexo, mas em se tratando da língua em si, deve-se atentar quanto as variações ou variedades. - É um português muito diferente do de Portugal, dos outros países que falam português. É um português mais “melódico”. Mais informal, digamos. - Uma língua muito rica em suas variações. Existem diversos dialetos, principalmente regionais, mas que infelizmente, fora das regiões que são falados, sofrem preconceitos. - Muito rico, cheio de variáveis, diferenças no mesmo território. - É bem diferente do português de Portugal. Há muitas variedades e muitos sotaques. O legal é saber que não há o português falado errado nem o falado feio. 	<ul style="list-style-type: none"> - Uma salada mista, com muitas variações temporárias e diversas variações regionais. - “É o português de Portugal falado com o jeitinho brasileiro”. Expressa a nossa cultura. - Uma língua com muitas regras e normas. Considerada uma das mais difíceis por muitas pessoas. - Acho uma língua oral maravilhosa, rica e com muitas possibilidades lingüísticas, porém o português escrito é muito complicado. Pelo menos aquele que a sociedade gostaria e gosta de ouvir e ler. - Assimilamos muitas palavras do inglês, percebi essa influência principalmente depois que visitei Portugal, pois utilizam as mesmas palavras “traduzidas” para o português, ex. mouse, rato. As variantes são enormes e infelizmente encaradas muitas vezes com preconceito em nosso país. - Deveria ser o “brasileiro” do Brasil, pois na realidade nosso idioma não é português. - Muitos brasileiros falam incorretamente. Observei que no estado de São Paulo, especialmente em Presidente Prudente, as pessoas falam a língua portuguesa muito mal. Nos sul tenho conhecimento que as pessoas falam muito bem a língua portuguesa no Brasil. - O português do Brasil, hoje, é muito diferente do português de Portugal, é o mesmo que ocorre entre o espanhol falado na Argentina e na Espanha, apesar de ser o mesmo idioma, há muitas diferenças.

UNIVERSIDADE FEDERAL (UF)

Enunciados sobre o português do Brasil – (questionário versão 3)

1º ano (2º semestre)	4º ano (8º semestre)
<ul style="list-style-type: none"> - Uma língua de variedade e que além de ser muito difícil (norma culta) é muito diferente do português de Portugal. - É muito rica e complexa sua gramática, sendo talvez um empecilho para os aprendizes, principalmente não-nativos. - Uma língua com grande variação em suas diversas regiões. - É bem diferente do português de Portugal, tem muitas palavras que são totalmente diferentes em sentido ou significado, é como outra língua se comparado ao de Portugal. - Um português muito rico com variantes que refletem a cultura, a economia e o social de cada região. - É a variação lingüística que mais me atrai, não pelo fato de que sou brasileiro e o tenho como língua nativa, mas porque para mim soa melhor. - Embora seja muito fracionado, muito variado, considero uma língua única que se sobressai até do português de Portugal. (o única não é com sentido de unidade) - Riquíssimo. As variações lingüísticas me chamam muito a atenção. 	<ul style="list-style-type: none"> - Existe uma diferença muito grande entre o português brasileiro oral e o português das gramáticas. - Uma língua extremamente heterogênea e de facilidade funcional (comunicativa), apesar das variações. - Muitas variantes, mas uma língua muito bonita e rica. - “Multifacetado”. Parece uma junção de vários idiomas. A variedade lingüística é tão grande que é possível que algum sulista não entenda um nortista. - A minha língua materna. Dou aulas de língua portuguesa num cursinho popular. Quero, num futuro, trabalhar com alfabetização de língua portuguesa de jovens e adultos. - Possui uma enorme variedade lingüística. É uma língua ampla e “maleável”. - Um português brasileiro. - Mal-falado, mal estudado e mal interpretado e mal usado. As pessoas não se interessam pela nossa língua materna, ainda mais agora com a globalização e a tecnologia crescendo cada vez mais.